

Coleção
Sexualidade & Mídias

Ana Cláudia Bortolozzi
Leilane Raquel Spadotto de Carvalho
(Organizadoras)

LEITURAS SOBRE A
SEXUALIDADE
EM FILMES

INTERSECÇÕES SOBRE VÍNCULOS,
DESEJOS E RELACIONAMENTOS

VOLUME 08

Vol. 8

**LEITURAS SOBRE A
SEXUALIDADE EM FILMES:
intersecções sobre vínculos,
desejos e relacionamentos**



GEPESec

Grupo de Estudos e Pesquisa em
Sexualidade, Educação e Cultura



Pedro & João
editores

**Ana Cláudia Bortolozzi
Leilane Raquel Spadotto de Carvalho**
(Organizadoras)

**LEITURAS SOBRE A
SEXUALIDADE EM FILMES:
intersecções sobre vínculos,
desejos e relacionamentos**

VOLUME 8

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Ana Cláudia Bortolozzi; Leilane Raquel Spadotto de Carvalho (Orgs.)

Leituras sobre a sexualidade em filmes: intersecções sobre vínculos, desejos e relacionamentos. Vol. 8. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 256p.

**ISBN: 978-65-87645-77-3 [impresso]
978-65-87645-78-0 [Digital]**

1. Sexualidade em filmes. 2. Vínculos. 3. Desejos. 4. Relacionamentos. 5. Autores. I. Título.

CDD – 150

Capa: Andersen Bianchi

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2020

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
Ana Cláudia Bortolozzi Leilane Raquel Spadotto de Carvalho	
Capítulo 1	
THE MORNING SHOW: OS CONTORNOS IDEOLÓGICOS DO FEMINISMO LIBERAL	13
Maria Flor Di Piero Alekssey Di Piero	
Capítulo 2	
RAINHA: UMA INTERDIÇÃO ALEGÓRICA A PARTIR DAS RELAÇÕES DE CLASSE, RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE NA CONSTRUÇÃO DA MULHER NEGRA	37
Aline de Jesus Maffi Laryssa de Cássia Ramos Gomes Elisabete Figueroa dos Santos	
Capítulo 3	
COMO EU ERA ANTES DE VOCÊ: O DESEJO DE VIVER OU MORRER APÓS UMA LESÃO MEDULAR	59
Patrícia Akitomi da Rocha Ana Cláudia Bortolozzi	

Capítulo 4 SPECIAL: RELAÇÕES AFETIVAS E SEXUAIS DE UM ADULTO COM PARALISIA CEREBRAL Leilane Raquel Spadotto de Carvalho Ana Cláudia Bortolozzi	77
Capítulo 5 ENCONTRO ÀS ESCURAS: SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA VISUAL Débora de Aro Navega Ana Cláudia Bortolozzi	95
Capítulo 6 ELISA Y MARCELA: O RELACIONAMENTO ENTRE DUAS MULHERES E OS CONFLITOS COM UMA SOCIEDADE HETERONORMATIVA DA ESPANHA DO FINAL DO SÉCULO XIX Rinaldo Correr Luciana Maria Biem Neuber	117
Capítulo 7 UM CRIME ENTRE NÓS: A VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL NA VOZ DA VÍTIMA Aparecido Renan Vicente Paola Alves Martins dos Santos Andreza Marques de Castro Leão	137
Capítulo 8 ANJOS DO SOL: A EXPLORAÇÃO SEXUAL DE JOVENS NO CONTEXTO DA MISÉRIA Ana Cláudia Figueiredo Rebolho Paulo Rennes Marçal Ribeiro	157

Capítulo 9 HABLE CON ELLA: A VIDA RESTITUÍDA PELO DESEJO SEXUAL	175
Mary Neide Damico Figueiró Luana Pagano Peres Molina	
Capítulo 10 BELLE DE JOUR: RELACIONAMENTOS E AS INSATISFAÇÕES DO DESEJO	199
Brenda Sayuri Tanaka George Miguel Thisoteine	
Capítulo 11 LUTA DE CLASSES: DIFERENÇA NO TRABALHO VINCULAR E A PARENTALIDADE	223
Bruna Bortolozzi Maia Raissa Pinto Rodrigues Mary Yoko Okamoto	

APRESENTAÇÃO

Ana Cláudia Bortolozzi
Leilane Raquel Spadotto de Carvalho

Chegamos ao oitavo volume da ***Coleção Sexualidade & Mídias*** com outras discussões e reflexões enfocando dois grandes eixos de análise. O primeiro eixo é caracterizado pelos *vínculos*, sejam esses os laços parentais, os amorosos e/ou sexuais. O segundo eixo chamamos de *desejos eróticos*: sua natureza subjetiva ou social, os modelos normativos, o direcionamento libidinal – a partir da psicanálise -, o que seria (ou não) patológico do ponto de vista da ciência psicológica, dentre outras discussões. Há, entretanto, questões importantes que fazem intersecções nesses dois eixos e que, embora apareçam como temas centrais em alguns capítulos, reúnem um sentido fulcral para a compreensão de todos eles: gênero, orientação sexual, raça, deficiência, violência, migração, preconceito, cultura, etc.

São onze capítulos que compõe o Volume 8, ***“Leituras sobre a Sexualidade em Filmes: intersecções sobre vínculos, desejos e relacionamentos”***.

O Capítulo 1, ***The Morning Show: os contornos ideológicos do feminismo liberal***, dos autores Maria Flor Di Piero e Alekssey Di Piero abre esta obra.

É certo que falamos em sexualidades, mulheres e feminismos, mas a questão plural levantada por Maria Flor e Alekssey neste texto problematiza um debate a partir do “pensamento decolonialista”, considerado a crítica da modernidade sustentada por Boaventura de Sousa Santos. Segundo os autores, não é possível pensar em um feminismo sem considerar a interface com outras questões importantes.

Apontam que as próprias críticas feministas foram alvos do neoliberalismo, reconhecendo diferenças de “mulheres” do Sul global e do Norte global. Defendem que a perspectiva da opressão de classe deve dialogar com as desigualdades na vivência das mulheres do Sul global porque elas reproduzem cotidianamente os efeitos da triangulação entre capitalismo, colonialismo e patriarcado e, mais ainda, se constituem enquanto sujeitas a base das opressões de raça, gênero e da exploração de classe.

Analisam, assim, a série *The Morning Show*, com os discursos que incidem a partir da narrativa de denúncia de assédio sexual em uma emissora de televisão, discutindo os movimentos feministas transnacionais contemporâneos, tendo como referência a questão do Sul global. De sua leitura, podemos deduzir um ressignificado para o modo como esse fenômeno tem sido discutido em diferentes contextos e expostos pelos assediadores e pelas mulheres – as que têm ascensão ao poder, e as invisíveis, sem voz e/ou subalternas. Uma reflexão geral e necessária às leituras seguintes de todas as mulheres em seus vínculos, desejos e relacionamentos.

No eixo sobre “Vínculos e relacionamentos” iniciamos, no Capítulo 2, **Rainha: uma interdição alegórica a partir das relações de classe, raça, gênero e sexualidade na construção da mulher negra**, das autoras Aline de Jesus Maffi, Laryssa de Cássia Ramos Gomes e Elisabete Figueroa dos Santos, a relevante discussão sobre a intersecção sexualidade e raça, analisando a personagem Rita (que deseja ser rainha de bateria de escola de samba) e como a sua sexualidade e suas relações interpessoais e afetivas ocorrem nesse contexto. A discussão sobre raça, tão importante quanto gênero, são marcadores sociais que desvelam a historicidade da desigualdade e do preconceito.

Na temática da deficiência e sexualidade¹, a professora Ana Cláudia Bortolozzi acompanha - em parceria com a equipe de pesquisadoras do GEPESEC - três análises de filmes sobre essa temática. No Capítulo 3 **Como eu era antes de você: o desejo de viver ou morrer após uma lesão medular**, da primeira autora Patrícia Akitomi da Rocha, o tema é novo e pouco discutido, tendo como foco o testamento vital (a vontade voluntária de tirar a vida) de um jovem que fica tetraplégico; no Capítulo 4, **Special: relações afetivas e sexuais de um adulto com paralisia cerebral**, da primeira autora Leilane Raquel Spadotto de Carvalho, a análise é sobre o Personagem Ryan, um homem homossexual com Paralisia Cerebral que busca um parceiro e luta contra o próprio preconceito internalizado, e no Capítulo 5, da primeira autora Débora de Aro Navega, **Encontro às escuras: sexualidade e deficiência visual**, a reflexão abrange as vivências afetivas e sexuais de um homem com deficiência visual.

A seguir, ainda na temática dos vínculos e dos relacionamentos, vamos ver a repressão sexual, violência e poder administrando a sexualidade das pessoas. Primeiramente no Capítulo 6, **Elisa y Marcela: o relacionamento entre duas mulheres e os conflitos com uma sociedade heteronormativa da Espanha do final do século XIX**, de autoria de Rinaldo Correr e de Luciana Maria Biem Neuber, abordando a doçura de um amor entre duas mulheres e a repressão sexual contextualizada na época em que o filme se passa. Depois, em dois contextos de violência: no Capítulo 7, **Um crime entre nós: a violência sexual infantil na voz da vítima**, de Aparecido Renan Vicente, Paola Alves

¹ A autora Ana Cláudia Bortolozzi publica em três capítulos neste volume, pois é especialista nesta área e desenvolve e/ou desenvolveu em co-autoria as pesquisas relatadas pelas autoras dos referidos textos apresentados. São parcerias do Grupo de trabalho GEPESEC, responsável pela elaboração deste projeto de Coleção de livros.

Martins dos Santos e Andreza Marques de Castro Leão, retratando o lado obscuro de relacionamentos que envolvem a violência sexual, a partir de relações de poder entre adultos e crianças, e as possíveis consequências dessa violência; e no Capítulo 8, de Ana Cláudia Figueiredo Rebolho e de Paulo Rennes Marçal Ribeiro em **Anjos do Sol: a exploração sexual de jovens no contexto da miséria**, que trata da prostituição infantil em contextos de extrema pobreza no cenário brasileiro, que também irá resultar em relações de violência.

Finalmente, apresentamos o segundo eixo que reúne os últimos três capítulos que tratam do desejo erótico e de sua natureza subjetiva e/ou social.

No Capítulo 9, em **Hable con ella: a vida restituída pelo desejo sexual**, as autoras Mary Neide Damico Figueiró e Luana Pagano Peres Molina, problematizam a linguagem do desejo e do amor em cuidar e possuir uma mulher em coma. Nos capítulos seguintes, à luz da psicanálise, temos no Capítulo 10, **Belle de jour: relacionamentos e as insatisfações do desejo**, de autoria de Brenda Sayuri Tanaka e de George Miguel Thisoteine, reflexões sobre as interpretações clínicas do desejo (satisfeito e insatisfeito) de uma mulher casada e, por fim, o Capítulo 11, de Bruna Bortolozzi Maia, Raissa Pinto Rodrigues e de Mary Yoko Okamoto, denominado **Luta de classes: diferença no trabalho vincular e a parentalidade**, que trata das interpretações sobre a importância da parentalidade como o suporte psíquico da criança na formação do sentimento de pertencimento e de identidade cultural e, ao mesmo tempo, na aceitação – e respeito – pela alteridade, no caso, da atual migração na Europa ocidental.

Convidamos a todos (as) para essa instigante leitura e reflexão constante!

Capítulo 1

THE MORNING SHOW: OS CONTORNOS IDEOLÓGICOS DO FEMINISMO LIBERAL

Maria Flor Di Piero
Alekssey Di Piero

Introdução

A proposta desta breve análise é abordar as táticas de cooptação das mulheres do Norte global e de extratos específicos das mulheres do Sul global ao enquadramento feminista liberal, por meio da representação midiática de “mulheres de sucesso” do mundo corporativo, exemplificada pela série de *streaming* *The Morning Show*. Nossa intenção é somar forças aos movimentos transnacionais feministas contemporâneos que, em um momento agudo da crise estrutural do capital, têm articulado uma oposição autêntica à triangulação entre capitalismo, colonialismo e patriarcado que caracteriza a modernidade.

Para tanto, nos valeremos das concepções de Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019), em debate com o pensamento decolonialista de Gomes (2018) e Martinez e Galindo (2019), considerado a partir do espectro maior da crítica da modernidade sustentada por Sousa Santos (2018). O olhar é o a da explicitação da ideologia nas formas simbólicas que operam pela manutenção das relações de dominação, tal como imaginada no tipo de hermenêutica de profundidade advogada por Thompson (2009).

Para compreender a cooptação dos movimentos feministas da “segunda onda” – aqueles de caráter interseccional e anti-imperialista surgidos principalmente a

partir da década de 1970 – pelo neoliberalismo contemporâneo, Fraser (2009) retoma as quatro características do modelo econômico imediatamente anterior, o capitalismo social-democrata do pós-guerra, organizado pelos Estados de bem-estar social no Norte global (os Estados que compuseram originalmente a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico/OCDE), bem como pelos Estados desenvolvimentistas ditos “pós-coloniais” do Sul global. Na cultura política desse período teria prevalecido um imaginário *economicista* centrado na classe e na justiça distributiva, que teria sido relapso com as diferentes formas de injustiça que afetavam – e ainda afetam – diretamente a vida de uma variedade significativa de grupos sociais.

Da mesma forma, uma concepção *androcêntrica* de cidadania definiria a época: o Estado via no trabalhador homem um “chefe de família”, um cidadão pleno cujo salário seria pensado como um “salário-família”. Decorreria desse entendimento que as formas não-remuneradas de trabalho – o trabalho reprodutivo em contraposição ao produtivo – perderiam o estatuto de trabalho, enquanto o cuidado associado ao trabalho reprodutivo era desagregado da cidadania.

Também, o *estatismo* do capitalismo organizado pelo Estado – na prática, o exercício de um poder tecnocrático – teria por consequência a despolitização e o déficit democrático em sociedades que converteram questões de justiça em problemas técnicos. Por fim, o *westfalianismo*¹ – uma atitude vertical e autocentrada de fortalecimento dos

¹ Termo que se refere ao sistema de Estados territoriais alcançado após a Paz de Westfalia. [...] conhecida como a “ordem westfaliana”, para a qual a soberania é territorial e não existe autoridade suprema acima dos Estados. E segundo alguns autores, este é um marco de início do estudo das Relações Internacionais” (OLIVERIA, 2009, p. 117).

territórios nacionais – contribuiria para a diminuição da importância dos direitos humanos e da sensibilidade às desigualdades entre países do Norte e do Sul, o que impactaria sobre grupos marginalizados de imigrantes e refugiados.

De acordo com Fraser (2009), esse feminismo crítico teria se erguido, portanto, contra essas quatro características: primeiro, rejeitando o reducionismo distributivista, que supunha toda desigualdade como injustiça distributiva; além disso, as feministas da segunda onda “[...] expuseram o salário familiar como o ponto no qual convergiam a má distribuição de gênero, a falta de reconhecimento e a falta de representação” (FRASER, 2009, p. 19). Isto se deu por uma linha de estudos que procurou descentralizar o trabalho assalariado e valorizar as formas invisibilizadas do trabalho reprodutivo realizado, em sua maior parte, por mulheres em todo o mundo.

Em terceiro lugar, houve uma crítica generalizada das hierarquias e do mundo verticalizado das social-democracias do pós-guerra, associadas por estas feministas a uma perspectiva masculinista do mundo: esses movimentos teriam sido relevantes na defesa da ampliação participativa e democrática, especialmente nas próprias instituições do Estado. Fraser (2009) aponta também um traço internacionalista nesse feminismo, apesar de admitir alguma ambivalência no trato com o *westfalianismo*, uma vez que, apesar da solidariedade transnacional, a principal preocupação desses movimentos ainda era a transformação do Estado.

Fraser (2009) chama de “astúcia da história” os caminhos percorridos pela crítica feminista que, alguns anos mais tarde, seriam alvo da apropriação do neoliberalismo em ascensão a fim de serem colocados à serviço dos objetivos do grande capital financeirizado. No novo ambiente neoliberal, o capitalismo organizado pelo

Estado daria lugar à fórmula oposta, em que a política se tornaria submissa aos mercados e o dirigismo keynesiano seria progressivamente substituído pelas políticas de privatização e desregulamentação.

As ideias da segunda onda do feminismo passaram assim a transitar em um ambiente mais flexível, avesso às antigas hierarquias e à estrutura industrial. No Norte global, a era *cool* da tecnologia dava seus primeiros passos e evoluía as práticas *offshore*, enquanto no Sul global o desenvolvimentismo sofreria o impacto da abertura dos mercados, das privatizações e do crescimento exponencial do terceiro setor. No entender de Fraser (2009, p.23) o efeito neoliberal “[...] foi ‘ressignificar’ os ideais feministas. As aspirações que tiveram um claro impulso emancipatório no contexto do capitalismo organizado pelo Estado assumiram um significado muito mais ambíguo na era neoliberal”.

Dessa forma, o *antieconomicismo* das feministas seria cooptado pela via das políticas de identidade pró-reconhecimento, absolutamente necessárias a princípio, mas apropriadas sem qualquer referência crítica ao sistema do capital no momento seguinte. À crítica da cultura seguiria uma “guerra cultural”, vantajosa para que o neoliberalismo tocasse sem preocupações seu projeto econômico, correspondente à última fase da globalização dos mercados. O *antiandrocentrismo* feminista seria usado de forma ainda mais nefasta: em lugar do “chefe de família” e do salário-família, o neoliberalismo proporia a família com dois assalariados, em que as mulheres conquistariam sua “independência financeira”. No entanto, para a grande parte das mulheres do sul global, a independência neoliberal viria acompanhada de várias jornadas de trabalho, incluindo aí todo o trabalho reprodutivo que continuaria invisibilizado e não-remunerado. Como aponta Fraser (2009, p.25)

Não importa que a realidade que subjaz o novo ideal sejam os níveis salariais decrescidos, diminuição da segurança no emprego, padrões de vida em declínio, um aumento abrupto no número de horas trabalhadas em troca de salários por família, exacerbação do turno dobrado – agora frequentemente um turno triplo ou quádruplo – e um aumento de lares chefiados por mulheres. O capitalismo desorganizado vende gato por lebre ao elaborar uma nova narrativa do avanço feminino e de justiça de gênero.

Da mesma maneira, o *antiestatismo* feminista da segunda onda seria, aos poucos, levado a conspirar contra o sistema de bem-estar social keynesiano. Fraser (2009) salienta como, no Sul global, o feminismo teria sido apropriado para dar suporte à expansão das Organizações não Governamentais (ONGs) e ao conseqüente desmantelamento do Estado. Hoje poderíamos, sem arriscar muito, incluir também a abertura ao assistencialismo para-estatal de cunho religioso na América Latina que, em poucas décadas, se transformaria em uma das principais máquinas de alimentação do fundamentalismo cristão abertamente antifeminista relacionado ao apoio à extrema-direita e ao fascismo social².

Ainda, a autora acima aborda a ressignificação da complexa relação dos movimentos feministas com o *westfalianismo*. A crítica ao Estado-nação patriarcal e centralizador, unida aos desenvolvimentos tecnológicos das últimas décadas e às conexões com outras organizações políticas diretamente relacionadas a questões transnacionais, como é o caso de muitos

² Trata-se do “[...] regime social de relações de poder extremamente desiguais que concedem à parte mais forte o poder de veto sobre a vida e o modo de vida da parte mais fraca” (SANTOS, p. 653, 2018).

movimentos ambientalistas, auxiliaria, por um lado, a comunicação e a expansão do feminismo ao redor do globo. Por outro lado, o caráter internacionalista do movimento encontraria nas organizações internacionais – nas conferências pró-direitos das mulheres principalmente – um ambiente próspero, mas ambíguo, à medida em que o traço colonialista de várias dessas organizações e as dificuldades ao redor do fechamento de acordos muitas vezes operariam de forma a invisibilizar as mulheres do Sul global ou a rebaixar pautas necessárias.

A crítica de Fraser (2009) mantém uma atualidade desconcertante mais de dez anos após sua publicação. Na segunda década deste século, assistimos à continuidade da cooptação das lutas por reconhecimento pelo “neoliberalismo progressista” e a emergência de movimentos identitários transnacionais com base na raça, no gênero e nos diferentes padrões de sexualidade que têm no Norte global seu principal impulsionador e divulgador. Laços de solidariedade vêm se estendendo ao redor do planeta a fim de impulsionar pautas de identidade nos marcos do neoliberalismo dominante: há um esforço declarado de grandes setores do capitalismo para integrar a diversidade humana, desde que essas identidades possam ser incluídas como nichos de mercado em atendimento às formas mais recentes do consumo. É justamente esse contorno preciso do território da inclusão que têm excluído grupos inteiros no Sul global, incapaz de cumprir as promessas de cidadania e consumo oferecidas às minorias do Norte.

É preciso admitir a legitimidade das pretensões de justiça e a expansão veloz das lutas por reconhecimento, mas também investigar seu *modus operandi* e limites. O caráter superestrutural desses movimentos – em um sentido marxista – que faz com que eles operem no nível da linguagem, sugere algo mais além da capitulação na luta de

classes e sua conseqüente substituição pela “guerra cultural”. Há o pressuposto contemporâneo da linguagem como um campo de articulação de engajamentos sustentados em um horizonte ontológico, ou seja, a abertura de espaços de re-existência das formas-de-vida³ para além da resistência política. Esse entendimento da linguagem é a inovação posicional dessas lutas, que se recusam a se reduzir à cisão entre exploração e opressão que perturba, com doses elevadas de mecanicismo, o pensamento crítico moderno.

Fraser (2009) pode estar enganada quanto ao tipo de ênfase que dá ao capitalismo e, em especial, deixa transparecer a cisão exploração-opressão em seu texto, mas acerta ao destacar a luta de classes. Afirmar isto não implica enxergar um caráter histórico original ou mesmo integrador na classe, mas uma abertura ao entendimento das determinações dos fracassos políticos do identitarismo neoliberal frente a sua imagem espelhada monstruosa, o ultraconservadorismo neofascista contemporâneo. Sem posicionar corretamente a classe na triangulação com a raça e o gênero, as lutas conspiram contra si mesmas sem um projeto de emancipação claro e um futuro para além dos limites do capitalismo. É o tipo de problema que pode se observar em alguns raciocínios decolonialistas⁴ que, por oposição às reduções marxistas, têm no colonialismo a raiz de todos os males. Da mesma forma, o horizonte das lutas de re-existência de gênero não pode prescindir do reconhecimento da luta de classes, com o risco de sugerir

³ Refere-se ao conceito de *bios* tal como apropriado por Agamben (2015): “[...] forma ou maneira de viver própria de um indivíduo ou de um grupo” (p. 13), aonde também lemos que “[...] uma vida jamais pode ser separada da sua forma [...]” (p. 13).

⁴ Termo utilizado para descrever o “giro decolonial” epistemológico que diferencia e aprofunda a crítica realizada nos estudos pós-colonialistas (BALLESTRIN, 2013).

erros táticos grosseiros, como o que sucede no texto de Martinez e Galindo:

Cabe se perguntar aqui: por que só é possível pensar as alianças entre os movimentos mas não alianças interclassistas entre mulheres? É preciso orquestrar uma interpretação polarizante que divida os feminismos e que se oponha à própria mobilização internacional pela greve que afirma o caráter de inclusão da luta? (MARTINEZ; GALINDO, p. 80, 2019).

Longe de querer reduzir a opressão à exploração ou o gênero à classe, o que se reclama é a possibilidade de enxergar uma dimensão da luta de classes também como uma luta por reconhecimento. A inserção precisa da classe na linguagem é uma tarefa emancipatória da ofensiva socialista disposta a trafegar pela pós-modernidade: o movimento que gira a consciência de classe como identidade se abre, em um nível ontológico, à gramática das diferentes lutas por reconhecimento e, ao mesmo tempo, pode afirmar sem ambiguidade as formas-de-vida associadas à classe trabalhadora.

É fácil confundir essa – certamente desfiguradora – apropriação do pensamento marxista com mais um apelo reformista, dado que as pretensões comunistas envolvidas na luta organizada de classes passam ao largo de uma luta por reconhecimento e o que está em jogo é a extinção da classe capitalista. Entretanto, tal como demonstra Mészáros (2011), o que se tem em vista no projeto comunista é antes a extinção do sistema do capital, do qual o capitalismo é um momento. Se a identidade trabalhadora se restringir a presente oposição à classe capitalista, se afirmando como classe alienada, não veremos aí qualquer possibilidade emancipatória.

Mas se o que se tem em mente é a identidade de classe segundo a noção mais ampla do trabalho, não somente nos termos mais amplos do próprio Marx – quem vê no trabalho o salto à existência humana – mas também a abrangência proposta por Arruzza (2015; 2017) e Bhattacharya (2019) – que vão um passo além e incluem todo o cuidado envolvido na reprodução da existência – temos então uma identidade de classe que só encontra sua re-existência na derrocada do capital.

Para usar do jargão dicotômico, a perspectiva da opressão de classe pode estabelecer diálogos bem-sucedidos – em comparação à perspectiva da exploração de classe – com as especificidades das desigualdades em causa na vivência das formas-de-vida das mulheres do Sul global, quem mais sofrem na triangulação entre capitalismo, colonialismo e patriarcado. Segundo Gomes (2018) o pensamento decolonial prescreve não uma intersecção – o que pressupõe áreas distintas que se sobrepõem – mas sim um campo de determinações em que as opressões de raça, gênero e a exploração de classe se integram de modo constitutivo. Nos termos apresentados pela autora, entretanto, a inserção das determinações de classe é refletida pela via da exploração, prioritariamente, em detrimento de aspectos vivenciais. Com isto, a emancipação de classe nos âmbitos dos afetos e projetos cedem lugar à vivência da opressão colonial e de gênero, deixando de fora o reconhecimento dos tipos de horizonte pós-capitalistas que poderiam estar implicados em uma identidade de classe.

Além da óbvia razão econômica na noção de classe, as resistências ao deslocamento vivencial do conceito podem estar relacionadas à consideração de que, no sistema do capital, a exploração de classe prescinde do sofrimento vivencial da opressão – na medida em que a classe trabalhadora pode se identificar às formas-de-vida burguesas. De toda forma, o fenômeno da identificação à

opressão também pode ocorrer nas desigualdades de raça e gênero, sendo notável, portanto, a ausência do reconhecimento de aspectos vivenciais de classe em momentos importantes do discurso feminista decolonialista, em especial àqueles que fazem menção aos afetos e projetos mais concretos de emancipação da classe trabalhadora. Ao repensar o campo integrado das determinações segundo as prescrições de Gomes (2018) permitindo surgir daí a dimensão vivencial de classe poderemos nos surpreender com o entrelaçar profundo de afetos e projetos capazes de pavimentar caminhos entre a raça, o gênero e a revolução.

O caso de Martinez e Galindo (2019) é emblemático, pelas contradições mesmas da crítica ao recente *Feminismo para os 99%: Um manifesto* (2019) de Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019). Martinez e Galindo (2019) não poupam a convocação política, dando a entender que o manifesto representaria uma tentativa de cooptação dos movimentos feministas contemporâneos. No entanto, ao mesmo tempo em que procuram denunciar certo dirigismo marxista, o texto de Martinez e Galindo (2019) determina no discurso as origens, pertencimentos e rumos possíveis aos mesmos movimentos considerados por Fraser (2009).

Parte do problema parece estar relacionado às dificuldades impostas pela transnacionalidade descentralizada das organizações políticas contemporâneas e um receio justificável da constituição de uma fantasia de totalidade tomada a partir do Norte global – universalização da qual Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019) são acusadas. A aceitação de um movimento feminista global sofre aí com a rejeição do internacionalismo *per se* – a suposição de toda globalização como hegemônica e de todo transnacionalismo como um ardid do Norte global – deixando a impressão de que o pensamento feminista classista do Norte estaria fundamentalmente comprometido com a direção das vozes do Sul.

No entanto, a crítica de Martinez e Galindo (2019) é prejudicada pela ausência de quaisquer referências a um projeto de emancipação global, um sentido estratégico para suas considerações táticas. Sem isto, as autoras caem justamente naquilo que criticam: a relativização sem-saída do neoliberalismo progressista de Merkel é um exemplo adequado de rendição às políticas hegemônicas do Norte global. Fraser (2009) é pragmática na exposição do feminismo liberal como uma falsa bandeira operada desde interesses capitalistas e – se tomarmos o campo de determinações integradas como verdadeiro – também colonialistas e patriarcais.

Estranha que Martinez e Galindo (2019) encontrem sentido tático na solidariedade interclasse entre mulheres, mas não vejam problemas na desconstrução dos esforços de Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019) de impulsionar a globalização dos movimentos feministas enquanto lutam contra a cooptação neoliberal. Ironicamente, o movimento anticapitalista advogado pelas autoras seria uma das maiores garantias de globalização dos movimentos feministas a partir das vozes Sul, uma vez que o risco de universalização pelo feminismo liberal do Norte é muito maior do que quaisquer ambições dirigistas do feminismo classista.

Parte do problema está na identificação dos limites entre o hegemônico, o contra-hegemônico e o não-hegemônico, uma das maiores contribuições do pensamento pós-colonialista e “pós-moderno de contestação” de Boaventura de Sousa Santos. Para o sociólogo, os movimentos políticos atuais podem ser submetidos a uma análise diferencial dos projetos de poder neles envolvidos. Um movimento anti-hegemônico comprometido com a mera substituição do poder hegemônico – em outras palavras, um movimento incapaz de articular honestamente a crítica ao capitalismo, ao

colonialismo e ao patriarcado – não pode ser alinhado ao pensamento contra-hegemônico.

É o caso dos movimentos ultraconservadores de caráter neofascista mencionados anteriormente: seus traços “iliberais” permitem o uso de alguma gramática das lutas por reconhecimento em um eixo identitário classista que procura cooptar a classe trabalhadora – pensemos nas bandeiras contra um suposto globalismo das elites progressistas (DI PIERO, 2019). Sem contar realmente com os elementos afetivos e projetivos implicados nas formas-de-vida associadas à classe, tais movimentos acabam recaindo na antiga fórmula fascista das identidades nacionais. Os projetos de poder aí em causa se reduzem à substituição e reprodução das mesmas desigualdades impostas pelo poder hegemônico – provavelmente ainda piores – e, por isso, Sousa Santos (2018) prefere nomeá-los como simplesmente não-hegemônicos.

Daí a importância do horizonte anticapitalista na constituição dos movimentos contra-hegemônicos. O pensamento feminista decolonial que se furtar a esse horizonte pode acabar cumprindo – seja mais ou menos consciente disso – a agenda hegemônica ou não-hegemônica que atravessa não apenas a classe, mas também a raça e o gênero. O objetivo de Fraser (2009) ao destacar as formas de cooptação do feminismo pelo liberalismo não é o abandono da luta contra-hegemônica contra a autoridade masculina tradicional, que permanece absolutamente necessária à crítica feminista. Trata-se do rompimento da passagem fácil dessa crítica ao seu duplo neoliberal – que promete liberação, mas de fato está profundamente imbricado nas formas hegemônicas da dominação.

É a partir desta discussão, portanto, e de um olhar favorável à constituição dos movimentos feministas transnacionais contemporâneos – sem perder a referência a uma globalização desde o Sul – que nos aproximamos da

série *The Morning Show*. Para além da apreciação estética da série – um caso certo de direção, atuações e entretenimento geral – há uma ou duas palavras que merecem ser escritas sobre a ideologia nas formas simbólicas orientadas pela narrativização das pautas progressistas em uma perspectiva hegemônica.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	<i>The Morning Show</i>
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Drama
Ano	2019
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América (Apple Tv+), inglês.
Duração	10 episódios
Direção	Mimi Leder

The Morning Show é uma série de produção e distribuição da Apple TV+, o serviço de *streaming* da gigante de tecnologia Apple. Produzida e estrelada pelas atrizes Jennifer Aniston e Reese Witherspoon, é inspirada na obra literária intitulada *Top of the Morning: Inside the Cutthroat World of Morning TV* de Brian Stelter (sem tradução para o português). *The Morning Show* foi indicada em 8 categorias na premiação *Primetime Emmy Awards 2020*, incluindo melhor direção (Mimi Leder), melhor ator (Steve Carrel) e melhor atriz (Jennifer Aniston). Também foi indicada a três Globos de Ouro 2019 na modalidade melhor série (drama) e melhor atriz (para Jennifer Aniston e Reese Witherspoon).

A série aborda um tradicional programa jornalístico matinal estadunidense com dois apresentadores: Alex Levy (atriz Jennifer Aniston) e Mitch Kessler (ator Steve Carrel). A trama se desenvolve em torno da demissão de Mitch da

emissora em que trabalhou ao lado de Alex por 15 anos, devido a acusações de assédio sexual no trabalho. Quando as denúncias se tornam públicas abrem uma crise interna na produção do programa, bem como na direção da emissora. Com referências claras ao movimento #metoo, *The Morning Show* aborda o contexto das mais recentes discussões sobre assédio sexual nos Estados Unidos, com atenção detalhada às nuances dos comportamentos admissíveis nas organizações e suas implicações. Além disso, a série também retrata o espírito da época, em diálogo direto com a crise da masculinidade tradicional e seus problemas com o empoderamento feminino.

Além de Alex e Mitch, outras personagens relevantes para esta análise são Charlie “Chip” Black (ator Mark Duplass), diretor do programa que dá título à série e Dick Lundy (ator Martin Short), um cineasta famoso amigo de Mitch e também acusado de assédio, com exposição pelo movimento #metoo. A escolha das personagens obedece ao recorte na análise dos aspectos ideológicos da série e não sua importância para a trama em si.

Análise Crítica

Ao problematizarmos alguns componentes do enredo e do enquadramento político da série, não temos em vista conspirar contra as práticas do principal movimento em questão, o #metoo. *The Morning Show* retrata – por mais de uma vez – o #metoo como uma das cabeças de uma suposta hidra autoritária do politicamente correto que teria emergido no século XXI para sufocar a espontaneidade nas relações humanas. Se, por um lado, o enredo geral da série dá suporte ao movimento, demonstrando quão terrível é a vivência do tipo de violência por ele denunciada, por outro, assume uma posição ambígua e um tanto desconfortável ao deixar falar sem amarras personagens masculinas

assediadoras que se valem do típico enquadramento liberal das liberdades civis estadunidenses – como as liberdades individuais de crença, expressão e relações consentidas – para defender a violência sexual. Nossa atenção não se debruça, aqui, sobre a necessidade e importância – inclusive em um certo nível global – desse movimento, mas em como a dissociação das práticas de exposição da violência masculina de seus contextos originais podem contribuir para a sustentação de desigualdades ainda maiores em outros contextos.

Faz-se referência aos limites das práticas de exposição no Sul global. Enquanto o problema da violência mais sutil – e a não sutil – contra as mulheres no universo das grandes organizações do Norte global é adequadamente retratado pela série, é ignorado o fato de que o mesmo tipo de exposição da violência e seus desdobramentos no Sul global não poderiam atender aos mesmos critérios. Considere-se, em particular, a reação masculinista de Mitch Kessler ao se descobrir acusado. A personagem dá início a reflexões sobre como e porque os alvos anteriormente expostos caíram diante do movimento. Para ele, teria faltado a esses homens “bater de volta”, querendo com isto significar o uso do espaço das próprias mídias para falar, entregando ao conjunto da sociedade uma versão pessoal dos fatos que disputaria com a narrativa do assédio.

Mitch desenvolve a crença de que a melhor estratégia seria enfrentar o #metoo “de frente” e para isto convida seu amigo e cineasta Dick Lundi para uma conversa em que propõe a filmagem de um documentário que daria voz aos acusados. Travestido como uma defesa dos direitos de expressão e de escolha, a ideia inicial de Mitch é “separar o joio do trigo”, mostrando às pessoas que parte daqueles taxados como assediadores não seriam de fato violentos, mas homens comuns que usaram de sua liberdade e

inclinação pessoal para ter relações consentidas com mulheres com quem também trabalham – e nada mais. A teoria de Mitch avança então para o traçado de uma linha divisória entre um tipo inofensivo de galanteador – alvos de uma suposta “segunda onda” do #metoo – e os verdadeiros predadores sexuais – os alvos da “primeira onda”. Os rumos da conversa, no entanto, acabam deslocando a personagem:

Dick Lundy: *É o seguinte. Tudo pode ganhar outro contexto. Pegaram os filmes que dirigi e os perverteram para caber na narrativa. Abraços e Amor, certo? É um retrato sutil da adaptação cultural da minha avó.*

Mitch: *É maravilhoso. O favorito da minha mãe.*

Dick Lundy: *Agora só falam no que teria feito às protagonistas. Desde quando abraçar é pecado?*

Mitch: *Foda-se. Adoro abraçar.*

Dick Lundy: *Abraço é gostoso.*

Mitch: *Sim. Coisa de louco.*

Dick Lundy: *Não. Coisa de louco é como adoraram o título Jessica, a Fácil e me destruíram por isso.*

Mitch: *Caramba. Entende? Subverteram tudo.*

Dick Lundy: *Nem sequer entendo qual é o recado dado. Que as mulheres não podem fazer suas escolhas sexuais? Atacam e dane-se a verdade. Tenho pena da garotada. Consentimento não é nada sensual.*

Mitch: *Bem...*

Dick Lundy: *Não era isso que eu queria dizer. Minha ideia é que... a humanidade acontece no que é implícito, e me sinto mal por uma geração que perde isso.*

Mitch: *Você disse muito bem. Foda-se.*

Dick Lundy: *Foda-se.*

Mitch: *Não estamos na prisão.*

Dick Lundy: *Só a da opinião pública.*

Mitch: *É disso que quero falar. A discussão, esse tal de #metoo, é puritano e míope pra cacete. Não se fala nisso. A mulher*

pode falar de você. Não importam suas motivações. E tudo que fez na vida vai por água abaixo. A carreira é apagada.

Dick Lundy: Você não merecia.

Mitch: Você não merecia! Tenho uma ideia. Vamos fazer um documentário. Você dirige, eu entrevisto. Faremos com que olhem os fatos, olhem para nós. Pedimos para participar da conversa. Quer dizer... fizemos algo errado, muito bem. O quê? Se é o que pensa, beleza, mas me explique, porque não entendo.

Dick Lundy: Uma conversa com as vítimas.

Mitch: Sim. E pode ser feito com inteligência. Não vamos chamar de vítimas. Acho que... Melhor não concedermos isso.

Dick Lundy: Não, vamos chamar de vítimas, mas provamos porque não são.

Mitch: Não sei se devemos usar jornalismo de pegadinha com as acusadoras.

Dick Lundy: Foda-se! Usaram contra nós. "Te peguei! Dou para você pelo papel e ganho o Oscar." E depois: "Tenho 50 anos e sou irrelevante, vou acusar de estupro e forçar um acordo." Como se aquela trepada merecesse um centavo. Não, está errado.

Mitch: Uau, isso é verdade?

Dick Lundy: "Te peguei! Falei que tinha 20, mas só tinha 15." Mentira. "Por que parece uma mala velha?" Daria tudo para ver a certidão de nascimento dela.

Mitch: Por que eu não soube dessa?

Dick Lundy: Porque ela apelou à justiça. Mas que puta chance! Prescreveu, meu bem. Às vezes você diz: "Que Deus abençoe a América." Finalmente protegido.

Mitch: Sim, bem, talvez só entrevistar os homens, pode ser ingenuidade pensar que as mulheres aceitariam participar.

Dick Lundy: Será que o Cosby topa?

Mitch: Não, vamos... Não. Acho que outra ideia sagaz seria abordar as especificidades do movimento #metoo. Houve uma primeira onda de acusados, depois uma segunda onda e podemos tratar das nuances entre as duas.

Dick Lundy: Não entendi.

Mitch: *A primeira onda foi bem ruim. Os acusados da segunda onda eram diferentes, não devemos ter medo de falar disso.*

Dick Lundy: *Seja mais claro, Mitch.*

Mitch: *Você é um predador sexual de verdade. Querem que você aceite isso.*

Dick Lundy: *Em contraste com... o que você é exatamente, Mitch?*

Mitch: *Não sou você.*

Deve-se notar que, apesar da má-fé envolvida na sustentação de uma interpretação reducionista e individualista do consenso como cobertura às suas ações violentas, a resposta “agressiva” de Mitch pode ser situada nos termos próprios da liberdade de expressão e da lei vigentes no Norte global. Quando Sousa Santos (2018) apresenta o Norte global pela tensão entre regulação e emancipação, tem em vista um território ontológico que carrega expectativas de cumprimento das promessas fundamentais da modernidade.

O espaço metropolitano não é impeditivo nem mesmo às violências mais graves, mas continua sendo uma zona de esperança garantista a quem se estende os privilégios de sua cidadania. Este é o ambiente em que se movimenta Mitch, em oposição à tensão entre apropriação e violência que, segundo Sousa Santos (2018) define a área colonial. A linha divisória inventada por Mitch reaparece então como um fantasma da linha abissal que separa as lógicas do Norte e do Sul: uma tentativa de separar os jogos envolvidos nas formas-de-vida “civilizadas” da brutalidade das formas-de-vida “selvagens”.

Sem que a personagem se dê conta, a relação de dependência prevista por Sousa Santos (2018) entre esses dois territórios do ser – a ideia de que na modernidade não pode haver Norte sem Sul e vice-versa – retorna no diálogo entre Mitch e Chip Black, diretor do programa matinal,

estabelecendo as relações concretas entre o inofensivo galanteador e os predadores sexuais:

Mitch: Cobri vários desses casos nos últimos anos para saber que quando o #metoo bate à porta há duas opções. Arrepende-se e chorar baldes de lágrimas de crocodilo, rezando até desfalecer, para que tudo suma num passe de mágica ou pode lutar. É o que farei, Chip. É a melhor linha de ação. Contratarei outro advogado, vou mostrar a cara, não me esconder de vergonha. Vai dar certo.

Chip: Não apareça à noite. Não faça isso com a Alex.

Mitch: O smoking está passado. Não dá para “despassar”

Chip: É.

Mitch: Eu vou. E os repórteres nova-iorquinos hipócritas... Vou entrar e olhar os filhos da puta nos olhinhos e dizer: “Estou aqui. Estou vendo você.”

Chip: Isso é suicídio. Falando nisso, você gritou com uma mulher na rua? Porque está no twitter. Você não pode fazer essas merdas!

Mitch: Tenho que me defender! Não vou deixar que me difamem em público outra vez.

Chip: Saquei! Está irritado! Chateado! Na defensiva. Só que está com as emoções muito à flor para ir lá e ser convincente, está bem? Pare de bancar o inocente, ao menos para mim.

Mitch: Sou tão inocente quanto qualquer homem de meia-idade hétero. Só que isso parece ilegal agora. Isso é macartismo. Todos sabem, mas quem tem coragem de falar em voz alta?

Chip: Eu direi. O público é muito veloz para julgar os homens. Concordo com você. O movimento #metoo parece exagero por séculos de má conduta. Nós, esclarecidos, nada temos com isso. Mas Mitch, quer mesmo que invadam sua vida particular? Acha que isso o inocentará?

Mitch: Primeiro pegaram os estupradores.

Chip: Que?...

Mitch: Nada falei, pois não estupro. Depois pegaram os poderosos e não falei nada porque não sou poderoso. Mas o que fará quando pegarem os safados comuns, triviais, como você, Chip? Quem sobrar para te defender?

Chip: *Vou embora, ok? Não vá lá hoje. Pare de falar. Comece a ouvir, porra, e escute em casa.*

Mitch: *Quem vazou para o Times?*

Chip: *Pare de falar Mitch.*

Mitch: *você fez boquete em quem para não perder o emprego?*

Nos vemos daqui a pouco.

Mitch Kessler demanda ser ouvido e quer uma defesa jurídica imparcial. Sua estratégia é a do convencimento, mas também a expressão individual da condição ontológica estrutural da regulação sustentada pela barbárie. Em outras palavras, as mulheres do Norte só podem contar com a luta no território da regulação e emancipação às custas da fragilidade das mulheres do Sul diante da apropriação e violência diretas.

É essa desigualdade abissal que poderia induzir uma solidariedade maior no discurso das formas simbólicas midiáticas constituídas no Norte global – o que falta extensamente à série e nos remete ao seu pano de fundo ideológico. Guardando-se alguns momentos fugazes de questionamento real de estereótipos, o modelo de empoderamento feminino em *The Morning Show* segue de perto aquele das grandes organizações no sistema do capital, ao qual Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019) resumem por “fazer acontecer”.

Esse discurso, que sintetiza o feminismo liberal, opera dentro dos marcos mais seguros no Norte: o reconhecimento do poder das mulheres pelo mérito individual e a exposição da masculinidade tóxica em uma batalha jurídica e comunicacional. Podemos representar esse discurso por outras sentenças como: “*Eu não devo me sentir intimidada ao assumir posições de poder*” ou ainda “*Eu mereço tal posição e não devo prestar favores sexuais para ascender a ela*”.

Independentemente do quão corretos sejam esses raciocínios em um plano formal, trazê-los à concreticidade dos diferentes contextos pode revelar a dimensão econômica restritiva dessa perspectiva de empoderamento, que certamente não basta como estratégia de enfrentamento às mulheres do Sul global. Aqui, a imensa maioria das mulheres não circula por uma grande organização do sistema do capital – espaço reservado às mulheres que acumulam privilégios de raça e classe – e nem vislumbra algo do tipo em seus horizontes existenciais.

As mulheres do Sul acumulam jornadas de trabalho produtivo e reprodutivo, este último bastante subrepresentado na série – a ausência de personagens cuidadoras faz parecer que as casas se limpam sozinhas e os filhos criam a si mesmos. Há inclusive certo glamour em algumas personagens, associado aos custos do poder feminino: o caso de Alex, por exemplo, quem abertamente negligencia o papel de cuidadora da família. Por outro lado, poderíamos perguntar quantas mulheres podem – sem graves consequências – negligenciar o cuidado familiar no Sul global.

Por fim, a prática da exposição no “estilo #metoo” no Sul global – em que a segurança jurídica se limita à função do verniz – pode expor as mulheres denuncianteas a violências mais graves e ameaças diretas a suas vidas, em um ambiente em que o feminicídio é naturalizado e invisibilizado pelas próprias estruturas “de segurança”, atingindo números ultrajantes. Assim, as regras do Norte sobre as quais a série é pressuposta não podem ser diretamente transferidas ao Sul, em que os saberes constituídos nas lutas contra a violência direta às mulheres sugerem formas próprias de organização, denúncia e exposição.

Não à toa, basta uma comparação superficial entre os nomes do #meetoo e do movimento #niunamenos – movimento argentino que se tornou um dos principais

expoentes das lutas das mulheres em uma escala transnacional – para se ter uma ideia do que está em causa nas diferenças abissais. Considerando isto, pode-se esclarecer algo do sentido ideológico no carreamento dos modelos do feminismo neoliberal ao Sul global pela via das formas simbólicas midiáticas: a instrumentalização das mulheres do Sul, não em função das demandas das mulheres do Norte, mas principalmente da ressignificação do feminismo pelos interesses do capital.

Considerações Finais

Voltemos de forma melhor conclusiva ao raciocínio de Fraser (2009) aplicado a *The Morning Show*. Pode-se identificar a ressignificação do antieconomicismo na apresentação do problema do assédio sexual no trabalho e da conseqüente exposição dos assediadores como elementos de uma “guerra cultural” pela ascensão das mulheres ao poder, bem como pela ausência de menções às mulheres subalternas.

O antiandrocentrismo ressignificado surge na glamourização da ascensão das mulheres nas organizações, das suas formas mais democráticas, horizontais e empáticas de poder e de seus supersalários, explicitados pelos padrões de consumo de suas vidas privadas – o luxuoso apartamento de Alex é um exemplo. O antiestatismo e o *westfalianismo* ressignificados aparecem em um enquadramento em que as questões de classe e justiça social são invisibilizadas – tudo se passa no interior do universo competitivo das grandes corporações de televisão, em que a diversidade de gênero e raça estão presentes, mesmo que em uma posição inferior na hierarquia do poder. A presença do Estado não é sentida em nenhum momento da série.

Tendo em vista o público feminino privilegiado do Sul global que têm acesso, nesse momento histórico, a um *streaming* pago voltado às elites como a *Apple TV+* e considerando os valores neoliberais “progressistas” muito associados às grandes empresas de tecnologia do Vale do Silício, preocupa as poucas estratégias de enfrentamento com as quais as mulheres do Sul podem vir a recepcionar tais mensagens. A identificação ao tipo restritivo de pensamento feminista estimulado por *The Morning Show* pode comprometer o entendimento dos silêncios impostos às mulheres subalternas e aprofundar ainda mais os abismos vivenciais das desigualdades sociais deste lado da linha abissal.

Referências

- AGAMBEN, G. **Meios sem fim**: notas sobre a política. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- ARRUZZA, C. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Revista Outubro**, São Paulo, n. 23, p. 33 – 58, 1º sem. 2015.
- ARRUZZA, C. Funcionalista, determinista e reducionista: o feminismo da reprodução social e seus críticos. **Cadernos CERMARX**, Campinas, n. 70, p. 39-60, 2017.
- ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%**: um Manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 11, p. 89-117, Ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522013000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 Ago 2020.
- BHATTACHARYA, T. Explicando a violência de gênero no neoliberalismo. **Marx e o marxismo – Revista do NIEP Marx**, Niterói, v. 7, n. 12, p. 13 – 37, jan/jun, 2019.

DI PIERO, A. **Ensaio sobre a cidadania global**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

FRASER, N. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. **Mediações**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 11-33, 2009.

GOMES, C. de Magalhães. Gênero como categoria de análise decolonial. **Civitas, Rev. Ciênc. Soc.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 65-82, Abr. 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-60892018000100065&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 ago 2020.

MARTINEZ, T. O.; GALINDO, M. Z. Leitura crítica de um manifesto feminista populista. **Revista USP**, São Paulo, v. 122, p. 71-86, Jul/Ago/Set. 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/162621>. Acesso em 29 Ago 2020.

MESZÁROS, I. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

OLIVEIRA, A. B. de. Intervenções humanitárias: a tensão entre os direitos humanos e a soberania. **Carta Internacional**, Belo Horizonte, v. 4, n.2, p. 117-121., 2009. Disponível em: <<https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/524>>. Acesso em: 24 ago 2020.

SANTOS, B. de S. **Construindo as Epistemologias do Sul**: Antologia Esencial. Volume I e II: Para um pensamento alternativo de alternativas. Maria de Paula Menez, João Arriscado Nunes, Carlos Leman Añón, Antoni Aguiló Bonet e Nilma Lino Gomes (orgs.). Ciudad autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018. Volume I e II.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 8a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

Capítulo 2

RAINHA: UMA INTERDIÇÃO ALEGÓRICA A PARTIR DAS RELAÇÕES DE CLASSE, RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE NA CONSTRUÇÃO DA MULHER NEGRA

Aline de Jesus Maffi
Laryssa de Cássia Ramos Gomes
Elisabete Figueroa dos Santos

*“Ela desatinou
Viu morrer alegrias
Rasgar fantasias
Os dias sem sol raiando
E ela inda está sambando”
(BUARQUE DE HOLANDA, 1968).*

Introdução

A despeito de ser a sexualidade historicamente evidenciada como questão marginal, à qual atribuem-se tabus e preconceitos, sua dinâmica tem sido desvelada como questão sumária na delimitação das formas de ser e viver, cujo impacto atravessa a construção de subjetividades. Assim, o fenômeno da sexualidade tem estado cada vez mais presente em debates científicos e ativistas, pautando-se os modos como tal questão relaciona-se às identidades, lugares sociais, autodefinições e desigualdades resultantes (FOUCAULT, 1988).

A sexualização dos corpos considerados diferentes foi fundante das relações sociais e inter-raciais travadas a partir do imperialismo europeu, cuja expansão dominou

não apenas territórios geográficos, mas engendrou também nações, corpos e mentes. Contudo, é possível constatar-se a indiferença de pensadores comprometidos em discutir o papel exercido pelo controle da sexualidade das mulheres por parte do Estado, da Igreja e do domínio dos homens na construção da sociedade colonial (STOLKE, 2006).

No Brasil, de forma semelhante ao que aconteceu na América espanhola, a vultosa e crescente população de “mestiços” correspondia na sua maioria a filhos de fazendeiros da cana-de-açúcar; uma vez que – pela via de intercursos sexuais contestáveis – estes fazendeiros engravidavam as negras domésticas escravizadas sob seu domínio, situação que raramente era legitimada pelo casamento (STOLKE, 2006), evidenciando a objetificação e a expropriação dos corpos de mulheres negras.

Como apontou Roger Bastide (1959), “raça” implicava “sexo”. O modo como a “mestiçagem” se forjou no Brasil implantou no imaginário acerca de toda uma raça a noção de promiscuidade. A partir daí, as ideias de acessibilidade, degenerescência e imoralidade passaram a rondar as representações e expectativas em relação à sexualidade de corpos negros e “mestiços”, sobretudo, no que toca a sexualidade das mulheres negras.

Essas descrições são postas como classificações coloniais que indicam um certo tipo de subcategoria que separa o negro do branco. Nesse contexto, a/o “mestiça/o” se encontra no meio, o que simbolicamente exerce um paralelo a uma suposta superioridade branca – como “raça” pura e a manutenção da pureza de sangue, faz o ser “mulato/mestiço” servir como parte de um projeto de branqueamento, no entanto todos esses termos têm uma conotação animal ofensiva e estão relacionados à ideia de infertilidade e proibição (KILOMBA, 2019).

Assim, esse imaginário não produz apenas uma representação estética da “mulata” brasileira; ele também implica e, talvez principalmente, uma representação moral e sexual da “mulata” (GIOCOMINI, 2006). Já em 1894, Raymundo Nina Rodrigues afirmava, pautado os seus estudos numa perspectiva médico-legal, que “a excitação genésica da clássica ‘mulata’ brasileira não póde deixar de ser considerada um typo anormal” (RODRIGUES, 1984, p. 153).

Gilberto Freyre, por sua vez, em 1936, argumenta que o senso popular e o imaginário folclórico continuam a acreditar na existência da “mulata” diabólica, superexcitada por natureza “[...] Por essa superexcitação, verdadeira ou não, de sexo, a ‘mulata’ é procurada pelos que desejam colher do amor físico os extremos de gozo, e não apenas o comum” (FREYRE, 1985, p.602).

É fundamental, portanto, entender que as relações de poder que se articulam nesses contextos são perpassadas por múltiplas dimensões, assumindo-se a construção interseccional que se presentifica nos entrecruzamentos das categorias gênero, raça, sexualidade, classe social, entre outras. Olhar para tais construções a partir de uma perspectiva interseccional implica em desnaturalizar as posições que os diferentes sujeitos assumem nas escalas sociais, além de entender que os marcadores sociais estão interseccionados na produção de privilégios e desvantagens.

Para Crenshaw (2002) a interseccionalidade pode ser definida como aquela perspectiva que

[...] busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da

forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (p.177).

A perspectiva interseccional permite perceber como os marcadores sociais da diferença se imbricam na produção de discriminações e opressões, bem como aprofunda ainda mais a crítica às percepções binárias de gênero, possibilitando vislumbrar não somente a mulher como sujeito universal, mas compreender que no jogo das intersecções entre os marcadores, a opressão atinge também outros sujeitos.

Para Shields (2008), considerando o processo de identificação social do indivíduo, cada uma das categorias de identidade interseccionadas tem seu significado relacionado àquela outra com a qual está em intersecção; essas são formadas e mantidas a partir de um processo dinâmico, em que o próprio indivíduo está ativamente engajado.

A situação da mulher negra atual foi construída a partir dessa perspectiva histórica cultural que sustenta as representações sociais que perduram até hoje no Brasil, que vão desde a sexualização exacerbada do desejo do corpo, ao caráter duvidoso, como as da bela “mulata”, da crioula feia, da escrava fiel, da preta resignada, da mucama sapeca ou ainda da “mestiça” virtuosa (XAVIER, 2012).

Audre Lorde (1984) observa que em contextos racistas como este que se desenhou acima, “a diferença racial cria uma constante distorção de visão, ainda que tácita, [na qual] as mulheres negras sempre foram, por um lado, altamente visíveis e, pelo outro lado, foram tornadas invisíveis por meio da despersonalização do racismo” (p. 42). Lorde aponta também que, em dadas circunstâncias, a “visibilidade que nos faz mais vulneráveis” – aquela que

acompanha ser negro – “também é fonte da nossa maior força” (p. 42).

A categoria de “mulher negra” faz todas as mulheres especialmente visíveis e abertas à objetificação de mulheres negras como categoria. Esse tratamento de grupo potencialmente torna cada mulher negra invisível como um ser humano por inteiro. Mas, paradoxalmente, ser tratado como um outro invisível põe as mulheres negras em uma posição de *outsider-incluído* (*outsider within*), o que estimulou a criatividade de muitas delas (COLLINS, 2013).

O contexto sócio histórico apresentado em relação à sua sexualidade e ao lugar social da mulher negra no contexto brasileiro, constituiu o imaginário social que apregoa que mulheres brancas foram feitas para casar e as negras estariam disponíveis para serem desfrutadas e objetificadas por homens brancos e negros, enclausuradas em sua sexualidade atípica e voraz (PACHECO, 2008).

Dessa forma, socialmente, a mulher negra é representada, numa estrutura multirracial e racista, como anti-musa (CARNEIRO, 1995), isto é: aquela cujas estética, vivências, sensualidade são rechaçadas devido às produções do sistema racista, patriarcal e misógino. Nesse sentido, devido a suas características físicas e às representações que lhe foram historicamente atribuídas, a mulher negra deixa de se enquadrar na escala de beleza socialmente cultuada e são desconsideradas na dinâmica do mercado afetivo-amoroso.

Não obstante, como pontua Hooks (2010), muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Ainda segundo bell hooks, essa é uma das verdades privadas relacionadas às particularidades atribuídas às mulheres negras que raramente é discutida em público e esta realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso.

Contudo, nos micros espaços e também nos meandros de caminhos, por vezes solitários, mulheres negras têm projetado articulações e proposições conscientes que lhes permitem resistir e, em muitos casos, transcender o confinamento das opressões de raça, classe, gênero e sexualidade que se interseccionam. É importante, assim, pontuar como tais ações individuais mudam o mundo em que meramente se existe, para um no qual se tem algum controle, permitindo-lhes enxergar a vida cotidiana como um processo e, portanto, passível de mudança (COLLINS, 2013).

Vídeo analisado

Tipo de Material	Filme, Curta-metragem
Título Original	Rainha
Nome Traduzido	Rainha
Gênero	Ficção
Ano	2016
Local de lançamento e Idioma original	Rio de Janeiro, Brasil/Português
Duração	30 minutos
Direção	Sabrina Fidalgo

O curta-metragem *Rainha* (2016) foi escrito e dirigido por Sabrina Fidalgo. O vídeo ganhou mais de 20 prêmios, incluindo o de melhor filme, escolhido pelo júri popular no Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro – 2016. A diretora exibiu os seus filmes em mais de 50 festivais nacionais e internacionais, em cidades como Tegucigalpa (Honduras), Praia (Cabo Verde), Maputo e Cabo Delgado (Moçambique), Nova York (Estados Unidos), entre outras. Fidalgo cursou cinema na “Escola de TV e Cinema de Munique”, na Alemanha, especializou-se em roteiro na “Universidad de Córdoba”, na Espanha.

Rainha aborda a história de Rita, encenada por Ana Flavia Cavalcanti, uma mulher negra cujo sonho é ganhar o concurso de rainha de bateria da escola de samba da comunidade em que vive, - sonho esse compartilhado por muitas mulheres que experienciam um contexto próximo ao de Rita no Brasil.

A protagonista se dedica ao projeto com auxílio de um pequeno núcleo de resistência, composto por um amigo homossexual – que vivencia o preconceito cotidianamente, e sua mãe, personagem que traduz as práticas de culto aos Orixás e à cultura afro-brasileira, tanto como referência de resistência – nos momentos em que Rita necessita de suporte para perseguir seus objetivos, a mãe está sempre presente e atuante –, quanto como expressão e denúncia das violências e desigualdades sociais, raciais e de gênero vivenciadas.

Na trama, Rita luta, cotidianamente, contra os seus fantasmas, resistindo à estrutura racializada e sexualizada que envolve interesses mercantilistas e particulares na escolha das rainhas de bateria do carnaval. Apesar de sua dedicação total a esse projeto, Rita sofre constante opressão devido à imposição de padrões colonialistas sobre o corpo das mulheres e, em especial, no seu caso, sobre o corpo da mulher negra.

Análise Crítica

Construções, (re)composições: arranjos de fantasias e desmontes

“*Epahey* minha mãe *Oyá*”, pronuncia a Mãe de Rita, mulher preta, filha de *lansã*, no primeiro minuto do curta *Rainha*: anunciando que a filha não entrará sozinha na batalha pelo título de Rainha de bateria da escola de samba de sua

comunidade. Recorre também a Ogum, Orixá de enfrentamentos e batalhas, e a Oxum, Orixá de cabeça da filha.

A abertura do filme, com início no carnaval de 2014, não poderia ser mais simbólica com uma evocação dos Orixás, em um pedido proteção entoado, ora em português ora em Iorubá, pela mãe da protagonista.

Iansã (*Oyá*), Ogum e Oxum (como “*iyá lodè*”, “senhora da cidade”, importante título associado à comunicação e ao poder de liderança da mulher na cidade) são chamados pela mãe para amparar a filha e livrá-la dos “quebrantos e maus-olhados” enfrentados na disputa. A saudação ancestral, como afirmação da identidade étnica, apresenta o tom da caminhada, lutas e enfrentamentos da mulher negra, seja na disputa pelo título de rainha de bateria, seja em outras esferas de sua trajetória pessoal.

A mobilização do culto ancestral na composição do itinerário de luta da protagonista, no enredo do filme, remete ao candomblé como fomento à resistência. A esse respeito, Prandi (2004) salienta,

O CANDOMBLÉ - religião brasileira dos orixás e outras divindades africanas que se constituiu na Bahia no século XIX - e demais modalidades religiosas conhecidas pelas denominações regionais de xangô, em Pernambuco, tambor-de-mina, no Maranhão, e batuque, no Rio Grande do Sul, formavam, até meados do século XX, uma espécie de instituição de resistência cultural, primeiramente dos africanos, e depois dos afro-descendentes, resistência à escravidão e aos mecanismos de dominação da sociedade branca e cristã que marginalizou os negros e os mestiços mesmo após a abolição da escravatura. Eram religiões de preservação do patrimônio étnico dos descendentes dos antigos escravos (PRANDI, 2004, p.223).

Após evocar a proteção ancestral, Rita – assim como outras candidatas – aguarda o anúncio de quem venceu o

concurso de rainha de bateria do carnaval daquele ano. Na cena subsequente, o presidente da escola de samba é aclamado por um grupo que espera o seu posicionamento para anúncio da rainha. O personagem aparece como uma metáfora do abuso de poder do patriarcado. É um homem branco em posição de poder em uma comunidade, majoritariamente, negra. Assim, como outros coadjuvantes brancos da trama – o apresentador do concurso de Rainha e uma personagem que no fim do enredo entrega a coroa à rainha do carnaval de 2016.

O presidente exige uma postura de subserviência dos membros da escola de samba. O seu corpo, o corpo do homem branco, confortável na posição de violência e abuso de poder, pode ser compreendido através da perspectiva de Kilomba (2019). Segundo a autora, o racismo entende o corpo negro como “impróprio”, “fora do lugar” mesmo em espaços identitários, enquanto constrói o corpo branco como um lócus de todos os lugares.

No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “*fora do lugar*” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão “no lugar”, “em casa”, corpos que sempre pertencem. Eles pertencem a todos os lugares: na Europa, na África, no norte, no sul, leste, oeste, no centro, bem como na periferia. (KILOMBA, 2019, p.56, grifo da autora).

É a subjetividade do poder corporificado na figura do presidente da escola de samba – o corpo que está “em casa”, em cena, mesmo fora de cena – que determina a escolhida do carnaval daquele ano, e do ano seguinte. Ivone, única personagem, além de Rita, que é anunciada pelo nome próprio na narrativa.

O fato de a maioria dos personagens não ser apresentada por nome próprio, por um lado, sublinha o foco central na figura da protagonista e de Ivone, principal adversária nos concursos de rainha, por outro, denuncia a invisibilidade de corpos negros na estrutura racializada que os constrói como impróprios e, cuja visibilidade é possível a partir das distorções do sistema racista e machista que vulnerabiliza esses corpos, como salienta Lorde (1964).

No que concerne à Ivone, a personagem é uma mulher negra com o cabelo alisado, “favorita” do presidente da escola de samba, visto que mantém certo relacionamento com ele. Ela alude a um projeto individual de poder, remetendo ao reformismo meritocrático individualizado. Na medida em que o presidente da escola de samba, na condição de homem branco, é retratado como o “senhor” do destino de Ivone, a personagem ocupa a condição de coadjuvante da própria narrativa, suscetível às investidas coisificantes do homem branco, ao reproduzir uma lógica que não lhe pertence.

Rita, por outro lado, pode ser pensada como um marco de resistência, uma vez que não se sujeita às investidas do presidente da escola de samba. Como demarcador de luta, em todas as disputas pelo título de Rainha, nos três anos em que participa do concurso, é uma das poucas mulheres que permanece com o cabelo crespo e solto. Um cabelo que, simbolicamente, constitui-se como uma insubordinação à estética colonialista e um processo de resistência, como enfatiza Collins (2013), paralelamente à perspectiva de Kilomba.

Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo africano foi então classificado como “cabelo ruim”.

Ao mesmo tempo, *negros e negras* foram pressionadas/os a alisar o “cabelo ruim” com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados “sinais repulsivos” da *negritude* (KILOMBA, 2019 p 127).

Contudo, a subjetivação é atravessada por todas as marcações que conferem significações aos sujeitos e constituem relações de poder. Ainda que o cabelo se constitua como um marcador de resistência à personagem, a busca do ideal estético de corpo magro como corpo “perfeito” – como uma referência padronizada de corpos massificados, controlados e vigiados – é uma problemática constante para Rita. Ela nutre constante insatisfação com o corpo, desejando realizar intervenções cirúrgicas nele, como uma aproximação de um padrão idealizado socialmente.

Para Carneiro (1995), em virtude da representação da mulher negra como anti-musa numa estrutura racista, em função de suas características físicas, a mulher negra não é enquadrada no padrão de beleza considerado socialmente como “apropriado”.

Rita, em sua ânsia por alcançar o posto de rainha da escola de samba, organiza seu cotidiano em função das estratégias que consegue articular para corresponder àquilo que se espera/valoriza em uma rainha. Todavia, nos dois primeiros concursos de que participa, Rita é preterida em relação à Ivone. Em ambas as ocasiões, é possível levantar-se a suspeita em relação à validade da seleção de Ivone, parceira afetivo-sexual do presidente da escola de samba. Na terceira ocasião, contudo, Rita é aclamada rainha e é coroada, não pelo presidente – como ocorreu nos concursos anteriores –, mas por uma mulher branca que estava sentada na plateia ao lado do presidente da escola.

Rita, já adornada para seu desfile como rainha, é atacada pelo grupo de mulheres que sempre a persegue. Nesse atentado, o primeiro golpe desferido, por uma mulher branca, é contra a “coroa” que integrava os adornos carnavalescos de Rita. Nessa cena, faz-se alusão à derrocada da empreitada de Rita rumo ao status de realeza carnavalesca.

O carnaval é um dos contextos presentes na cultura popular brasileira em que se requer a presença de mulheres negras, dentro dos moldes da representação da “mulata tipo exportação” (GIACOMINI, 2006, p. 88): “aquela que sabe sambar; que tem um corpo violão; tem bundinha empinadinha; tem cintura fina; tem um corpo bonito”. Aquela que está exposta aos olhares coisificantes de uma plateia que persiste em buscar enxergar o rótulo, mas nesse processo, não enxerga a humanidade presente sob a fantasia de carnaval. Essa configuração expõe a relação de objetificação e exacerbação de uma “sexualidade à disposição de outrem” que está presente no culto às “mulatas” carnavalescas.

Diante disso, caberia questionar: em que pecou, Rita? Seria sua falha não ter preenchido aos critérios acima elencados? Compreende-se que a falha de Rita foi buscar o processo de ascensão e de visibilização não pelas “bênçãos” de um homem branco – negando este lugar fetichizado de “mulata” à disposição do homem branco em situação de poder –, mas como um projeto comunitário e engendrado em meio à sua realidade de escassez, no qual ela seria a própria protagonista.

Rainha? O não-lugar das mulheres negras e pobres

“No meu tempo não tinha disso não, minha filha. Você é linda do jeito que Deus te fez. Eu nunca vi, você largou o trabalho e agora tá se matando, né minha filha. Eu já sambei muito nesta

vida, mas se eu dependesse disso, eu tava é morando na rua e alimentando vocês todos com cachaça comprada com esmola, só quem lucra com esse negócio de carnaval são essas artistas famosas! Ô Rita, cê trata logo de arrumar um emprego, minha filha. Porque perfeição pra pobre é o pão não cair no lado da manteiga pra baixo e para isso acontecer, tem que ter manteiga pelo menos, minha filha.”

Essas são as palavras da Mãe de Rita, mulher negra que aparenta ter tido a filha muito jovem, e que também foi sambista. Com a expressão de sofrimento e cansaço ressalta que desde o seu tempo havia um sonho em ser Rainha da bateria: *“Sambei muito nesta vida, mas se eu dependesse disso, eu tava é morando na rua e alimentando vocês todos com cachaça comprada com esmola”*, aqui a mãe acrescenta que Rita transformar isso em um projeto de vida é arriscado, pois necessita de ajuda no sustento do lar, o que remete a uma cadeia de associações que são retomadas a partir da sua realidade de mulher negra provedora do lar e mãe solo.

“Só quem lucra com esse negócio de carnaval são essas artistas famosas!” Essa colocação expõe os contratempos que Rita terá para alcançar seu sonho, pois como já citado, ela não tem suporte para tal. *“Ô Rita, cê trata logo de arrumar um emprego, minha filha. Porque perfeição pra pobre é o pão não cair ao lado da manteiga pra baixo e para isso acontecer, tem que ter manteiga pelo menos, minha filha”*.

É possível perceber nessa colocação da mãe, a constatação da situação de pobreza que, no Brasil, é compartilhada pela maioria da população, uma vez que a base da pirâmide social brasileira é negra. Isto posto, compreende-se que determinados projetos de ascensão social ou de visibilização de corpos negros em situação de destaque e de prestígio social são considerados ousados para aqueles cuja concretude da situação de pauperização

é assoladora. Esta realidade é uma manifestação do racismo estrutural, no qual pessoas negras, após a expansão europeia, estão fora das estruturas políticas e sociais, como não pertencente àqueles lugares.

Os fantasmas da violência e a composição de arestas de resistência

Rita é constantemente atormentada por “fantasmas” que remetem às violências vividas ao longo da sua trajetória pessoal. Esses espectros aparecem com frequência em momentos que antecedem importantes realizações particulares. A alegoria dos fantasmas é personificada na figura de um grupo de mulheres, em sua maioria brancas, lideradas por uma mulher loira que ostenta como pingente um suntuoso crucifixo – o qual, no contexto do filme, simboliza a intolerância religiosa e o poder da branquitude, personificada na autoridade da Igreja Católica.

A protagonista é, constantemente, ameaçada e humilhada por esse grupo, que ora parece representar uma alegoria do masoquismo e sadismo do branco, como um projeto de dominação, ora aparece como ameaça à sua existência concreta.

As ações que dão corpo à intolerância religiosa no Brasil empreendem uma luta contra os saberes de uma ancestralidade negra que vive nos ritos, na fala, nos mitos, na corporalidade e nas artes de sua descendência. São tentativas organizadas e sistematizadas de extinguir uma estrutura mítico-africana milenar que fala sobre modos de ser, de resistir e de lutar. Quilombo epistemológico que se mantém vivo nas comunidades de terreiro, apesar dos esforços centenários de obliteração pela cristandade (NOGUEIRA, 2019, p.29).

Assim, também é possível pensar a investida desse grupo contra a protagonista como uma ofensiva que transcende o pessoal, pois se origina na estrutura racializada da sociedade brasileira. Ela é mobilizada pelo racismo e intolerância religiosa, como práticas de epistemicídio, na medida que os espaços das comunidades de terreiro, pensados como Quilombos epistemológicos, de acordo com Nogueira (2009), constituem arquivos orais de saber ancestral.

Nesse sentido, diversos tipos de violência compõem a narrativa do filme. A primeira delas, a violência verbal, é apresentada quando a algoz de Rita, líder do grupo, a agride com o termo “*Vagabunda*”. “*Tá muito exibida, essa vagabunda*”, exclama a sua agressora. Tal palavra, que deriva do Latim *Vagabundus*, como designação de uma pessoa que anda sem destino, é mobilizada para marcar a protagonista como um corpo sexualizado, público e sem destino próprio, na medida em que esse corpo é destituído de singularidade, pois é desumanizado pelo racismo.

A esse respeito Kilomba (2019, p.78) salienta, “no racismo cotidiano, a pessoa *negra* é usada como tela para projeções do que a sociedade *branca* tornou tabu. Tornamo-nos um depósito para medos e fantasias *brancas* do domínio da agressão ou da sexualidade”.

Na origem da expressão “da cor do pecado”, o corpo entendido como “mestiço” é coligado ao próprio pecado, pois, na medida em que a construção da ideia de “raça” está congregada ao sexo, como salienta Bastide (1959), o pecado também é racializado. Rita é concebida como a personificação da perversidade por suas agressoras, pois a associação do corpo negro à ideia de “vagabundagem” é paralela ao discurso que compreende corpos designados como “mestiços” como sinônimos de promiscuidade.

Nessa perspectiva, a designação “mestiço” remete a uma ideia de cruzamento entre animais de raças distintas,

como uma “mistura”, um “meio termo”. Essa criação colonialista, como ideal de branqueamento, prevê, como única humanidade possível, a humanidade branca. Ela animaliza corpos negros e coloca o corpo “mestiço” como um caminho para a humanidade, um ENTRE. Entre a humanidade do branco e entre a “animalidade” do negro.

Kilomba (2019) ressalta que o corpo denominado como “mestiço” é pensado como uma aproximação do branco e um distanciamento do negro. Para a teórica, a narrativa colonial

[...] transforma as relações de poder e abuso sexual, muitas vezes praticadas contra a mulher *negra*, em gloriosas conquistas sexuais, que resultam num corpo exótico, e ainda mais desejável. Além disso, esses termos criam uma hierarquização dentro da *negritude*, que serve a construção da *branquitude* como a condição humana ideal - acima dos seres animalizados, impuras formas de humanidade (KILOMBA, 2019, p.19).

Doravante, a ideia de superioridade do branco concebe a “mestiçagem” como uma via de mão única que só prevê o embranquecimento do negro e não o enegrecimento do branco. Ela carrega uma dubiedade, em alguns momentos é concebida como um ideal de branqueamento e, em outros, como uma estratégia miscigenada na promoção de um país diverso.

A esse respeito Kilomba (2019) ressalta que a construção da ideia de que corpos marcados como “mulatos” são mais desejados, está interligada ao ideário de branqueamento social. Essa concepção foi propagada no final do século XIX com a iminência da abolição da escravatura no Brasil.

A nova estrutura social e política, vinculada ao discurso positivista de modernidade almejada pela elite,

defendia o “branqueamento” da população como continuidade do projeto colonialista. Coligado às teorias raciais europeias que exaltavam a concepção de “pureza racial”, defendendo que a “mistura racial” provocaria a infertilidade, o que se associa ao uso do termo “mulato” na língua portuguesa. Nessa narrativa, a palavra “mulato” derivada do animal “mula”, cruzamento entre o cavalo/égua com um jumento/jumenta, é empregada para designar corpos marginalizados que remetem ao relacionamento entre sujeitos negros e brancos.

O projeto de branqueamento também se desdobrou em uma proposta de importação de mão-de-obra europeia. Nele, parte das viagens de navio com imigrantes eram financiadas pelo próprio estado. Segundo Hofbauer (2011), chegaram cerca de 2,5 milhões de europeus no Brasil em um período de 25 anos. Essa ideologia, como a manifestação das teorias racialistas do século XIX, disseminadas na sociedade brasileira, visava legitimar o discurso de “superioridade” branca.

Nesse sentido, o posicionamento de Kilomba (2019), que remete ao processo de expansão europeia, infere que o protagonismo da mulher negra foi inferiorizado em uma tentativa de apagamento e subordinação de seu corpo. Um corpo racializado, marcado para não vivenciar papéis hierárquicos, como o de ‘Rainha’ de bateria. Tão almejado por Rita.

Esse não pertencer – já que os não europeus só poderiam ocupar a condição de “plebe”, como demarcação de uma sociedade estamental. Isto é, sem mobilidade social – representa a construção da violência estrutural, formada inicialmente no processo de escravização ocorrido no século XVII com o sequestro de vidas de pessoas vindas, em sua maioria, da África subsaariana.

Nessa acepção, como processo histórico e político, o racismo produz as circunstâncias sociais para que os grupos

racionalmente marcados sejam, sistematicamente, discriminados (ALMEIDA, 2019 p.34).

No contexto do filme, apesar de todos os ataques sentidos, engajada com o projeto comunitário de seu pequeno núcleo de resistência, Rita consegue chegar ao posto de rainha de bateria. Nele, sofre com a última expressão da dinâmica do racismo, a violência física. A protagonista é encurralada por suas algozes – que em um primeiro momento aparecem como alegoria dos seus medos – sofrendo o primeiro ataque físico diretamente na coroa. Como símbolo de desmonte de seu traje de realeza, a violência simbólica, fisicamente mobilizada, comunica que uma mulher negra não pode ser entendida como rainha.

Concebida como “o outro do outro”, como infere Kilomba (2019, p. 191), o outro em relação ao homem branco, e o outro em relação à mulher branca, o fato de Rita se tornar visível já é a causa para que a estrutura racializada a situe como um corpo promíscuo (BASTIDE, 1959; LORDE, 1984). Pois, quando corpos marginais ascendem na estrutura social, a sua invisibilidade é denunciada. A denúncia da exclusão aparece como demarcador de privilégios.

Considerações finais

A partir de um projeto comunitário, Rita chega ao posto de Rainha de bateria da escola de samba de sua comunidade, apesar de todas as barreiras e atravessamentos impostos pelas marcações sociais que carrega, obstruindo o seu acesso como mulher negra a lugares de poder.

Quando Rita chega ao lugar desejado, esse lugar é apresentado para ela como um espaço que não deve ser ocupado por uma mulher negra pobre que não aderiu ao projeto de expansão europeia. Projeto esse representado

tanto pela figura do homem branco, presidente da escola de samba, quanto pela líder de suas algozes e Ivone.

No ritual do carnaval a hipersexualização, juntamente com a objetificação da mulher negra, confere visibilidade a sexualidade desses corpos, desde que se enquadrem à alegoria da “mulata profissional” (GIACOMINI, 2006). Todavia, havendo agência nesses corpos, ou engendramentos que fujam a essa lógica, rechaça-se a transgressão da normativa, redefinindo os limites de atuação dessas corporeidades.

O final do filme é embalado pela música “*Lei no, lei sta ballando*”, versão de “Ela desatinou” de Chico Buarque. A música ressalta que quando chega quarta-feira o carnaval se encerra, mas a protagonista ainda permanece sambando, assim como na música, no curta, Rita chega ao posto de Rainha de bateria, porém é agredida por um grupo de mulheres e não consegue desfilar na avenida na posição alcançada. Em um ato de resistência, apesar da violência sofrida, Rita permanece sambando.

O desmonte do sonho da protagonista aparece como uma alegoria do poder: quando uma mulher negra movimenta toda uma estrutura social e chega ao posto de Rainha de bateria da escola de samba, o seu sonho é visto como uma ameaça ao modelo de sociedade patriarcal. Nessa perspectiva, a participação de sujeitos que tiveram os seus corpos desumanizados em postos de poder e de status aparece como um demarcador social dos lugares que esses indivíduos “não” devem ocupar.

O curta parece nos apresentar a mensagem de que os movimentos de resistência, quando desarticulados de uma pauta que promova associações de forças criativas, não alteram a estrutura de desigualdade étnico-racial. Assim, a promoção da resistência é um projeto que deve requerer a mudança da estrutura racializada da sociedade.

Diante disso, cabe diferenciar o concreto do simbólico, concretamente o projeto de Rita está fadado ao fracasso, todavia, simbolicamente, cabe pensar o que representa para uma mulher negra, pobre, filha de mãe solo, chegar ao posto de rainha do carnaval?

Chegar a essa posição, mesmo que por três dias, simbolicamente, remete o êxito de um projeto em alcançar uma posição muito distante do que foi imposto à mulher negra.

Referências

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BASTIDE, R. "Dusky Venus, Black Apollo." Race. **The Journal of the Institute of Race Relations**, v. 1, n. 1, 1959. p. 10-19.

HOLANDA. C. B. **Ela desatinou**. RGE. [1968]. <https://www.youtube.com/watch?v=BMoSUoHyDAk>. Acesso em: 12 Julho.2020.

CARNEIRO, S. Gênero, raça e ascensão social. **Revista de Estudos Feministas**, v. 3, n.2, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ; PPCI/SUERJ, 1995. p. 544- 552.

COLLINS, P. H. "**Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento". (Trad. Natália Luchini). Seminário "Teoria Feminista", Cebrap, 2013.

CRENSHAW, K. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 10, p. 171-188, 2002.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREYRE, G. **Sobrados e mocambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985 [1936].

GIACOMINI, S. M. Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 85-101, Apr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 Jul 2020.

HOFBAUER, A. **Branqueamento e democracia racial**: sobre as entranhas do racismo no Brasil. 2011. Disponível em: <https://andreashofbauer.files.wordpress.com/2011/08/branqueamento-e-democracia-racial_finalc3adssima_2011.pdf>. Acesso em: 11 Jul 2020.

HOOKS, B. **Vivendo de amor**. (Tradução: Maísa Mendonça). São Paulo: Instituto Geledés, 2010.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação** - Episódios de racismo cotidiano; (tradução Jess Oliveira). 1.ed - Rio de Janeiro: Codogó, 2019.

NOGUEIRA, S. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

PACHECO, A. C. L. “Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”; escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. Campinas, SP: Unicamp, 2008.

PRANDI, R. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p.223-238, set. 2004.

RODRIGUES, R. N. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, s/d [1894].

SHIELDS, S. A. Gender: An Interseccionality Perspective. **Sex Roles**, n.59, p.301-311, 2008.

XAVIER, G. Entre personagens, tipologias e rótulos da "diferença": a mulher escrava na ficção do Rio de Janeiro no século XIX. Em: XAVIER, G.; FARIAS, J. B.; GOMES, F. (Org). **Mulheres Negras no Brasil Escravista e do Pós-Emancipação**. São Paulo: Editora Selo Negro, 2012.

Capítulo 3

COMO EU ERA ANTES DE VOCÊ: O DESEJO DE VIVER OU MORRER APÓS UMA LESÃO MEDULAR

Patricia Akitomi da Rocha
Ana Cláudia Bortolozzi

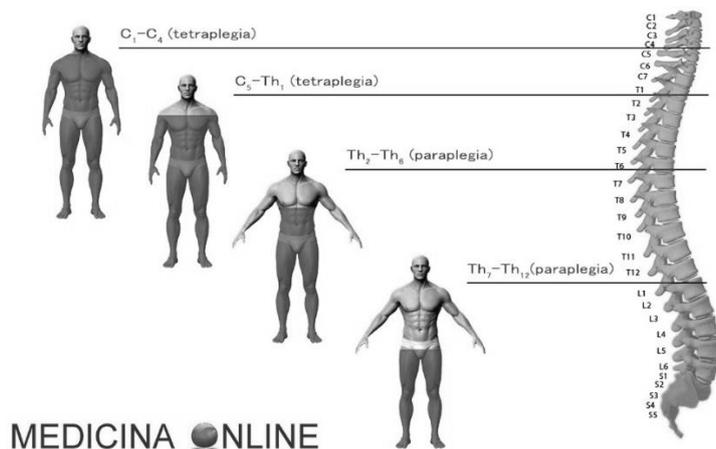
Introdução

Lesão Medular: deficiência adquirida na vida adulta

A coluna vertebral humana varia de extensão entre 60 e 75 cm e se encontra na linha central do tronco, protegendo a medula espinhal, as raízes dos nervos espinais e as meninges. Ela é dividida em quatro regiões: **cervical, torácica, lombar e sacrococcígea** (BAER, 2003; CARDOSO, 2006; MAIA, 2011). A lesão medular (ou traumatismo raquimedular) rompe a coluna em alguma de suas vértebras, gerando danos irreversíveis para o organismo; isto é, ainda não há “cura” para os casos de lesão.

A lesão medular produz alterações motoras, sensitivas e neurovegetativas, ocasionando a perda de funções motoras e da sensibilidade nas pernas (paraplegia) ou nas pernas, tronco e braços (tetraplegia), dependendo da vértebra na qual ocorreu a lesão (BAER, 2003; CARDOSO, 2006; MAIA, 2011; SALIMENE, 1995). A Figura 1 mostra a coluna vertebral dividida em regiões e as funções que seriam afetadas, dependendo da vértebra lesionada.

Figura 1. Imagem sobre as possibilidades da Lesão medular e suas sequelas.



Fonte: <https://www.deficienteciente.com.br/o-que-e-paraplegia-e-tetraplegia.html>

Além do nível na lesão, isto é, da parte afetada, ela também poderá ser total ou parcial, incompleta ou completa. Uma lesão medular completa causa uma paralisia e anestesia totais abaixo do nível lesionado. Uma lesão medular incompleta provoca uma paresia mais ou menos acentuada e problemas de sensibilidade que podem ser mais ou menos evidentes (CARDOSO, 2006; MAIA, 2011; SALIMENE, 1995).

As causas das lesões medulares podem ser traumáticas e não-traumáticas. As não traumáticas, como resultados de tumores medulares, malformação congênitas ou acidente vascular medular, etc., são de menores incidências. As causas mais comuns, no Brasil e no mundo, são as traumáticas, ou seja, as lesões medulares que ocorrem por acidentes de trânsito, quedas de altura, mergulho raso, armas de fogo, etc. Além disso, o índice

maior acontece entre jovens, sendo esses de sexo masculino (BAER, 2003; CARDOSO, 2006; MAIA, 2011; SALIMENE, 1995).

A deficiência física adquirida na vida adulta, ocorrida por uma lesão medular, traz uma mudança abrupta na vida das pessoas. Loureiro, Faro e Chaves (1997) comentam os estágios comuns que as pessoas passam quando acontece uma lesão: primeiro negam e recorrem a outros médicos em busca de outros diagnósticos. Depois reconhecem as limitações impostas pela deficiência e começam a sentir culpa, ressentimento, desespero, tristeza e raiva. Enfim, mais adiante, acabam por se restabelecerem e conseguem tomar decisões, tentando viver com a maior autonomia possível uma vida satisfatória.

Também se destaca, com a deficiência física adquirida, duas questões fundamentais: a imagem corporal e autoestima. A autoimagem passa a ser reorganizada a partir de um corpo percebido como “deformado” e/ou “distorcido”, em função de um ideal de normalidade baseado em modelos sociais padronizados de corpos (BLACKBURN, 2002; MAIA, 2011; WEREBE, 1984). Ou seja, a autoestima diante da elaboração da nova autoimagem depende de uma série de condições internas da pessoa e de seus suportes externos.

O suporte familiar é muito importante, pois é nesse ambiente que a pessoa com deficiência irá, em um primeiro momento, se restabelecer e se organizar após os cuidados médicos e de equipe multidisciplinar. Evidentemente, famílias com vantagens econômicas possibilitam uma reabilitação mais favorável, principalmente em países em desenvolvimento, com menos acesso gratuitos aos serviços de fisioterapia, psicologia, terapia ocupacional, etc.

Suportes de ordem emocional, afetiva, de cuidados diversos, são também muito importantes. Os membros

familiares costumam mudar a rotina da casa, assim como os papéis que desempenham (a mulher passa a ser cuidadora do marido, o irmão passa a cuidar da irmã, etc.), mudam de residência, emprego, tudo para atender as necessidades da pessoa com deficiência.

Autores têm chamado a atenção para a necessidade de evitar que todo o cuidado não ultrapasse os limites e passe a representar uma “superproteção”, invadindo os limites de privacidade da pessoa e gerando nela uma sensação maior de dependência e limitação (BLACKBURN, 2002; MAIA; 2006/2011; MOURA, 1992; VASH, 1988).

Após a breve apresentação desta temática, passamos a outro assunto, que no filme discutido neste capítulo aparece relacionado à deficiência adquirida por lesão medular: o testamento vital com pedido de eutanásia.

Testamento Vital: o que é?

Testamento vital é um documento em que uma pessoa que esteja em plena capacidade para os atos da vida civil, pode elaborar especificando suas vontades, seus valores e instruções, acerca de qual tipo de tratamento, ou procedimento quer ou não receber, caso seja diagnosticada com alguma doença terminal grave, sem cura, ou que não lhe possibilite ter mínima qualidade de vida (DADALTO, 2020; KOVÁCS, 2014; NUNES, 2012).

Esse documento visa garantir o direito da autonomia de vontade, bem como a dignidade da pessoa humana, quando a pessoa esteja incapacitada de se expressar, respeitadas as normas vigentes em cada país.

No Brasil, por exemplo, não há lei específica sobre o tema, devendo ser observadas as normas gerais e princípios do ordenamento jurídico Brasileiro, pois qualquer disposição contrária à lei será considerada ineficaz.

Importante observar os institutos que podem se relacionar com o testamento vital, os quais podem ser classificados em: eutanásia, ortotanásia, suicídio assistido, distanásia e mistanásia, tal como define Dadalto (2020).

a) Eutanásia: é a morte rápida e indolor para pessoas com doença terminal ou doença incurável que estão em sofrimento. Essa prática é proibida no Brasil, nesse caso, quem o realiza responde pelo crime de homicídio. É legalizada na Bélgica, Holanda e Luxemburgo.

b) Ortotanásia: pode ser considerado como o processo de suspensão de tratamentos inúteis a doença de determinada pessoa, com aplicação de procedimentos e tratamentos que minimizam o sofrimento, permitindo uma morte sem sofrimento, como por exemplo, os cuidados paliativos.

c) Suicídio assistido: morte causada pela própria pessoa com doença terminal, ou doença grave, sendo auxiliada por terceiro que lhe fornece os meios de lhe tirar a vida.

d) Distanásia: é a utilização de recursos terapêuticos, tratamentos ou procedimentos para a prolongação da vida.

e) Mistanásia: é a morte por falta de tratamento, omissão, negligência, por falta de acesso à saúde.

Considerando os conceitos acima descritos resumidamente, é possível verificar que no Brasil, o testamento vital, além de dispor de diretivas antecipadas de vontade no tocante aos tipos de tratamentos ou procedimentos em que a pessoa deseja ou não receber em caso de doença terminal, o documento só será considerado válido à nossa percepção, caso suas disposições sobre a morte se relacionem com os institutos da ortotanásia ou distanásia tão somente.

Nesse contexto, importante mencionar os cuidados paliativos que se relacionam com a ortotanásia, uma vez que esses buscam melhorar a qualidade de vida das pessoas com doença terminal ou doença grave, buscando seu bem estar, minimizar o sofrimento, e a dor.

Segundo Burlá e Py (2014), *apud* Dadalto (2020), ao contrário do que muitos pensam, os cuidados paliativos não rejeitam a biotecnologia¹. Ao contrário, são uma modalidade de tratamento altamente intervencionista, valendo-se, por exemplo, das avançadas propostas da farmacologia para a efetividade do controle de sintomas. Constituem uma resposta ativa aos problemas decorrentes da doença prolongada, incurável e progressiva. Combina harmonicamente a ciência com o humanismo.

O Conselho Federal de Medicina publicou em 31 de agosto de 2012 a Resolução 1995/2012, que dispõe sobre diretivas antecipadas de vontade dos pacientes, o qual o testamento vital é uma das formas de efetivação de diretiva antecipada de vontade, além da procuração para cuidados de saúde.

Luciana Dadalto (2020, p.122), afirma que o testamento vital deve ser formulado, observando-se cinco pontos em sua elaboração:

- a) Valores e desejos: cujo objetivo é deixar claro quais são os valores que fundam a vida do paciente e quais são os desejos destes, a fim de nortear as decisões da equipe médica e do procurador nomeado.
- b) Decisões sobre o fim da vida: quais são os estados clínicos nos quais o paciente deseja recusar tratamento/procedimentos e quais os tratamentos/procedimentos recusados pelo outorgante.

¹ Tecnologia desenvolvida a partir de conhecimentos de uma ou de várias áreas da biologia com a com finalidade produtiva.

c) Outras disposições: disposições gerais acerca do local onde o outorgante gostaria de passar seus últimos momentos de vida, do enterro ou cremação, e do reconhecimento da função do documento.

d) Diretrizes para a equipe médica: informar a equipe se o paciente possui um médico de confiança e esclarecer sobre o objetivo do documento e da plena consciência do paciente acerca do papel da equipe e das limitações.

e) Revogação: manifestação pela ciência da possibilidade de revogação do documento a qualquer tempo.

Dessa forma, embora não exista no Brasil uma legislação específica sobre o tema, podemos concluir que o testamento vital desde que não contrarie as normas e princípios da legislação vigente, é considerado um documento válido de diretivas antecipadas de vontade, permitindo que a pessoa em pleno gozo de suas faculdades mentais e capaz para os atos da vida civil, se manifeste acerca do tratamento que entende ser digno para sua vida, quando não mais puder se expressar ou manifestar seus desejos.

Por fim, consideramos ser de fundamental importância que os familiares, equipe médica e equipe disciplinar respeitem a autonomia de vontade da pessoa que manifestou seus desejos antecipadamente, permitindo que tenha uma vida e morte digna, sem prolongação do sofrimento.

A partir dessas considerações iremos analisar um filme em que o personagem deseja e programa a própria morte após adquirir uma lesão medular grave em um acidente no trânsito.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Titulo Original	<i>Me before you</i>
Nome Traduzido	Como eu era antes de você
Gênero	Drama/romance
Ano	2016
Local de lançamento e Idioma original	Reino Unido, Inglês.
Duração	1h50
Direção	Thea Sharrock

O filme é baseado em um livro, de mesmo nome, de autoria de Jojo Moyes, que conta a estória de um jovem rico e bonito tetraplégico chamado Will, interpretado pelo ator Sam Claflin, que se relaciona com uma jovem cuidadora humilde chamada Louisa Clarke (“Lou”).

O filme começa com o acidente que causa a lesão medular no jovem e, em seguida vai mostrando as dificuldades que ele enfrenta para aceitar as mudanças bruscas que a deficiência causa em sua vida. Como ele é rico, vive com uma grande estrutura de bons recursos de conforto e assistência 24 horas por dia, em uma parte independente da residência de seus pais.

Mesmo assim é revoltado, e mostra grande agressividade com todos que cuidam dele, com ironias, comoções e desobediências, resultando na dificuldade em manter bons cuidadores para ele, até que sua mãe contrata Louisa, por ver na jovem uma garota alegre, de bem com a vida e disposta a ser alguém que levasse alegria ao filho.

Nessa relação os dois se encontram: ela aprende a conviver com as dificuldades que a deficiência impõe no dia a dia e ele reaprende a ver sentido em coisas mais importantes e simples na vida do que apenas a perda de um corpo “bonito e saudável”.

A narrativa permeia cenas de romance, mas também há a questão que pretendemos discutir, que é o desejo dele de colocar fim na própria vida por não aceitar a mudança que a deficiência adquirida acarretou, mesmo depois de Lou lhe proporcionar o conforto de viver com o sentimento de amor correspondido.

Análise Crítica

Vamos analisar o filme sob duas perspectivas: (1) A deficiência adquirida e suas dificuldades; (2) O desejo de morte e o direito ao fim da vida.

A Deficiência adquirida e suas dificuldades

Escolhemos algumas passagens do filme para ilustrar algumas temáticas que reunimos no que consideramos apontamentos sobre as dificuldades que surgem diante da deficiência física adquirida, isto é, quando a deficiência aparece na vida de uma pessoa após ela já ter vivido uma boa parte de sua vida como uma pessoa sem deficiência.

Essas dificuldades dizem respeito ao próprio reconhecimento na identidade “deficiente”, aos necessários e intensos cuidados de vida diária, à superproteção familiar e aos preconceitos sociais sobre a sexualidade da pessoa com deficiência.

O reconhecimento da identidade de pessoa com deficiência é um dos passos mais difíceis na reabilitação da pessoa acometida pela deficiência física. No caso da lesão medular isso é mais complexo, porque é uma mudança muito abrupta e muitas vezes a dificuldade demora para acontecer ou a negação é uma constante (MAIA, 2011).

Em uma cena Will comenta que seu lugar favorito seria Paris. E Lou propõe a ele que viagem até lá, mas ele diz que “não pode”. E segue o diálogo:

Will: Você não entende, Clark. Quero estar em Paris sendo eu. Como eu era. Com belas francesas me olhando.

Lou: É algo para se esperar.

Will: Se fecho os olhos agora, sei exatamente como é estar naquela pequena praça. Lembro-me de cada sensação. Não quero essas lembranças apagadas pelo esforço para caber atrás da mesa, motoristas de taxis recusando a me levar e a bateria da cadeira de rodas que não se recarrega numa tomada francesa.

Além da dificuldade do reconhecimento da identidade diante da deficiência adquirida, sentimentos de revolta, indignação, depressão, característicos do luto, também são comuns (LOUREIRO; FARO; CHAVES, 1997). Em outra cena se passa o diálogo:

Lou: O que gosta de fazer?

Will: Não faço nada. Fico sentado. Apenas existo.

Diante das situações de dependência que alguns casos de lesão medular acarretam para pessoas tetraplégicas, é comum que seus cuidadores e familiares assumam uma postura de superproteção. Em nome da proteção, costumam responder e agir pelas pessoas, infantilizando-as, ao invés de estimularem a sua autonomia (BLACKBURN, 2002; MAIA; 2006/2011; MOURA, 1992; VASH, 1988).

Logo no início do filme há uma cena em que a mãe (Camilla) vai apresentar seu filho tetraplégico Will para a nova cuidadora, Louisa:

Mãe: Srta. Clark, Nathan [o enfermeiro] vai explicar a rotina e o equipamento de Will.

Will: Não precisa falar por mim, mãe. Meu cérebro não está paralisado. Ainda.

Em outra cena, os pais de Wil e Louisa estão conversando sobre as atividades que Will poderia aprender a fazer:

Pai: se Louisa sugerir coisas que Will possa e esteja preparado para fazer, então só pode ser bom. Esportes. Concertos. Eu adoraria vê-lo fazendo isso.

Mae: Está bem! Está bem Louisa e me dê uma programação que eu vou tentar reagendar as coisas para levá-lo.

Pai: Não! Deixo-o fazer isso sozinho! É preciso deixar Will se sentir adulto.

Dificuldades e mudanças na vida diária são comuns após uma lesão medular. Também vários cuidados médicos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, psicólogos, e vários profissionais são importantes no atendimento integral da pessoa com deficiência (MAIA, 2011).

No filme, o fisioterapeuta Nathan explica para Louisa que apesar de todo o esforço de Will, as sessões de fisioterapia não irão “curar” a lesão medular, nem melhorar seu quadro. Os exercícios são realizados para os músculos não atrofiarem e sua condição não piorar. Mas ele teria que enfrentar dificuldades diárias, inclusive riscos de infecções.

Nathan: É uma lesão medular espinhal. Ele não vai melhorar.

Lou: Mas você faz tantos exercícios com ele.

Nathan: Para que os músculos parem de atrofiar. O corpo do Will não funciona mais daqui para baixo [mostrou abaixo do queixo].

Lou: Mas ele ainda tenta, ne?

Nathan: Mergulhou fundo na fisioterapia no primeiro ano e só o que ele conseguiu foi um leve movimento do polegar. Então, ele teve a primeira pneumonia, depois disreflexia autonômica.

Lou: O que quer dizer?

Nathan: É a pressão dele que sobe e desce.

Lou: Tá.

Nathan: Ele é vulnerável a infecções.

Há também uma passagem em que aparece a expressão do preconceito e do mito de que as pessoas com deficiência não seriam capazes de fazer sexo, ou que as pessoas se relacionariam com elas apenas por piedade, como se alguém com deficiência física não fosse um ser de desejo e desejável (MAIA; RIBEIRO, 2011). Em uma cena há um diálogo de Lou em que ela comenta que Will perdeu a namorada depois de ficar tetraplégico:

Lou: *foi horrível. É a namorada dele e seu melhor amigo!*

Patrick: *não pode culpa-la. Você ficaria comigo se eu estivesse tetraplégico?*

Lou: *Claro que eu ficaria.*

Patrick: *eu não ia querer que alguém ficasse comigo por pena. Ter estranhos limpando meu traseiro. Meu Deus! Pense no que não poderia fazer. Nada de correr. Nada de andar de bicicleta. Nada de sexo.*

Lou: *Da para fazer sexo. É só a mulher ficar por cima.*

Brevemente, pudemos mostrar as intercorrências na vida de Will, depois da lesão medular, que mais nos chamaram a atenção, comentadas pela literatura. A seguir, iremos para a segunda parte da análise.

O desejo de morte e o direito ao fim da vida

No decorrer do filme a vontade e decisão de Will sobre dar fim a própria vida se revela. Primeiro quando chega uma carta da Suíça na casa e os pais a recebem percebendo que o filho deu segmento ao processo de suicídio assistido. O local, como é possível ver o nome no envelope, chama-se “Dignitas”², que é uma organização não governamental na Suíça que oferece para pessoas que sofrem de doenças

² Site original com informações sobre: <http://www.dignitas.ch/index.php?lang=en>

terminais, físicas ou mentais graves, serviços de suicídio assistido/acompanhado, amparado por médicos qualificados, consultoria em cuidados paliativos. Will dava seguimento ao Testamento Vital que havia elaborado, ou outra forma de diretiva antecipada de vontade (DADALTO, 2020).

Nesta cena fica explícito que havia um acordo entre Will e os pais, que ele esperaria seis meses para efetivar seu desejo de colocar fim em sua vida. Os pais discutem entre si sobre a decisão do filho, porque enquanto o pai tenta acolher a vontade desse, a mãe não entende nem aceita que isso possa ser uma decisão possível e que represente a “liberdade” e dignidade para o filho, como defende Kovács (2014).

Mãe: *Liberdade? Chama isso de liberdade?*

Pai: *Todos concordamos.*

Mãe: *não quanto aos detalhes. Deus! Notei o selo suíço...*

Pai: *fizemos um acordo com o Will... seis meses*

Mãe: *não, só concordei para termos seis meses para fazê-lo mudar de ideia. Não posso acreditar que esteja disposto a ajudar nosso filho a se matar.*

Pai: *antes disso do que correr o risco de vê-lo tentar de novo, sozinho. Não foi um pedido de ajuda. Era para valer. Você sabe. Assim podemos estar com ele, apoia-lo, amá-lo.*

Mãe: *ele é meu filho!*

Pai: *Ele é meu filho também! É a escolha dele. É o que ele quer. Você sabe como ele está sofrendo.*

Mãe: *ele me deu seis meses. Ainda podemos convencê-lo.*

Em outra cena, o fisioterapeuta tenta justificar a decisão de Will por acompanhar de perto o grande sofrimento que ele vive. Para Louisa,

Lou: *Você sabe, não é?*

Nathan: *Sei, estou com ele há dois anos. A vida dele é dura. Com você ele esconde a dor. Mas sabe, algumas vezes em que dormi aqui, eu o ouvi gritar. Em seus sonhos, ele andava,*

esquiava, fazia coisas, e quando ele acordava, não havia nada que eu pudesse dizer a ele. Bom, não posso julgar o que ele quer fazer. É a escolha dele.

Lou: Mas isso era antes de mim.

Nathan: Sim, eu sei que ele fez muito, fez de tudo para deixar você feliz. Ouça, eu quero que ele viva, Lou. Mas só se ele quiser viver.

Lou: não posso deixar isso acontecer.

Louisa se apaixona por Will e acredita que seu amor é suficiente para fazer com que ele mude a ideia de dar fim a própria vida. Em uma viagem romântica, depois de dormirem juntos, estão na praia e nessa cena ocorre esse diálogo:

Will: Tenho que lhe dizer uma coisa

Lou: Eu sei. Sei sobre Suíça. Eu sei há meses. Ouça, sei que não é como você teria escolhido, mas posso fazer você feliz.

Will: Não...

Lou: O que?

Will: Não, Clark. Eu entendo que podia ser uma vida boa. Mas não é a minha vida. Não chega nem perto. Você nunca me viu antes. Eu adorava a minha vida. Adorava mesmo. Não posso ser um homem que simplesmente aceita.

Lou: Não está dando uma chance. Não está me dando uma chance.

(...)

Will: Não posso ficar vendo você andar pelo anexo com suas roupas malucas ou ver você nua e não... não poder fazer. Oh... Clark, se você tivesse ideia do que eu queria fazer com você agora. Eu não posso viver assim.

Lou: Por favor, Will, por favor.

Will: Isto, esta noite, estar com você, é a coisa mais maravilhosa que você poderia ter feito por mim. Mas preciso que acabe aqui. Chega de sentir dor e cansaço e de acordar toda manhã já desejando que tivesse acabado. As coisas não vão melhorar e os médico sabem disso e eu sei. Quando

voltarmos, eu vou para a Suíça. Então eu lhe peço que se você sente as coisas que diz que sente, acompanhe-me.

Lou: Achei que estava fazendo você mudar de ideia.

Wil: Nunca, nada me fará mudar de ideia.

(...)

Lou: Você é tão egoísta. Eu abro meu coração pra você e só o que sabe dizer é não. Quer que eu vá assistir a pior coisa que se pode imaginar. Você faz ideia o que está me pedindo?

Já quase no final filme, Louisa está arrasada por se considerar culpada de Will não ter mudado de ideia, mesmo depois dela existir na vida dele. Seu pai, no entanto, tenta lhe mostrar que ela amou Will como ele é, e que ele já era um homem decidido a tirar a vida depois da deficiência, que ela deveria respeitá-lo se o amasse. Entendendo isso, ela percebe o quanto é importante para Will morrer, e vai ao encontro dele despedir-se com muito amor. Ele retribui seu amor, deixando-lhe uma herança e uma carta com instruções para ela ir a Paris, pedindo que ela vivesse intensamente.

Lou: Eu tentei, pai. Eu tentei muito. Mas fracassei.

Pai dela: Quem disse que você fracassou? Não me parece que alguém neste mundo poderia dissuadir este homem uma vez que tivesse tomado uma decisão. Não se pode mudar quem as pessoas são.

Lou: E o que se pode fazer?

Pai dela: Amá-las. Ninguém poderia ter feito mais do que você. Seu coração é do tamanho daquele castelo e eu amo você por isso.

É difícil opinarmos sobre a decisão de tirar a vida. Em qualquer situação. No filme, a mãe tem sentimentos de amor e posse, em que nada justifica a escolha do filho. Ela o quer vivo de qualquer jeito. O pai tem sentimentos ambivalentes: quer respeitar a decisão do filho, mas

quando percebe a possibilidades dele ter uma namorada, de viajar e resgatar a alegria, lamenta e não se conforma.

O fisioterapeuta, que convive com as dificuldades, entende sua escolha de desistir da vida. Louisa, apaixonada, não aceita a decisão de Will e o considera egoísta por saber que mesmo gostando dela e tendo conhecimento de seu amor, não abre mão de sua decisão por não querer viver com as dificuldades da deficiência ao invés de dar uma chance a si mesmo e a ela de uma vida boa. Mais que isso, ele seria egoísta por pedir a ela que mesmo o amando, fosse acompanhá-lo no momento de sua morte.

Finalmente, diante do fato consumado, Louisa parece entender que talvez Will não tivesse sido egoísta como ela julgara, mas que do seu jeito soube amá-la, pois lhe ensinou passos para o seu crescimento, autonomia e independência que a levaram a caminhar para lugares que ele já não mais conseguiria ir.

Considerações Finais

Talvez seja difícil pensar na morte intencional na realidade brasileira, já que não há leis específicas sobre isso no país. Mesmo o testamento vital ainda é uma realidade pouco conhecida ou comentada além dos meios jurídicos.

A ideia do capítulo foi problematizar as discussões sobre o impacto da deficiência adquirida na vida das pessoas e o nível dessas implicações quando isso chega na escolha de tirar a própria vida.

Claro que, em nenhum momento queremos endossar quaisquer limitações ou impeditivos da deficiência e enfocar o lado negativo disso, como se isso pudesse “justificar” a falta de vontade de viver. Há inclusive inúmeros exemplos de superação de várias pessoas tetraplégicas, ou sem os membros inferiores e superiores, que vivem plenamente, superando todos os obstáculos

personais, sociais, etc., e que inclusive manifestam que junto com as limitações, passaram a ver e encarar a vida de outra forma, e são muito mais felizes assim. Da mesma forma, muitas pessoas desejam tirar a própria vida por outros motivos e outras doenças crônicas, muito menos comprometedoras e limitadoras na vida.

O testamento vital é uma forma da pessoa manifestar seu desejo de como para ela é ter uma morte digna, observando sua autonomia da vontade e dignidade.

O que motiva um ser humano a não mais desejar viver nem sempre tem relação com as condições subjetivas e objetivas que são relacionadas à sua vivência: Will tinha uma condição social e econômica extremamente favorável e aparentemente tinha condições de manter uma vida “confortável” por muitos anos. No campo amoroso também se realizou. Além disso, marcadores sociais também “modelam” o personagem: branco, magro, heterossexual, rico, inteligente e jovem, de modo que fica mais difícil julgar sua decisão de querer morrer “apenas” pela deficiência e suas limitações.

É possível haver um julgamento sobre a vida nessas condições sem o envolvimento afetivo, moral, religioso, ético? Quem decide pela nossa própria vida ou nosso limite de sofrimento ou existência? Nós mesmos? Nossa família? O Estado? O que isso significa para as pessoas com as quais nos relacionamos afetiva e sexualmente?

São muitas perguntas e poucas respostas objetivas, por isso propusemos este capítulo para refletirmos juntos.

Referências

BAER, R. **Is Fred Dead?** – a manual on sexuality for men with spinal Cord injuries. Pennsylvania: Dorrance Publishing, 2003.

BLACKBURN, M. **Sexuality and Disability**. Oxford, UK: Butterworth Heinemann, 2002.

CARDOSO, J. **Sexualidade e Deficiência**. (Série Psicologia e Saúde). Coimbra/PT, Quarteto editora, 2006.

DADALTO, L. **Testamento Vital**. Indaituba: Ed Foco, 2020.

KOVÁCS, M.J. A caminho da morte com dignidade no século XXI. **Revista Bioética** (Impressa)., v. 22, n.1, p. 94-104, 2014.

LOUREIRO, S. C. C.; FARO, A. C. M.; CHAVES, E. C. Qualidade de vida sob a ótica de pessoas que apresentam lesão medular. **Revista Esc. Enf. USP**, v.31(3), p. 347-367, 1997.

MAIA, A. C. B. **Sexualidade e Deficiências**. São Paulo/SP, Editora Unesp, 2006.

MAIA, A. C. B. **Inclusão e Sexualidade na voz das pessoas com deficiência física**. Curitiba: Ed Juruá, 2011.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiência. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 16, n. 2, p. 159-176, 2010.

MOURA, L. C. M. **A deficiência nossa de cada dia: de coitadinho a super-herói**. São Paulo: IGLU, 1992.

NUNES, R. Testamento Vital. **Revista Nascer e Crescer**, Centro Hospitalar do Porto, v. XXI, n.4, p. 250-255, 2012.

SALIMENE, A. C. de M. **Sexo: caminho para a reabilitação**-um estudo sobre a manifestação da sexualidade em homens paraplégicos. São Paulo/SP: Cortez Editora, 1995.

VASH, C. L. **Enfrentando a deficiência: a manifestação, a psicologia e a reabilitação**. Tradução Geraldo José de Paiva, Maria Salete Fábio Aranha e Carmem Leite Ribeiro Bueno. São Paulo: Pioneira, 1988. (Coleção novos umbrias).

WEREBE, M. J. G. Corpo e sexo: imagem corporal e identidade sexual. In: D'AVILA NETO, M. I. **A negação da deficiência: a instituição da diversidade**. Rio de Janeiro: Achiamé/Socii, 1984. p. 43-55.

Capítulo 4

SPECIAL: RELAÇÕES AFETIVAS E SEXUAIS DE UM ADULTO COM PARALISIA CEREBRAL

Leilane Raquel Spadotto de Carvalho
Ana Cláudia Bortolozzi

Introdução

Nos estudos sobre sexualidade, é importante levar em consideração a pluralidade de possibilidades de vivências no que tange aos relacionamentos interpessoais, afetivos e/ou sexuais. A sexualidade não é experienciada e vivida de maneira igual em todas as pessoas, culturas e sociedades. Cada ser humano é único na maneira de sentir e se relacionar afetiva e sexualmente.

O conceito de sexualidade humana vai muito além do que apenas fazer sexo ou do ato sexual. Ela envolve os afetos, as emoções, os valores e as crenças, assim como as relações interpessoais e afetivas, sendo inerente a todos os seres humanos (MAIA; RIBEIRO, 2010).

Muitas vezes, quando as pessoas pensam em desenvolvimento humano, existem crenças que relacionam quaisquer problemas que afetem o funcionamento do corpo à limitação ou impedimento da sexualidade e isso acontece muito com pessoas com deficiência (PcD).

A sexualidade da PcD ainda é cerceada por mitos e crenças sociais, principalmente inferindo a elas um caráter de assexualidade ou hiperssexualidade. No primeiro mito – da assexualidade –, a crença é de que as PcD são eternas crianças, infantis, ingênuas e por isso não têm desejos

sexuais ou vontade de se engajarem em relações afetivas/sexuais. No segundo mito – da hiperssexualidade-, o extremo oposto aparece; a crença é de que as PcD possuem uma sexualidade mais exacerbada que os demais, são sexualmente incontroláveis ou “selvagens” (MAIA; RIBEIRO, 2010).

Ambas as crenças são incorretas, consequências de uma grande desinformação social em relação às pessoas com deficiência e/ou outras condições concernentes ao desenvolvimento, como, por exemplo, a Paralisia Cerebral (PC).

De acordo com o Ministério da Saúde, a paralisia cerebral (PC) “é caracterizada por alterações neurológicas permanentes que afetam o desenvolvimento motor e cognitivo, envolvendo o movimento e a postura do corpo” (s/p). É um dos tipos de deficiência mais comum na infância, causada principalmente por hipóxia – ou falta de oxigenação no cérebro - e que resulta em uma lesão cerebral. Apesar de não ter cura e o grau de comprometimento variar em cada pessoa com PC, com tratamento clínico e cirúrgico essas pessoas podem ter uma vida funcional e produtiva (BRASIL, 2020).

Veigas (2013) define a paralisia cerebral como

uma doença não progressiva afetando aquelas porções do cérebro que controlam os movimentos e atitudes, adquirida no curso do desenvolvimento precoce do cérebro. É um termo descritivo, não específico e bastante ambíguo, que pode ser resumido como distúrbios da função motora, de início na primeira infância, caracterizados por paralisia, espasticidade e/ou movimentos involuntários dos mesmos, raramente hipotonia e ataxia, frequentemente acompanhados de déficit mental e epilepsia (p. 9).

Além de uma sexualidade rodeada de mitos e preconceitos, podemos citar o grande descaso que existe

em relação à própria sexualidade de PcD, sendo muitas vezes excluídos das discussões sobre essa temática. Autores apontam que existe uma tendência em manter as crianças e jovens com deficiência excluídos das conversas sobre sexualidade – principalmente no contexto familiar (MOUKARZEL, 2003; MORALES; BATISTA, 2010; VIEIRA; COELHO, 2014), o que pode resultar em comportamentos inadequados socialmente, riscos às ISTs e às violências, entre outros (MAIA 2006, MAIA; RIBEIRO 2010, VIEIRA; MAIA, 2015).

Nas deficiências físicas, diferente de outras condições, há de se considerar que a deficiência é uma condição visível (MAIA, 2006; 2011; SOUZA; DENARI; COSTA, 2017). Isso, por si só, pode acarretar que as demais pessoas pressuponham inúmeras barreiras no que tange à vivência da PcD, ainda mais quando pensamos na sexualidade, o que muitas vezes não é verdade.

Souza, Denari e Costa (2017) investigaram o discurso de 10 pessoas com deficiência física adquirida sobre a própria sexualidade. Nos resultados, evidenciou-se que muitos dos participantes se consideravam seres sexuados e se sentiam seguros para falarem sobre o tema, assim como viviam suas sexualidades de modo “natural” (muitos inclusive engajados em relações afetivas/sexuais). Entretanto, os participantes também apontaram o estigma notado em relação a essa temática, relatando sentimentos de serem socialmente percebidos como passivos ou “coitados” em razão da deficiência.

Outra questão importante para se destacar quando falamos de PcD, é o capacitismo. Vendramin (2019, p. 17) define-o como “[...] a leitura que se faz a respeito de pessoas com deficiência, assumindo que a condição corporal destas é algo que, naturalmente, as define como menos capazes”. O capacitismo encontra-se vinculado aos conceitos formados de longa data sobre uma “norma”

corporal, em que os corpos que não estão de acordo com essa têm menos valor e menos acesso aos direitos, etc.

Essas questões devem ser pensadas para que o princípio da inclusão realmente se faça socialmente, pois não adianta discutirmos sobre o acesso físico de PcD a determinados espaços e não considerá-las seres íntegros e dotados de desejos e vontades próprias.

Para refletir um pouco sobre os pontos levantados nesta breve introdução, vamos analisar uma série intitulada *Special*, que será descrita a seguir.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Série (1ª temporada)
Titulo Original	<i>Special</i>
Nome Traduzido	Especial
Gênero	Comédia
Ano	2019
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América, Inglês.
Duração	15 minutos (episódio)
Direção	Anna Dokoza

Special é uma serie americana de comédia, que retrata a vida de Ryan Hayes (ator Ryan O'Connell), um homem homossexual de 28 anos com paralisia cerebral que vive com sua mãe Karen Hayes (atriz Jessica Hecht) e busca sua autonomia. Os episódios mostram o cotidiano de Ryan, entre a vida familiar, laboral, social e a tentativa de encontrar um parceiro afetivo/sexual.

Ryan arruma um estágio não remunerado em uma empresa chamada Eggwoke, em que tem que escrever estórias. Na empresa, Ryan fica amigo de Kim, uma funcionária, e é tratado com desdém por sua chefe Olivia, que o coloca para abrir correspondência.

Em seu primeiro dia, conta para Kim que foi atropelado e essa espalha para todos da empresa, fazendo com que sua Paralisia Cerebral passe como “sequelas” do acidente, situação não desmentida por Ryan.

A série é baseada no livro autobiográfico de Ryan O'Connell *“I'm Special: And Other Lies We Tell Ourselves”*, que além de protagonista, também escreve e produz a série.

Análise Crítica

A série *Special* retrata com tom de humor situações cotidianas vividas por Ryan, um homem homossexual de 28 anos que vive com sua mãe. Logo no início da narrativa, Ryan, que arrumou um estágio não remunerado em uma empresa de site de entretenimento, conta para sua colega de trabalho que foi atropelado por um carro, e essa conta para Olívia (a chefe), que espalha para toda a empresa, dizendo que ele *“foi atropelado por um carro e agora vai mancar pra sempre”*, fato não desmentido por ele, que utiliza essa oportunidade para não revelar que tem paralisia cerebral (PC).

Como todos acreditam que a condição de Ryan (limitação na mobilidade das mãos/braços e pés/pernas) é decorrente do atropelamento, ele continua a mentir. Possivelmente Ryan tenta omitir sua deficiência porque sente vergonha dessa condição. Essa situação inicial da série sugere que para ele, as pessoas o aceitariam mais por “piedade” se sua condição fosse resultado de um atropelamento recente e não sequelas de uma deficiência definitiva, o que autores chamam de preconceito internalizado (FRANÇA; CHAVES, 2005; MAIA, 2011).

No que tange à sexualidade de Ryan, vários aspectos são evidenciados durante a temporada. Um deles gira em torno de sua mãe, Karen.

Karen divide sua vida entre o trabalho e os cuidados com Ryan (subentendendo-se que esse não faz nada em casa). No decorrer dos episódios, fica evidenciado que Karen não percebe Ryan enquanto um ser sexuado e que necessita de privacidade e autonomia. É ela quem faz tudo para ele e, em algumas situações, tenta até evitar que ele “se vire” sozinho, quando, por exemplo, Ryan diz que vai morar sozinho, essa reluta e não quer falar sobre o assunto. Discutindo com ela, Ryan se irrita e diz “*pare de controlar os outros e arrume o que fazer!*”.

Em várias cenas envolvendo Karen é possível identificar como ela lida com a sexualidade de Ryan. Em uma delas ele está em seu quarto olhando perfis em um aplicativo de relacionamentos e sua mãe irrompe pela porta sem bater, fato apontado por Ryan, desconsiderando a necessidade de privacidade. Em outra cena, Ryan está com sua amiga Kim no quarto olhando uma página de profissionais do sexo e sua mãe novamente entra sem bater, fato apontado pelo filho. Em um terceiro momento, Ryan conversa com sua mãe sobre estar apaixonado por seu amigo Carey, dizendo que “*é amor*”, e sua mãe responde “*não é amor, é uma paixonite*”.

Nessa última cena fica claro que Karen impõe um caráter infantil à sexualidade e sentimentos de Ryan, como se ele não soubesse o que é estar apaixonado ou que ele é ingênuo, não possuindo desejos eróticos, sexuais e afetivos. Aqui fica explícito o que a literatura nos traz sobre a sexualidade da PcD, que muitas vezes é desconsiderada enquanto pessoa sexuada, dotada de vontades, desejos e sentimentos de viver e experienciar relações afetivo/sexuais (MAIA, 2006; BEZERRA; PAGLIUCA, 2010; MEINERZ, 2010).

Lopes (2014, p. 51) coloca a “*existência de atitudes por parte dos pais, dos irmãos, dos avós e dos colegas ou conhecidos que constituem barreiras à participação nos*

relacionamentos sexuais”, com atitudes geralmente de superproteção e infantilização, o que conseqüentemente acaba restringindo a vivência de pessoas com PC no que tange aos relacionamentos afetivos e sexuais.

Outros aspectos da sexualidade que aparecem, dizem respeito às ações do próprio Ryan, que apesar de demonstrar interesse e desejo em ter relações afetivas e sexuais, esconde sua condição enquanto pessoa com PC. No início da temporada, em conversa com um instrutor físico, Ryan fica comentando sobre um homem que está próximo, falando sobre sua bunda. Segue o seguinte diálogo:

Ryan: Aquela bunda é tudo pra mim.

Instrutor: Ei! Foco! Deixa isso pro Grindr.

Ryan: Eu amo que você acha que eu tenho autoestima para usar o Grindr. O que meu perfil diria? “Sou gay e deficiente. Mas prometo não babar em você até o terceiro encontro”.

Instrutor: Tem vários fetichistas de baba por aí.

Ryan: Eu tenho tanta inveja do Bob [olha para homem sentado em uma cadeira de rodas].

Instrutor: Ryan, Bob usa uma sonda pra mijar.

Ryan: Eu sei, mas... Deve ser libertador ser... tão deficiente. Ter uma deficiência leve é como ser birracial...

Instrutor: Você está dizendo umas 15 ofensas diferentes.

Ryan: Quero dizer que estou no limbo. Tipo... Não sou fisicamente apto para o mundo normal, mas não sou deficiente o bastante para ser da nata da fisioterapia. Pelo menos bob sabe onde ele pertence.

Podemos observar então que Ryan, apesar de querer se relacionar com outros homens, acredita não ser “bom o suficiente” ou desejável para estar em um aplicativo de relacionamentos, como se considerasse que pessoas como ele não são alvo de desejo e/ou interesse afetivo e sexual de outros.

Em uma cena, na qual está com Kim na festa de aniversário de sua chefe, Ryan encontra um homem com quem trocou mensagens no Grindr¹ (que demonstrou interesse em conhecê-lo pessoalmente). Aparentemente o homem não o reconhece do aplicativo, mas Ryan se apresenta e o homem o leva para um dos quartos da casa (em que está sendo a festa). Muito rapidamente, o homem tira a roupa e senta ao lado de Ryan, falando que é sua vez de se despir. Eles começam a se beijar e o homem diz “que beijo interessante” para Ryan, e depois diz que esse vá mais devagar. Ao tentar beijá-lo novamente, Ryan vai muito devagar e o homem interrompe e o beijo e pergunta se ele quer nadar.

Nessa cena percebe-se que o homem apenas estava interessado em um envolvimento físico com Ryan, porém, sem saber de sua condição, perde logo a paciência e vai embora.

Pessoas com PC têm desejos e vontades de se engajarem em relações afetivas e sexuais, porém possíveis “limitações” na mobilidade podem ser desafios para aqueles que não sabem da condição. Nesse caso, talvez se Ryan tivesse contado para o homem sobre sua deficiência, esse poderia ter entendido porque ele agia daquela maneira.

Em conversa anterior com Kim, Ryan revela que é virgem e ela sugere a contratação de um profissional do sexo, Shay. Ryan vai ao apartamento do profissional, e conversando com ele, mente dizendo que já havia tido relações sexuais. Por conta de seus problemas de mobilidade e nervosismo, a situação ocorre de maneira desajeitada. Após a relação sexual, Shay percebe que havia sido a primeira vez de Ryan. Os dois conversam:

¹ Aplicativo de relacionamentos para gays, bissexuais, trans e *queers*.

Ryan: *Isso foi incrível! Sexo anal... é incrível!*
Shay: *Então foi a sua primeira vez! Que legal, me sinto honrado. Já tive clientes com PC e você é o mais flexível.*
Ryan: *PC... [da risada e faz um movimento como se fosse negar]. Meu caso é bem leve... E logo vou fazer sexo de graça, viu? Fique sabendo.*
Shay: *Eu acredito. Você é lindo.*
Ryan: *Não sei não...*
Shay: *Não precisa saber, vem cá.*
[deitam abraçados].

Figura 1. Shay beija Ryan.



Fonte: Special, Netflix, 2019.

Alguns aspectos podem ser analisados nessa cena: Shay, sabendo que Ryan tinha PC – fato só dito após a relação sexual, trata-o como ser íntegro e detentor de uma sexualidade, demonstrando cuidado e preocupação com suas limitações físicas na hora da relação sexual. Shay demonstra acreditar que Ryan pode ter um relacionamento afetivo/sexual para além da contratação de um profissional do sexo (ele, no caso), não tendo problema em falar sobre

a deficiência de Ryan – diferente do próprio, que não tocou no assunto até que Shay falasse sobre.

Outro ponto observado é a constante tentativa de Ryan de negar sua condição - mesmo essa sendo evidente - e o fator de falar sobre assunto proporcionar que “adaptações” sejam feitas para que sua mobilidade não seja um fator limitante em todos os aspectos de sua vida, inclusive na prática sexual.

Em um episódio, Olivia - chefe de Ryan – lhe arranja um encontro às cegas com seu primo, Michael. Chegando lá, Ryan descobre que Michael é surdo, estando juntamente com um intérprete, Jordan. Ryan fica confuso e o tempo todo fala olhando para Jordan, desconsiderando a presença de Michael e que a conversa está sendo direcionada a ele.

No outro dia, Ryan vai conversar com Olivia na empresa:

Ryan: [...] eu queria... falar do meu encontro com Michael. Ele já deve ter falado.

Olivia (em tom de deboche): Sim, que ele não curtiu? É, ele falou... Sinto muito. Achei que alguém que não pudesse ouvir como você é chato seria perfeito.

Ryan: O Michael não curtiu?! Eu não curti!

Olivia: Ficou intimidado? Eu entendo, ele é tão gato! E tem um pênis gigantesco!

Ryan: Primeiro: eca! Você não deveria saber isso, porque ele é seu primo. Segundo: você não me cotou que ele é surdo.

Olivia: E daí? Você é deficiente.

Ryan: Não sou deficiente! Fui atropelado por um carro.

Olivia: E ficou manco! Em outras palavras: é deficiente.

Ryan: Que seja. Ainda é melhor que ser surdo.

Olivia: Uau! [...] Você tem que escrever sobre isso! Que odeia ser deficiente e sair com um surdo te fez olhar no espelho.

Ryan: Não é bem assim... Por que você é tão ruim comigo?

Olivia: Porque você precisa. Todo mundo te trata como o coitadinho do acidente.

Percebe-se pelo discurso de Ryan que esse, além de esconder sua condição para outras pessoas e de mentir para elas em relação a ter uma deficiência, também têm preconceitos em relação a se relaciona com PcD. Maia (2011) aponta que entre as próprias PcD existe uma resistência sobre relacionar-se com alguém com deficiência, como se a condição fosse um impeditivo ou como se o fato de se relacionar com pessoas sem deficiência trouxesse um caráter de maior “normalidade”.

Lopes (2014) estudou a sexualidade de pessoas com PC, descrevendo as vivências de adultos com PC em atividades românticas e sexuais e o impacto dos fatores atitudinais. Participaram 14 mulheres e 28 homens. Dos 73,8% participantes que afirmaram já terem tido um relacionamento romântico, 21,4% estavam em um relacionamento no momento da coleta. 69,0% dos participantes já havia tido experiências sexuais, sendo que 26,2% dos participantes homens já recorreram a serviços de profissionais do sexo. Em qualquer nível de relacionamento afetivo/sexual, os que mais relataram ter tido esse tipo de vivência foram os homens.

Devemos considerar também nessa cena descrita, o que Amaral e Coelho (2014) preconizam sobre uma suposta escala de “corponormatividade” entre as PcD. Em seu trabalho sobre autoimagem e imagem social da PcD (pelas próprias PcD e reforçada por familiares e pessoas próximas) existiria a ideia de que quanto mais a pessoa se aproximasse e/ou passasse pelo que é tido enquanto “norma” (padrões sociais de beleza, etc.), melhor posicionado na escala (AMARAL; COELHO, 2003 *apud* MELLO; NUERNBERG, 2013). Sendo assim, percebe-se que entre as próprias PcD existiria uma segregação sobre qual

é uma deficiência mais ou menos “aceitável” em termos de relacionamento afetivo e sexual.

Nessa mesma conversa, Olivia também diz que Ryan deveria acabar com seu “capacitismo interiorizado”. Percebe-se durante essa cena e na narrativa geral dos episódios que Ryan realmente tem incorporado em si o capacitismo (verbalizando várias vezes que seria difícil alguém lhe querer - apontando para seu próprio corpo, etc.), como se ele mesmo considerasse que “valesse menos” apenas por ter uma deficiência (VALDRAMIN, 2019), o que muitas vezes foi refutado pelos personagens durante a série.

É como se o personagem ao mesmo tempo em que deseja se relacionar afetiva e sexualmente não achasse que merece pelo fato de seu corpo não corresponder a um “ideal” de aparência, performance e desejabilidade. Como nos traz Maia (2006, p. 174) “a negação da sexualidade das pessoas com deficiências físicas ocorre a partir de uma visão fragmentada do corpo perfeito”, que nesse caso é muito mais presente em Ryan do que nas pessoas à sua volta.

Percebe-se então que a questão com a deficiência enquanto fator limitante é muito mais trazido por Ryan do que pelas pessoas ao seu redor (amigos, pessoas pelas quais ele se interessa, sua mãe, etc.). Através de Kim, Ryan conhece seu amigo Carey. Eles então passam tempos juntos e Ryan começa a se apaixonar por ele. Em conversa com a mãe (como mencionado acima), diz estar apaixonado, mas não sabe se Carey corresponderia, dando a entender que sua deficiência seria um fator para que Carey não quisesse se relacionar afetiva e/ou sexualmente com ele. Ao final, Ryan (após revelar para todos sobre ter PC), conta a Carey que gosta dele, e este o beija.

Figura 2. Carey e Ryan passando tempo juntos.



Fonte: *Special*, Netflix, 2019.

Uma outra questão muito interessante de observar na série é que Ryan é um homem assumidamente homossexual. Estudos sobre a sexualidade de pessoas com deficiência e homossexualidade ainda são escassos (MAIA, 2009) considerando que a sexualidade por si só ainda é um tema tabu em muitas culturas e locais. Falar em sexualidade da pessoa com deficiência que não tem uma orientação sexual heteronormativa (que também é tabu em grande parte) é um grande avanço, considerando que a série tem um grande alcance e pode suscitar discussões nessa área.

Como mostra a literatura, as próprias pessoas com deficiência são muitas vezes excluídas das discussões sobre sexualidade, mesmo que seja claramente um tema que necessita de suas vozes. Carecem de informações, educação sexual e representatividade midiática (em filmes, séries e contextos mercadológicos). Considerar que uma PcD é um ser sexuado e mais, que não necessariamente essa sexualidade estará de “acordo” com um padrão de orientação sexual, identidade de gênero e outras características tidas enquanto “norma” social, abre espaço

para que essas pessoas sejam ouvidas e reconhecidas como qualquer outro ser humano social.

Considerações Finais

A série *Special* é muito interessante e rica em análises que podemos fazer tanto sobre a sexualidade de pessoas com deficiência (em termos interpessoais, afetivos e sexuais), quanto de vivências em si, abarcando a importância e desejo da autonomia, do trabalho e de se colocar social e sexualmente enquanto pessoa íntegra.

Também permite ter uma visão ampla do que é a realidade de PcD (claro que levando em consideração os privilégios que Ryan possui – financeiro, racial, social, etc.), ainda mais por ser baseada em uma história de vida real.

Pode ser um bom recurso pedagógico, quando utilizada em grupos de educação sexual, abarcando questões como as famílias e os cuidadores de PcD, o tabu que cerca a sexualidade da PcD, o preconceito internalizado, o capacitismo, as maneiras de se relacionar, as orientações sexuais não normativas e deficiências, a perda da virgindade, o uso de tecnologias assistivas, entre diversas outras temáticas que podem contribuir com o alcance do exercício pleno e saudável da sexualidade por pessoas com e sem deficiência.

Enfim, possibilita reflexões sobre as crenças e os tabus que podemos ter sobre a sexualidade de PcD, que são baseadas erroneamente em ideias fixas e heteronormativas. Por meio dessas discussões e do pensamento crítico podemos refletir e contribuir para auxiliar na eliminação de estigmas sociais que recaem sobre as PcD, contribuindo para os ideais de uma inclusão plena.

Referências

BEZERRA, C. P.; PAGLIUCA, L. M. F. A vivência da sexualidade por adolescentes portadores de deficiência visual. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 578-583, 2010.

BRASIL. **Paralisia cerebral**. Biblioteca Virtual em Saúde, Ministério da Saúde, Jan 2020. Disponível em: <<http://bvsmis.saude.gov.br/dicas-em-saude/3122-paralisia-cerebral>>. Acesso em 03 Ago 2020.

DE SOUZA, C. J.; DENARI, F. E.; COSTA, M. da P. R. O discurso das pessoas com deficiência física sobre a própria sexualidade. **Revista ibero-americana de estudos em educação**, v. 12, n. 4, p. 2177-2192, 2017.

FRANÇA, I. S. X.; CHAVES, A. de F. Sexualidade e paraplegia: o dito, o explícito e o oculto. **Revista Acta Paul. Enfermagem**, v.18(3), p.253-259, 2005.

LOPES, D. S. Fatores atitudinais e a participação na sexualidade de indivíduos. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Portugal, 2014.

MAIA, A. C. B. Conceito amplo de Sexualidade no processo de Educação Sexual. **Psicopedagogia On Line**, 2010.

MAIA, A. C. B. **Sexualidade e Deficiências**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MAIA, A. C. B. **Inclusão e sexualidade: na voz de pessoas com deficiência física**. Juruá Editora, 2011.

MAIA, A. C. B. Sexualidade, Deficiência e Gênero: reflexões sobre padrões definidores de normalidade. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. (Coleção Educação para todos). Brasília: Ministério da Educação, SECAD, UNESCO, 2009, p.265-292.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas

com deficiência. **Revista Educação Especial**, Marília, v. 16, n. 2, p. 159-176, 2010.

MEINERZ, N. E. Corpo e outras (de) limitações sexuais: uma análise antropológica da revista *Sexuality and Disability* entre os anos de 1996 e 2006. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 72, 2010.

MELLO, A. G. de; NUERNBERG, A. H. Corpo, gênero e sexualidade na experiência da deficiência: algumas notas de campo. **Anais [...] III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES**, Universidade do Estado da Bahia, Salvador – BA, 2013. Disponível em: <http://conselhos.social.mg.gov.br/conped/images/conferencias/corpo_genero_sexualidade.pdf>. Acesso em 27 Jul 2020.

MORALES, A. S.; BATISTA, C. G. Compreensão da Sexualidade por Jovens com Diagnóstico de Deficiência Intelectual. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 235-244, 2010.

MOUKARZEL, M. G. M. Sexualidade e deficiência: superando estigmas em busca da emancipação. Dissertação de Mestrado, Unicamp, 2003.

SOUZA, C. J. de.; DENARI, F. E.; COSTA, M. P. R. da. O discurso das pessoas com deficiência física sobre a própria sexualidade. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 2177-2192, out./dez. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n4.out./dez.2017.9123>>. Acesso em: 30 Jul de 2020.

VEIGAS, M. I. C. **A vivência da sexualidade da pessoa portadora de deficiência motora**. 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10174/9643>>. Acesso em 07 Ago 2020.

VENDRAMIN, C. Repensando mitos contemporâneos: o Capacitismo. **Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos**, Unicamp, 2019.

VIEIRA, C. M.; COELHO, M. A. Sexualidade e deficiência intelectual: concepções, vivências e o papel da educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 13, p. 201-211, 2014.

VIEIRA, A. C.; MAIA, A. C. B. . Síndrome de Asperger na adolescência e educação sexual: análise do relato de um pai. In: IV SIES - Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2015, Maringá. **Anais [...] IV Simpósio Internacional de Educação Sexual**, 2015.

Capítulo 5

ENCONTRO ÀS ESCURAS: SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA VISUAL¹

Débora de Aro Navega
Ana Cláudia Bortolozzi

Introdução

No passado, a deficiência foi entendida, de modo reducionista, como uma lesão física associada à incapacidade, e logo, ao infortúnio individual. Essa perspectiva médica foi contraposta pela compreensão da deficiência apresentada pelo modelo social, que denunciou os valores e as estruturas sociais opressivas como causa das restrições ou de impedimentos na participação social de pessoas com corpos atípicos (MAIA; 2006; MARTINS, 2016; GAUDENZI; ORTEGA, 2016).

A Organização Mundial da Saúde - OMS sugere que as deficiências devem ser compreendidas na interação entre o modelo médico e o modelo social, pois o estado físico pode afetar a forma como ocorre a interação social do sujeito (WHO, 2012). O Estatuto da pessoa com deficiência (BRASIL, 2015) reproduz a perspectiva mista de compreensão da deficiência da OMS, quando em seu artigo segundo define:

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015a, p.1).

O reconhecimento de que uma lesão orgânica em interação com fatores ambientais instaura necessidades peculiares pode ser aplicável em alguns contextos, como na obtenção de dados para subsidiar práticas clínicas, educacionais e/ou assistenciais. Em tais situações, cabe a avaliação e mensuração da funcionalidade individual, conforme proposta na Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde - CIF (OMS, 2013), desde que de modo respeitoso à dignidade, à autonomia e à autodeterminação das pessoas com deficiência. A inclusão é favorecida por relações sociais que respeitem e valorizem as diferenças individuais, bem como pela garantia de acessibilidade e da disponibilização de tecnologias assistivas (WHO, 2012).

A sexualidade é uma dimensão humana intrínseca, manifesta em cada um de modo singular e também condicionada por conjunturas históricas e culturais (MAIA, 2006; MAIA; RIBEIRO, 2011). Engloba sexo, identidade, papéis de gênero, orientação sexual e intimidade, estando presente em desejos, crenças, atitudes e relacionamentos (WHO, 2011). Portanto, a sexualidade não diz respeito somente às práticas e aos afetos, mas sobretudo, aos modos de compreensão, percepção e seus significados.

Sob a perspectiva social de compreensão da deficiência e da construção da sexualidade, evidenciam-se as barreiras sociais, expressas em atitudes e comportamentos, que podem interferir negativamente na sexualidade de pessoas com deficiência visual. A

construção social da sexualidade atribui normas, padrões e valores para as práticas e os relacionamentos afetivos e/ou sexuais, afetando a todos/as (MAIA; RIBEIRO, 2010). Assim, pessoas com deficiência também são impactadas pelos padrões sociais de gênero, de heteronormatividade, de beleza, de expectativa de performance sexual etc. (MAIA; RIBEIRO, 2010; CARVALHO; SILVA, 2018).

Maia e Ribeiro (2010) destacam que, no senso comum, inverdades se articulam em torno da ideia preconceituosa de que a sexualidade de pessoas com deficiência seja atípica ou infeliz. Estas inverdades incluem ideias errôneas de que pessoas com deficiência seriam assexuadas, dependentes, infantis, sem sentimentos, pensamentos ou necessidades sexuais; e de que seriam pouco atraentes, indesejáveis e incapazes para manter um relacionamento amoroso e/ou sexual, assim como para a reprodução e parentalidade.

Esses mitos, danosos por si só, ainda acarretam outros prejuízos, pois as pessoas com deficiência são privadas de educação sexual e de assistência à saúde sexual e reprodutiva, tornando-se mais vulneráveis à violência, às infecções sexualmente transmissíveis (IST) e à gravidez não planejada. Estes malefícios são uma afronta aos seus direitos sexuais e reprodutivos (MAIA; RIBEIRO, 2010; WHO, 2012; CARVALHO; SILVA, 2018).

Os direitos sexuais garantem a autodeterminação na expressão da própria sexualidade, com liberdade e segurança. O que se aplica à identidade de gênero, à decisão de envolver-se (ou não) em relações afetivas e/ou sexuais, bem como de escolher sua (s) parceria (s).
Abrangem:

o direito a uma sexualidade plena em condições seguras, assim como o direito a tomar decisões livres, bem informadas, voluntárias e responsáveis sobre sua

sexualidade, a respeito de sua orientação sexual e identidade de gênero, sem coerção, discriminação nem violência, e garantir o direito à informação e aos meios necessários para sua saúde sexual e saúde reprodutiva (CEPAL, 2013, p.15).

Os direitos reprodutivos englobam o direito à decisão livre e responsável sobre ter (ou não) filhos, além de acesso às informações e aos meios necessários (BRASIL, 2005), ou seja, métodos contraceptivos, serviços de planejamento familiar, de assistência integral ao aborto nos casos permitidos em lei, assistência humanizada no pré-natal, parto e puerpério, como também às técnicas de fertilização assistida. Apesar do Brasil ter assumido o compromisso internacional a favor dos direitos sexuais e reprodutivos, sendo signatário da Convenção de Montevideo (CEPAL, 2013), e de leis nacionais garantirem estes direitos à todas as pessoas, inclusive pessoas com deficiência (BRASIL, 1996; 2015a), na realidade ainda há muito a avançar para sua efetivação.

No Brasil, cerca de 6,2% da população apresenta algum tipo de deficiência, sendo a visual o tipo mais prevalente (3,6%). A maior parte das pessoas adquiriu a deficiência visual por doença ou acidente, sendo a menor parte dos casos de nascença. Em torno de 16% das pessoas com deficiência visual relataram grau intenso ou muito intenso de limitações ou incapacidades nas atividades habituais, sendo bem baixa a utilização de serviços de reabilitação (BRASIL, 2015b). Não está claro se a causa desta baixa utilização de serviços de reabilitação seria a independência nas atividades da vida diária ou a indisponibilidade na oferta destes serviços.

Pessoas com deficiência visual (PcDV) reconhecem ganhos com a inclusão escolar e no mercado de trabalho, assim como os benefícios proporcionados pela inclusão em instituições especializadas. Contudo, ainda são vítimas de

preconceitos na vivência de sua sexualidade. Há preconceitos de que seriam assexuadas, sem desejo nem práticas afetivas e/ou sexuais, e de que não deveriam se casar e não seriam capazes de se relacionar. A sexualidade da PcDV é ainda desconhecida, invisível ou desinteressante para a sociedade, que reage à sua expressão pública com espanto, admiração e curiosidade (LEBEDEFF, 1994; MARCON, 2012; FRANÇA, 2013; MEDEIROS, 2016).

Sabe-se que parte das PcDV não recebe de familiares nenhum tipo de educação em sexualidade (CEZARIO; MARIANO; PAGLIUCA, 2008; COSTA; PIMENTEL, 2009), o que pode ocorrer por constrangimento, dificuldade em tratar do assunto e/ou falta de percepção da necessidade de fazê-lo.

Adolescentes com deficiência visual, que anseiam pelo processo gradual de autoafirmação e conquista de independência e autonomia, podem ter este processo de desenvolvimento afetado pela superproteção de pais ou familiares (MOURA; PEDRO, 2006; MAIA, 2011). Por vezes, essa superproteção pode acabar ainda por postergar ou inibir o engajamento em relacionamentos amorosos (BEZERRA; PAGLIUCA, 2010). A introjeção de preconceitos sobre a sexualidade de pessoas com deficiência repercute em atitudes desfavoráveis por parte de pessoas significativas como familiares e profissionais, os quais deveriam lhes oferecer oportunidades de aprendizagem e de desenvolvimento da autonomia (MAIA; RIBEIRO, 2010; CARVALHO; SILVA, 2018).

Entre adultos com deficiência visual também pode ocorrer um prejuízo nas oportunidades de relacionamentos quando o convívio social é reduzido, seja pela falta de acessibilidade para locomoção ou por outras barreiras atitudinais (COSTA; PIMENTEL, 2009).

Diversos estudos demonstraram o desconhecimento de noções básicas sobre o desenvolvimento corporal feminino e masculino, masturbação, menstruação, prevenção de IST

e da gravidez não planejada neste grupo populacional (LEBEDEFF, 1994; MOURA; PEDRO, 2006; MAIA, 2011). Algumas estratégias de ensino e materiais adaptados às PcDV tem sido desenvolvidos sobre conteúdos tais como: métodos contraceptivos (BEZERRA; PAGLIUCA, 2010), prevenção de IST (OLIVEIRA, 2016), uso do preservativo masculino (BAROSA,2013), entre outros.

Pessoas com deficiência visual carecem de uma educação sexual formal cientificamente embasada, adaptada às suas necessidades e que permita para além da aquisição de conhecimentos básicos, a reflexão sobre práticas, costumes, opiniões, valores, atitudes e direitos (MAIA, 2011).

Para PcDV, a atração sexual ocorre principalmente por meio do diálogo, bem como pelo toque e pelo cheiro. Ouvir a voz da pessoa é um modo de captar seu jeito de ser e se expressar, de conhecê-la (COSTA; PIMENTEL, 2009; MAIA, 2010; MARCON, 2012; FRANÇA, 2013; MEDEIROS, 2016). O fato de a paquera ocorrer principalmente através do diálogo, impõe a exigência de que as pessoas com deficiência visual apresentem habilidades sociais e comunicativas satisfatórias (LEBEDEFF, 1994).

A privação do acesso à expressão não verbal, importante componente da comunicação humana, pode atrapalhar suas interações sociais. O desenvolvimento de habilidades sociais entre PcDV pode ser favorecido pela maior escolaridade e dificultado pela restrição das atividades sociais. As dificuldades podem ser acentuadas entre PcDV adquirida em comparação àquelas de nascença (MAIA; DEL PRETE; FREITAS, 2008).

Assim, experiências afetivas e sexuais de PcDV guardam semelhanças com as de pessoas sem deficiências ou com outros tipos de deficiências, ao mesmo tempo em que apresentam também algumas peculiaridades. Diante

dessas considerações, propomos a discutir essas questões a partir de um filme.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>Blind dating</i>
Nome Traduzido	Encontro às escuras
Gênero	Comédia/ Romance
Ano	2006
Local de lançamento e Idioma original	EUA, inglês
Duração	1h35min
Direção	James Keach

Danny é um jovem que convive com a deficiência visual desde a infância; mora com os pais e com a irmã mais nova Marie e acaba de ingressar na faculdade de Direito. Possui um relacionamento próximo com o irmão mais velho Larry, que tem uma limusine na qual trabalha como motorista. Por vezes, Danny conta com o irmão para o transporte de carro e possui bastante independência na mobilidade em seu dia a dia e costuma encontrar com frequência o amigo Jay, para praticar esportes como basquete ou baseball.

Danny faz acompanhamento médico e psicoterápico de rotina. Em um certo momento, é convidado para participar de um estudo em que receberia um tratamento cirúrgico experimental que poderia lhe possibilitar enxergar. Contudo, o procedimento é delicado por envolver um implante no cérebro e apresentar chances de insucesso, com risco de complicações e até de morte.

Enquanto decide sobre a cirurgia, Danny deseja “experimentalmente” um relacionamento afetivo sexual e vivencia conflitos emocionais sobre a sua atratividade sexual. O irmão Larry lhe arruma vários encontros e está

determinado a propiciar uma oportunidade para que Danny tenha uma relação sexual. Porém, os encontros fracassam, em cenas com tom bastante cômico e trágico. A prioridade de Danny não é o ato sexual, mas sim vivenciar uma relação amorosa espontânea.

Leeza, uma jovem de origem indiana, é a nova secretária do consultório médico que Danny frequenta. Em um primeiro momento, há um estranhamento entre os dois, que aos poucos dá lugar a um interesse recíproco. Começam a se conhecer e se apaixonam. Porém, Leeza já havia se comprometido, perante seus pais, ao casamento com um parceiro indiano conforme os costumes culturais de sua família e por isso rompe o relacionamento com Danny, gerando sofrimento para ambos. Danny procura lidar com a rejeição e a tristeza, estava propenso a aceitar a realização da cirurgia, mas abandona o acompanhamento. Engaja-se em mais um encontro arrumado por Larry, desta vez decidido a ter uma experiência sexual, porém, mais uma vez, sem sucesso.

Com incentivo do irmão, Danny retoma o acompanhamento médico e realiza a cirurgia. Experimenta enxergar a aparência de seus familiares, de seu amigo Jay e dos profissionais que o acompanham, em um momento de bastante emoção. Porém, depois apresenta uma complicação, sendo reavaliado pelo médico que indica repouso absoluto até cirurgia de urgência para “desfazer” o implante. Antes disso, Danny arrisca-se atravessando a cidade para ver Leeza e declarar o seu amor.

Análise Crítica

Algumas cenas do filme apresentam assuntos que suscitam reflexões relativas à sexualidade da pessoa com deficiência visual. Estes conteúdos foram agrupados para discussão em dois conjuntos temáticos, apresentadas a seguir:

Autoconfiança e atratividade sexual nas experiências amorosas de Danny

Já nas cenas iniciais do filme, a superproteção da família, principalmente por parte da mãe, é reconhecida e narrada aos espectadores pelo protagonista, que aponta inclusive ser este um motivo que o leva a fazer psicoterapia. Afirma que a mãe expressa seu amor de modo sufocante, sendo preocupada demais. Isto fica nítido na cena em que Danny conversa com familiares sobre o convite para participar de um estudo em que receberia um tratamento cirúrgico experimental que lhe daria a chance de obter algum tipo de visão. Os familiares reagem com intensa ansiedade e a mãe com grande preocupação e intromissão em sua decisão. O irmão Larry também demonstra atitudes superprotetoras ao querer defender Danny de um colega de classe da faculdade que o ofendeu ou quando tenta limpar com guardanapo a boca de Danny enquanto comiam, e ainda quando quer tomar as melhores decisões por ele.

Na adolescência, a mãe repreende Larry por apresentar material pornográfico ao irmão. E mesmo quando Danny já estava com 22 anos, a mãe continua a tratá-lo como se ele fosse ingênuo ou assexuado. A superproteção, ao impedir a pessoa de se decidir e agir, pode prejudicar o desenvolvimento da autoconfiança, da iniciativa, da autonomia e da independência. Familiares e profissionais superprotetores também podem limitar as oportunidades de convívio social e de relacionamentos amorosos por pessoas com deficiência visual (MOURA; PEDRO, 2006; BEZERRA; PAGLIUCA, 2010; MAIA, 2011).

Esta postura pode estar relacionada à introjeção da falsa crença de assexualidade das pessoas com deficiência por parte de pessoas significativas, como familiares e profissionais (MAIA; RIBEIRO, 2010, CARVALHO; SILVA, 2018). Do mesmo modo, a *youtuber* brasileira Geisa Farini

(2018) defende que a independência e a autonomia são determinantes para pessoas com deficiência visual ampliarem seu círculo social, abrindo possibilidades de que conheçam potenciais parcerias e vivenciem relacionamentos afetivos e/ou sexuais.

Na cena do filme em que Leeza se dirige ao médico, oferecendo-se de guia para Danny até a saída da clínica, Danny recusa o auxílio. Em outra situação, Leeza dirige a oferta diretamente para Danny, que desta vez aceita o auxílio. O fato de Danny não utilizar cão guia e utilizar a bengala branca com pouca frequência demonstra uma atitude de autoafirmação e independência, pois quando Leeza lhe sugere o uso da bengala pela facilidade e segurança, Danny responde ironicamente: “*valeu, mãe*”. Esta recusa poderia ser interpretada também como uma tentativa de ocultar a aparência ou condição de deficiente visual, como sugere uma fala de sua psicoterapeuta: “*Ele mesmo não se considera cego*”.

Apesar de ser um homem bonito, Danny é inseguro quanto a ser desejável e teme que uma mulher se aproxime dele por pena relativa à deficiência visual. É comum que as pessoas apresentem alguma insegurança quanto à própria atratividade. Contudo, algumas pessoas com deficiência visual consideram que a falta de visão atrapalha a paquera e acentua o medo da rejeição (COSTA; PIMENTEL; 2009; FRANÇA, 2013). A dificuldade na paquera pode ainda estar relacionada às habilidades sociais necessárias para a interação e a comunicação (LEBEDEFF, 1994; MAIA; DEL PRETE; FREITAS, 2008). Para Farini (2018) é importante que a pessoa com deficiência visual tenha uma comunicação clara e seja capaz de verbalizar o interesse afetivo e/ou sexual durante a paquera, visto que os componentes não verbais da comunicação como olhares, expressões faciais e gestos estão inoperantes.

O personagem Danny não demonstra dificuldades na comunicação e interação, sendo bastante desenvolvido e bem humorado. É importante levar em conta que os preconceitos envolvendo a sexualidade de pessoas com deficiência podem ser internalizados por elas próprias, prejudicando sua autoestima e autoimagem (MAIA, 2011). Um entrevistado do estudo de Marcon (2012) referiu ter terminado o namoro após adquirir a deficiência visual, pois acreditava que, caso contrário, a relação seria sustentada por piedade. Outros estudos encontraram o preconceito de que pessoas com deficiência visual deveriam se relacionar entre si (FRANÇA, 2013), bem como relatos de pessoas com deficiência visual de que sentiam insegurança para relacionamentos com pessoas sem deficiência (MEDEIROS, 2016). Outro achado foi de discriminação por aqueles que teriam vergonha em se relacionar com pessoas com deficiência visual e por familiares (de pessoas com ou sem deficiência) que apresentaram resistência em aceitar o relacionamento (MAIA, 2011; MARCON, 2012; FRANÇA, 2013; MEDEIROS, 2016).

Já para adolescentes com deficiências visual e física da África do Sul, o relacionamento com pessoas sem deficiência foi percebido como não problemático e como indício de não discriminação (CHAPPELL, 2014). Farini (2018) também afirma que a paixão e o amor ocorrem entre as pessoas, independentemente da presença ou ausência de deficiências. E ainda que, a depender dos ambientes de convívio e das características das pessoas frequentadoras desses mesmos ambientes, haverá ou não a oportunidade de conhecer e namorar pessoas com ou sem deficiências. No filme, a personagem Leeza afirma que Danny é gentil, transmite emoção, é legal e corajoso, ou seja, alguém especial e diferente de outras pessoas que tinha conhecido. Não há nenhuma oposição familiar ao relacionamento dos dois.

Danny recebe auxílio da irmã Marie e de Larry para arrumar-se para os encontros amorosos, e demonstra sua preocupação com a beleza ao questionar se está bonito, ou se a mulher com quem irá se encontrar é bonita. Em alguns estudos, pessoas com deficiência visual relataram expressar sua sexualidade por meio do jeito de ser, de estar de bem com a vida, do bom humor, tratando as pessoas com carinho e também no jeito sexy de se vestir, se arrumar, perfumar e ajeitar os cabelos (MEDEIROS, 2016), demonstrando preocupação com a forma física e a beleza e, inclusive, tecendo crítica ao estereótipo de aparência da pessoa com deficiência visual como restrita ao “andar duro, robotizado”, com uso de bengala branca e óculos escuro (MARCON, 2012, p.81).

A beleza da (possível) parceira também foi mencionada como uma preocupação por alguns homens com deficiência visual, que afirmaram contar com o auxílio e a opinião de colegas sem deficiência visual no aviso sobre a presença e a beleza de mulheres para paquera, pois não seria algo possível de se identificar pelo toque no rosto, inclusive com a noção de que a figura da mulher seria imaginada (MARCON, 2012). Já no estudo de França (2013), um participante do sexo masculino afirmou o contrário, de que pelo tato seria possível ter noção exata da beleza da pessoa. De todo modo, fica perceptível que as noções de beleza também são construídas socialmente, não estando apenas relacionadas à imagem, mas, sobretudo aos padrões, costumes e opiniões da comunidade.

É interessante notar que a aprovação social da beleza de uma possível parceira coexiste com o processo de valorizar aspectos subjetivos da pessoa na paquera, os quais seriam reconhecidos pelas PcDV, principalmente por meio do diálogo, da voz e do jeito de falar (COSTA; PIMENTEL, 2009; MAIA, 2010; MARCON, 2012; FRANÇA, 2013; MEDEIROS, 2016). Este processo é apresentado no

filme, já que atração de Danny por Leeza tem início na vontade dele de conversar com ela. Ele afirma que a voz diz muito sobre a pessoa e que se apaixonou por Leeza pelo seu jeito natural e pelo som de seu riso. Quando declara seu amor, ele enfatiza que ama a suavidade da voz dela, o jeito que ela o trata, o modo como o guia e que o beijo dos dois mexe com sua alma.

Masculinidades, preconceitos e padrões sociais nos relacionamentos amorosos

O protagonista Danny afirmou que tinha interesse em um encontro amoroso “*pra valer*”, que fosse um jantar em restaurante em que pudessem conversar e se conhecer. E dependendo do que sentissem um pelo outro, o sexo poderia ser uma consequência, diferindo das expectativas do irmão. Larry tinha várias colegas profissionais do sexo para quem costumava alugar sua limusine como local de seus programas. Em certa ocasião, ele marca um encontro para Danny com uma delas, porém, Danny logo percebe que a mulher era profissional do sexo e deixa bem claro para Larry que não quer uma relação comprada.

Além de exercer uma pressão para Danny deixar de ser virgem, Larry também evidencia outra atitude preconceituosa ao querer confirmar que Danny seria heterossexual. Larry encarna um estereótipo de masculinidade cujos valores máximos de vida são o sexo, o sucesso financeiro e uma boa imagem pessoal.

Nessa mesma perspectiva, noivo e o futuro sogro de Leeza adotam posturas conservadoras, rígidas e machistas, cobrando dela comportamento exemplar, pontualidade, lealdade e determinando que ela cumprisse o “papel de mãe e esposa” enquanto o marido assumiria os negócios da família. Em uma cena, o noivo tenta acariciá-la, insinuando-

se sexualmente, sem perceber que o desejo não era recíproco e o momento inapropriado.

Apesar de também estar inserido na cultura indiana, o pai de Leeza apresenta postura mais compreensiva e flexível, e chega a relativizar a máxima do “*respeito aos mais velhos*”, afirmando que o respeito é conquistado nas relações. Deste modo, várias possibilidades de masculinidade – definida aqui como um modelo de homem determinado e imposto pelo contexto social e histórico (SCOTT, 1995), são retratadas no filme, marcando explicitamente as posturas que configuram relações mais ou menos respeitadas, igualitárias e saudáveis.

O estudo de Chappell (2014) demonstrou que os padrões hegemônicos de gênero eram mais significativos que a deficiência na constituição da sexualidade de um grupo de adolescentes com deficiência visual e física da África do Sul. A percepção de amor pelos adolescentes foi diversa entre os sexos: algumas meninas associaram o amor ao comprometimento e à confiança, enquanto um garoto afirmou que não sabia o que era, mas usava a palavra por imitação aos outros. No filme, a concepção de amor de Danny é bastante romântica.

Alguns estudos sugerem uma possível influência do gênero nas relações entre pessoas com e sem deficiência visual, discutindo uma aparente tendência de que mulheres com deficiência visual tenham parceiros também com deficiência visual, enquanto os homens com deficiência visual tenham parceiras sem deficiência (MARCON, 2012; FRANÇA, 2013). Para Marcon (2012) este fato estaria relacionado ao papel de cuidador (a) atribuído socialmente ao sexo feminino. Farini (2018) acredita que, de modo geral, o homem seja mais preconceituoso, com mais receio do que os amigos irão pensar e de serem acusados de estar “se aproveitando” da mulher com deficiência visual. Além disso, pontua que, pelos padrões de gênero, o homem teria

mais facilidade e ousadia em paquerar, o que aumentaria suas possibilidades de relacionamentos com pessoas sem deficiência.

Há um preconceito social na desconfiança de que a pessoa sem deficiência esteja se aproveitando da pessoa com deficiência em um relacionamento amoroso, relacionado à inverdade de que a pessoa com deficiência seria assexuada, dependente e infantilizada (MAIA, 2011).

As mulheres que Larry arruma para os encontros com Danny expõe preconceitos de modo bastante claro. O exagero das manifestações, por um lado tornam as cenas bizarras e engraçadas, mas por outro, evidenciam o desrespeito e o sofrimento causados. Uma chora de dó copiosamente pela deficiência de Danny, outra o trata como objeto sexual e chega a cometer assédio, sendo autoritária e controladora. Uma terceira demonstra expectativas bastante irreais e idealizadas, sem nem mesmo conhecê-lo.

Essas experiências frustram Danny, pois ele percebe que a deficiência foi tida como sua principal característica, sem nem mesmo ter a oportunidade de ser conhecido em sua singularidade. Afirma: *“elas não saíram comigo, saíram com um cego”*. Esta afirmação escancara o preconceito que rotula e limita a pessoa à deficiência. Estas cenas ilustram os preconceitos ainda existentes sobre a sexualidade de pessoas com deficiência visual e o sofrimento decorrentes deles para estas pessoas (LEBEDEFF, 1994; MAIA, 2011; MARCON, 2012; FRANÇA, 2013; MEDEIROS, 2016).

Em certa cena, Danny acreditou ter sido rejeitado por Leeza por preconceito pela sua deficiência visual, embora não fosse este o motivo. Neste sentido, Farini (2018) afirma que pode ser desafiador adquirir o discernimento para diferenciar o que seria uma rejeição amorosa pela falta de atração sexual e o que seria uma rejeição amorosa pelo preconceito contra a deficiência visual. Ressalta ainda que

é necessário ter maturidade e estrutura para lidar com o preconceito e a discriminação nas relações amorosas sem abalos na autoestima, o que conseguiu ao compreender que era o outro quem estava equivocado.

De volta ao filme, observa-se que Danny possui uma boa rede de apoio social. Quando se encontrava entristecido devido ao término do relacionamento com Leeza, ele recebe apoio emocional do amigo Jay, de seu pai - que é bastante acolhedor e afetuoso -, assim como do irmão Larry, com quem tem conversas íntimas e francas.

Sentindo-se rejeitado, Danny planeja um novo encontro, arranjado pelo irmão, em que tenta esconder a deficiência visual, desta vez com intuito de uma experiência sexual. Danny havia recebido de Larry a recomendação de utilizar o preservativo, porém, teve dificuldades ao treinar para colocá-lo, demonstrando que desconhecia o insumo e a maneira adequada de fazê-lo.

É fato que as Campanhas preventivas de IST têm sua comunicação voltada ao público em geral e não consideram à acessibilidade às pessoas com deficiência visual (FRANÇA, 2013; MEDEIROS, 2016). Além disso, o assunto também não é abordado por profissionais de saúde. Estes dados corroboram com a necessidade de materiais pedagógicos adaptados e profissionais capacitados para a prevenção de IST entre pessoas com deficiência visual (CEZARIO; MARIANO; PAGLIUCA, 2008; BEZERRA; PAGLIUCA, 2010; BARBOSA, 2013; OLIVEIRA, 2016).

No encontro sexual de Danny, a mulher tenta seduzi-lo com um *strip-tease*, o que não surte efeito. Ele então conta sobre a deficiência visual, e em resposta é discriminado e abandonado de modo humilhante. Uma experiência oposta foi relatada no estudo de Marcon (2012) no qual alguns homens com deficiência visual buscavam utilizar-se de sua condição como recurso de conquista, afirmando sua virilidade ao reforçar a ideia de que o “cego

é um ótimo amante”, o que na opinião da autora seria uma forma de manipular o estigma e utilizá-lo em benefício próprio.

É curioso observar que, inicialmente, tanto Danny quanto Leeza estão submetidos às relações arranjadas nas quais não encontram satisfação. As mulheres com quem Danny se encontra para jantar tinham sido previamente escolhidas por seu irmão Larry. Estas parceiras apresentam atitudes preconceituosas com a deficiência visual de Danny, fazendo-o sofrer. Leeza estava comprometida com um casamento pactuado entre sua família e a de seu noivo. Ela sofre com a desigualdade de gênero embutida nos costumes da cultura indiana/ de seus familiares, que lhe retiram a autonomia em sua vida afetivo sexual e também na vida profissional. Leeza sonhava cursar medicina, divergindo dos planos que o futuro marido tinha para ela.

A psicóloga afirma que Danny era um forte candidato ao experimento cirúrgico, pois possuía habilidades para lidar com o desfecho da cirurgia, fosse de sucesso ou fracasso, o que correspondeu às suas respostas após a cirurgia. Contudo, Danny não apresenta a mesma maturidade frente à paixão por Leeza. Mesmo tendo recebido recomendação médica para manter-se em repouso absoluto, Danny colocou em risco sua própria vida ao ser levado pelo ímpeto apaixonado de ir ao encontro da amada.

Uma das características do enamoramento é a propensão às atitudes radicais e aos sacrifícios (ALBERONI, 1983). A ideia de um relacionamento digno de investimento fenomenal, que deve ser mantido mesmo ao custo da própria autoestima e preservação, reforça padrões de relacionamentos que podem ser nocivos e/ou ilusórios.

O relacionamento de Leeza e Danny é igualitário e caracterizado pelo respeito e admiração recíprocos, pelo diálogo e compreensão. Contudo, é necessário fazer a

crítica de que o amor romântico é apresentado ao final do filme como suficiente para a resolução de todos os conflitos, de modo bastante irrealista, como uma solução mágica. Assim, se por um lado o filme denuncia preconceitos e normas sociais opressoras da sexualidade de pessoas com deficiência visual, por outro, reforça - para todos-, o ideal do amor romântico e apaixonado como sinônimo de eterna felicidade.

Considerações Finais

Buscamos refletir sobre aspectos psicossociais das experiências sexuais do protagonista Danny do filme *Encontro às Escuras*, estabelecendo uma discussão com a literatura científica na área. Algumas cenas do filme explicitam preconceitos e discriminações que ocorrem quando a deficiência é posta em primeiro plano, deixando a pessoa em segundo plano, sem ser percebida ou conhecida, excluída de relações sociais, afetivas e/ou sexuais. É um direito das pessoas com deficiência visual engajarem-se (caso queiram) em relações amorosas. Ademais, é importante destacar que os padrões sociais de gênero, de beleza e do que seriam relacionamentos amorosos desejáveis também atravessam a sexualidade de pessoas com deficiência visual.

O material analisado é uma obra ficcional e o personagem apresenta algumas características importantes que condicionam a vivência de sua sexualidade, como: ser norte americano, homem, jovem, ter uma boa condição socioeconômica, ser branco, heterossexual, etc. Outros estudos poderiam explorar diferentes singularidades e possibilidades de experiências afetivas e/ou sexuais de pessoas com deficiência visual, bem como os modos de enfrentamento dos preconceitos sobre sua sexualidade. E ainda, explorar como e quais são

os serviços e as intervenções que hoje proporcionam a inclusão e a promoção dos direitos sexuais de pessoas com deficiência visual.

Referências

ALBERONI, F. **Enamoramento e Amor**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1988. 107p.

ARBOSA, G. O. L. *et al.* Desenvolvimento de tecnologia assistiva para o deficiente visual: utilização do preservativo masculino. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 47, n.5, p. 1158-1164, 2013

BEZERRA, C. P.; PAGLIUCA, L. M. F. A vivência da sexualidade por adolescentes portadoras de deficiência visual. **Escola de Enfermagem**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 578-583, 2010.

BRASIL. Lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996. **Lei do Planejamento Familiar**. Regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências.

BRASIL. **Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos: uma prioridade do governo**. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Série Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos - Caderno nº 1. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. Brasília, 2005, 24 p.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência), 2015a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 12/10/2019.

BRASIL. **Pesquisa nacional de saúde: 2013: ciclos de vida: Brasil e grandes regiões** / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015b, 92 p.

CARVALHO, A. N. L. de; SILVA, J. P. da. Sexualidade das pessoas com deficiência: uma revisão sistemática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.70, n.3, p. 289-304, 2018.

CHAPPELL, P. How Zulu-speaking youth with physical and visual disabilities understand love and relationships in constructing their sexual identities. **Culture, health & sexuality**, v.16, n.9, p. 1156-1168, 2014.

CEZARIO, K. G.; MARIANO, M. R.; PAGLIUCA, L. M. F. Comparando o comportamento sexual de cegos e cegas diante das DSTs. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.10, n.3, 2008.

CEPAL, N. U. **Consenso de Montevideo sobre población y desarrollo**. 2013. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/21835/S20131037_es.pdf?sequence=4&isAllowed=y>. Acesso em: 27 Jul 2020

COSTA, M. A.; PIMENTEL, A. Sexo e afeto no escuro: vivências de homens não-videntes. **Revista do NUFEN**, v.1, n.2, p. 75-95, 2009.

FARINI, G. **Cegueira, relacionamentos, sexualidade e preconceitos**, 2018. 1 vídeo (11:28 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KSwLi8wWp8g&t=5s>>. Acesso em: 27Jul2020.

FRANÇA, D. N. O. **Sexualidade da pessoa com cegueira: uma questão de inclusão social**. Tese de concussão de curso de Doutorado em Ciências da Saúde, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Medicina da Bahia. 172 f. 2013

GAUDENZI, P.; ORTEGA, F. Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n.10, p. 3061-3070, 2016.

LEBEDEFF, T. B. Aprendendo com o toque: reflexões e sugestões para uma educação sexual adaptada ao portador de deficiência visual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.1, n.2, p.31-37, 1994.

MAIA, A.C.B. **Sexualidade e Deficiências**. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.

MAIA, A. C. B. Educação sexual e sexualidade no discurso de uma pessoa com deficiência visual. **Ibero-Americana de Estudos em Educação**, São Paulo, v. 6, n.3, 2011.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Revista brasileira de educação especial**, p. 159-176, 2010.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação Sexual: princípios para ação. **Doxa Revista Paulista de Psicologia e Educação**, v.15, n.1, p.75-84, 2011.

MAIA, J. M. D.; DEL PRETTE, A.; FREITAS, L. C. Habilidades sociais de pessoas com deficiência visual. **Revista brasileira de terapias cognitivas**, v 4, n. 1, 2008.

MARCON, Kenya J. **A (des) construção social da sexualidade de “pessoas com deficiência visual”** Dissertação de conclusão de curso Mestrado em Ciências Sociais Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos. Orientação: Cynthia Andersen Sarti. 150 f. 2012

MARTINS, B.S. Deficiência, política e direitos sociais. **JURIS**, Rio Grande, v. 26, p. 169-187, 2016.

MEDEIROS, T.M. **Pessoas com deficiência visual e sexualidade: concepções e vivências**. Dissertação de conclusão de curso Mestrado em Enfermagem, Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências da Saúde, Paraíba. Orientação: Kátia Neyla de Freitas Macêdo Costa. 85 f. 2016.

MOURA, G. R.; PEDRO, E. N. R. Adolescentes portadores de deficiência visual: Percepções sobre sexualidade. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.14, n.2, p.220-226, 2006.

OLIVEIRA, G. O. B. et al. Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis entre pessoas com deficiência visual:

validação de texto educativo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 24, p. 1-9, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Como usar a CIF: Um manual prático para o uso da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF)**. Versão preliminar para discussão. Outubro de 2013. Genebra: OMS

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n.2, p. 71-99, 1995.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sexual and reproductive health: Core competencies in primary care**. Switzerland, 2011.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Relatório mundial sobre a deficiência** / World Health Organization, The World Bank; tradução Lexicus Serviços Lingüísticos. - São Paulo: SEDPcD, 2012. 334 p. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020_por.pdf?sequence=4>. Acesso em: 27 Jul 2020.

Capítulo 6

ELISA Y MARCELA: O RELACIONAMENTO ENTRE DUAS MULHERES E OS CONFLITOS COM UMA SOCIEDADE HETERONORMATIVA DA ESPANHA DO FINAL DO SECULO XIX

Rinaldo Correr

Luciana Maria Biem Neuber

Introdução

Na atualidade, assistimos o surgimento de uma polifonia nas vozes, abrindo os horizontes para novas normativas sociais, especialmente no âmbito das escolhas individuais e das formas de expressão dos desejos, sejam eles de construir os sentidos para a própria existência, sejam nas manifestações da sexualidade.

Nessa emergência de novas narrativas, o embate entre o revolucionário e o reacionário explicita as desigualdades, que são impostas por ideologias, implantadas como naturais e respaldadas por dogmas morais, profundamente enraizados na cultura e na sociedade.

A sexualidade humana tem se pautada, desde tempos remotos, por uma transubstanciação do fenômeno estritamente biológico para um evento carregado de simbolismos, atribuições míticas e fonte de controle social.

O estudo da sexualidade humana data desde as generosas contribuições de Sigmund Freud, com maior relevância em sua obra: “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (FREUD, 1996). Vários estudiosos, pensadores, cientistas foram impulsionados a partir de sua obra a estudar

a sexualidade tanto em seus aspectos fisiológicos, como na interação relacional envolvendo a procriação, o prazer, a sedução, o afeto e a intimidade. A história da humanidade está permeada de avanços e retrocessos, na tentativa de compreender algo tão instintivo e natural.

Podemos encontrar na obra do filósofo e historiador Michel Foucault, especialmente no estudo “A história da Sexualidade” (FOUCAULT, 2002), uma análise do fenômeno sexualidade no mundo ocidental, realizada em três volumes. No terceiro tomo, intitulado “O cuidado de si”, um dos capítulos com o título “O corpo” indica a estreita relação, que foi estabelecida na antiguidade clássica, entre o corpo e a relação sexual, que por estas correlações, a porção obscura do ser levaria a um imaginário que passou a atribuir um temor frente a sexualidade, como um abalo a ideia de saúde e as consequências perturbadoras, ou seja, como aponta Cirino (2007, p. 80) “a atividade sexual produz uma inquietação mais intensa, sendo problematizada, cada vez mais, em termos patológicos e morais”.

No universo de expressão da sexualidade humana, cada temporalidade social e histórica, produziu uma narrativa acerca dos valores que permeavam as práticas sexuais. Permearam este processo o domínio religioso, o domínio de movimentos sociais e o domínio do saber científico. No centro dessa nossa reflexão, a atração pelo indivíduo do mesmo sexo – chamada atualmente de homossexualidade pela ciência, recebeu diferentes configurações. Por exemplo, de acordo com o historiador Canadense Peter N. Stearns (2010) pontua que no contexto cultural do Império Romano, as frequentes alusões a desejos e relacionamentos homossexuais, as vezes relatados como indicadores de aspectos importantes de uma boa educação para o cidadão do sexo masculino. E, curiosamente, essas práticas estimuladas e normatizadas, não seriam exclusivas ou definitivas: normalmente homens

mais velhos, com casamentos heterossexuais, se relacionavam com jovens aprendizes, como uma experiência possível, dentre outras, que poderiam ocorrer ao longo da vida.

A sociedade, na análise foucaultiana, substituiu os estigmas sociais, os quais não distinguia o sodomita no vasto domínio dos hereges ou dos infratores jurídicos, criando, no século XIX, o homossexual como um ser individualizado, com um atributo especial no universo da sociedade, como se esse fosse uma espécie.

No início dos anos 80, Foucault, apesar de considerar a importância das lutas dos homossexuais para reconhecer sua identidade, apontava para o risco de tais movimentos ficarem confinados a uma noção definida pela "perspectiva médico-jurídica". Por isso, julgava importante ir além, ao propor "novos modos de vida e de prazer" que escapassem às questões da "identidade" sexual ou do "desejo" (CIRINO, 2007, p.85).

Desse prisma, a sexualidade se projeta para além da genitalidade funcional, se converte em matizes plurais, multiversas, não exclusivas e não definitivas, para o nosso usufruto neste mundo e nesta vida.

A sexualidade é algo que nós mesmos criamos - ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, através deles, se instauram novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa (FOUCAULT, 2014, p. 251).

Ao discorrer brevemente sobre o tema da relação existencial entre pessoas do mesmo sexo, esbarramos na centralidade do sexo como um fator unitário na

abrangência da existência humana, que figura em meio a projetos, sonhos e desejos. É claro que a sexualidade faz parte das nossas atitudes, e nos ajuda a compreender que a liberdade é mais do que uma faculdade humana, é uma condenação, como profetiza Sartre (1978, p. 15) "condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer”.

Dessa maneira, o que pretendemos nesse capítulo é transpor essa centralidade e transitar pela questão do sentido da vida, das escolhas e dos desejos humanos. A relação entre mulheres seria apenas o pano de fundo, em que o quadro são as questões existenciais em meio a uma sociedade que se cristalizou em uma organização rígida, conservadora e opressiva, em detrimento da sua própria humanidade.

Encontrar as brechas nessa sociedade é um desafio digno dos trabalhos de Hércules. As respostas estão contidas nas contradições que são, em última instância, a própria estrutura que mantém vivos os preconceitos contra aqueles que ousam desafiar a ordem reinante.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>Elisa y Marcela</i>
Nome Traduzido	Elisa & Marcela
Gênero	Romance/drama
Ano	2019
Local de lançamento e Idioma original	Espanha, língua castelhana
Duração	1h53min
Direção	Isabel Coixet

O filme espanhol *Elisa y Marcela* é um romance dramático dirigido por Isabel Coixet, vivido por duas atrizes

Natalia de Molina e Greta Fernández. Apresenta a estória de Elisa Sánchez Loriga e Marcela Gracia Ibeas, que enfrentaram a repressão, o preconceito e ousaram assumir uma relação amorosa para poder vivenciar uma vida conjugal.

Foi lançado no cinema, primeiramente, na Espanha em maio do ano de 2019, e em junho do mesmo ano pela *Netflix*. Essa produção busca retratar um romance iniciado na juventude em época estudantil, no final do século XIX na Espanha.

Este longa metragem tem a inspiração no livro baseado em acontecimentos reais, “*Elisa y Marcela: Más allá de los hombres*” (GABRIEL, 2010). O roteiro está pautado por características típicas do patriarcado, regido por um sistema fortemente religioso. Nesse ambiente social espanhol, o ensino ocorria no sistema de colégios católicos e internatos, que eram dirigidos por religiosas. A educação estava vinculada aos processos sociais, políticos e culturais da época.

A sociedade heteronormativa, composta por famílias tradicionais com papéis preestabelecidos. O masculino era representado pela figura do provedor e da autoridade. À mulher era imposto os papéis de submissa e ocupada com os afazeres domésticos. Neste contexto, vale ressaltar que as filhas eram incentivadas a realizarem um bom casamento, constituírem família e criarem os filhos.

O cenário é composto por paisagens, elementos específicos da natureza, como o mar e a praia, as árvores, a chuva, o vento, os pássaros, a mata, as estações mais frias do ano, e locais como a escola e o lar. A prisão aparece simbolicamente como um lar temporário para o casal. Os tons branco, preto e acinzentado durante o filme, entre penumbras, acomodam e embalam o amor proibido dessas duas mulheres.

É notório observar a riqueza das mensagens simbólicas em cada fragmento do cenário escolhido, a interconexão é de uma delicadeza, sutileza e percepção apurada da relação existencial vivida na humanidade que habita um território natural, reflexo da força motriz pulsante no mundo.

A partir do resgate da filha de Marcela, ao buscar sua origem, mãe e filha possuem a oportunidade de conversarem sobre o abandono e a escolha amorosa. Ao relatar a trajetória dolorosa, encantadora e conturbada do romance vivido, Marcela retrata o início da relação afetiva com Elisa até o momento do abandono, ao deixar a filha com um casal acolhedor.

Marcela é uma personagem que transmite insegurança, timidez, introspecção e solidão. Viveu dez anos em orfanatos insalubres e residia com seus pais, porém não tinha certeza se realmente eram seus pais biológicos. Possuía incertezas diante da trajetória confusa, triste, vulnerável e ameaçadora na qual viveu. A convivência com os pais é baseada na falta de diálogo, de compreensão, de afeto e num ambiente repressor. Seu pai, um homem autoritário, rígido, desconfiado, objetivo e chefe da família. Sua mãe, uma esposa submissa, com a responsabilidade dos afazeres domésticos, vivencia um drama silencioso na tímida tentativa de dar vazão à sede de conhecimento e liberdade, através da leitura secreta de livros, considerados impróprios.

Elisa uns anos mais velha que Marcela, esbanja autoconfiança, segurança e bom humor; sua presença transmite acolhida, proteção, afeto, cuidado e autonomia. Viveu reclusa no colégio, entre as freiras e alunas, criada pela tia, contesta os dogmas, as normas, as expectativas sociais, política, religiosas impostas para o mundo feminino.

O telespectador tem a oportunidade de conhecer a incrível e emocionante história do primeiro matrimônio entre duas mulheres registrado na Espanha, com riqueza de detalhes entre sedução, entrega, renúncias, amor, dor, estigma e coragem.

Análise Crítica

Elisa y Marcela é uma produção cinematográfica que exala riqueza e profundidade, em um retrato, ao mesmo tempo, histórico e atual, acerca da realidade humana e social, que marca uma época e, de alguma forma, ainda ecoa nos tempos atuais.

Ao abordar a homossexualidade feminina, todo esse complexo universo da sexualidade humana precisa ser dimensionado no ser humano, que significa superar todo o reducionismo da natureza biológica, sem, no entanto, apagar a sua importância na composição da totalidade do que vem a ser o gênero humano. Teixeira (2012) aponta em seu estudo que o relacionamento entre mulheres, enquanto fenômeno psicossocial, implica lançar muitos e diferentes olhares sobre esta realidade a fim de obter a necessária – e sempre incompleta – aproximação acerca deste complexo e multideterminado tema.

O cenário, ora sutil ora explícito, convida o telespectador a mergulhar num misto de compaixão, angústia, euforia, melancolia, prazer e esperança, fonte constante da realidade experimentada na vida. Os detalhes das paisagens, pintura expressa da natureza, remetem em todo momento ao contexto central do filme, o drama vivido por duas personagens, na tentativa de desfrutarem de uma relação amorosa, proibida e repelida por uma sociedade normativa.

O filme tem como abertura um convite reflexivo na voz feminina posicionada de costas para a tela apreciando

um acinzentado cenário. Subitamente emana no ranger dos trilhos de uma locomotiva em movimento, a nuca com o cabelo característico para época, de uma jovem aparentando, pela postura e vestimenta, pertencer a uma classe social favorecida. A viagem transcorre com cenas do contraste de outros passageiros sugerindo a realidade socioeconômica desigual, representativa da própria origem da jovem, que metaforicamente, enfrenta uma viagem cansativa, exaustiva, na busca de respostas para compreender sua origem, sua história familiar.

Após o percurso de trem, mais um trecho caminhando, seguido de uma carroça encontra seu destino final. Depara-se com uma humilde casa. Dela surge uma mulher com aspecto sofrido que é surpreendida ao encontrá-la. Desse encontro surge o silêncio, a espera de inúmeras respostas, na tentativa de diminuir o vazio, a distância que separou duas gerações por um longo período. Marcela alimenta aquela jovem, que sedenta e esfomeada aceita a acolhida.

Neste trecho inicial cabe uma primeira análise reflexiva: mergulhar no passado é uma tarefa desafiadora, que exige coragem para o enfrentamento, um confronto do doce com o amargo natural na vida humana. A necessidade de religar, de conectar-se com o passado para compreender, fazer as pazes, serenar, expressar livremente com indagações que justifiquem a ausência materna no abandono, é compatível à fome e sede da jovem que primeiro recebe o alimento materno, para depois confrontar a lacuna de sua trajetória até aquele momento.

Sentadas, apreciando a paisagem, mãe e filha são conduzidas ao passado, que tem como fio condutor o vento embalando as folhas secas de uma grande árvore. Observa-se o vento como representação de movimento, contínuo, fluido como o tempo, que não espera, não acelera, nem paralisa; a árvore robusta e imponente ressalta o ciclo vital

da concepção à morte num contínuo transgeracional. O telespectador escuta o som da chuva regando naturalmente uma roseira, e o passado será revelado a partir daquele momento.

O caminho analítico nos leva para alguns pontos interessantes. Marcela num misto menina/mulher percorre as ruas de Coruña exatamente no ano de 1898, desfrutando de um dia chuvoso, com um toque infantil e inocente. Tímida e introspectiva, entra naquela escola pela primeira vez. Está perdida, insegura e molhada pelo banho natural a caminho do colégio, e é abordada por Elisa, jovem segura, decidida, simpática e acolhedora. Este é o primeiro encontro de Elisa e Marcela.

Num momento de hesitação, insegurança e desproteção, Marcela recebe uma delicada atitude de Elisa, ao oferecer toalha, apoio e inseri-la na sala de aula, afirmando confiante para madre professora que a novata era estudiosa, dedicada e perdeu alguns dias de aula devido a motivos de saúde. Fica claro, nesta cena, a sutileza do cuidado feminino, amizade, atenção e necessidade do ser humano sentir-se pertencente ao grupo nas diferentes esferas das relações interpessoais.

A escola, como um primeiro cenário de socialização, conduz para uma acolhida e cuidados, renegados no ambiente da família, que se apresenta secundário. Assim, o roteiro nos leva, como espectador do filme, a observar e comprovar esse contraste entre a escola, com a presença de Elisa, e a família. Dois pontos servem de elo, nesse primeiro enlace: a chuva e o livro são os pontos nesses fios enredados que expressam dois novos, prestes a uma conexão.

O primeiro movimento cênico traz o tema da amizade, permeado por perguntas existenciais. O diálogo franco, que se mostra ausente no espaço familiar, levanta as temáticas filosóficas humanas, as crenças, as possibilidades

da vida, que apontam para caminhos rígidos e convencionais. O casamento e a religião como escolha monolítica são um ponto central nos diálogos estabelecidos. No entanto, abre-se, aos poucos, um espaço para um confronto: tanto em Marcela, quanto em Elisa, família - como uma instituição nuclear e tradicional - e religião católica, estão longe de se configurar como um ideal de vida. O sentido da vida passaria por outras alternativas, menos convencionais. A viagem para conhecer a Argentina e ter, um dia, um cavalo, embalam os projetos para o futuro.

Um jantar em família após o retorno de Marcela para casa, na companhia de Elisa que a conduz em segurança para o lar, revela o modelo de uma sociedade desenhada nos moldes patriarcais, com forte manutenção de uma ideologia de supremacia masculina. O pai de Marcela observara a chegada da filha e intui o perigo, em uma modesta sala o jantar em família evidencia a rigidez, a falta de diálogo e de acolhimento afetivo.

O pai emite palavras duras, objetivas e deixa claro que a escola é um lugar para aprender somente o necessário. Após um silêncio repressor, reclama de “*fios no caldo*”, simbolicamente o alimento está indigesto, mal digerido. O mesmo culpa a esposa, que alega com voz tremula “*coei três vezes*”.

Posteriormente, a mãe de Marcela a procura em seu quarto e, corajosa, revela que a leitura é benéfica, e aconselha a mesma não considerar o conselho do pai sobre a escola, revela que lê escondido e retira livros camuflados nas saias. Faz-se necessário ressaltar os símbolos presentes quando a mulher/mãe esconde livros nas saias, e revela, para a mulher/filha, num belo paradoxo, um caminho possível, o livro como fonte de conhecimento, abertura, porém proibido e restrito ao mundo feminino.

A percepção do pai acerca da mulher recai sobre a mulher/mãe e insistirão em se perpetuar na mulher/filha, para a qual planeja uma continuidade social, uma manutenção de um *status quo* que preconiza o machismo como elemento natural de organização social.

Em um dos encontros no interior da escola, Elisa convida Marcela para conhecer seu quarto, a mesma é sobrinha da diretora do colégio e reside lá faz muitos anos. Observa-se no diálogo da intimidade representada no quarto, o primeiro conflito vivido pelas jovens que até o momento estavam vivenciando um romance sutil, ainda encoberto por uma amizade. Marcela revela seu triste, duro e sombrio passado, retratado por dez anos de abandono vividos em orfanatos insalubres.

Seu tom de voz, olhar e postura desnudam segurança, até então, não revelada. A menina/mulher frágil, insegura, esboça e sustenta suas convicções numa trajetória incerta, inclusive duvidosa de suas raízes familiares. Elisa, na tentativa de reparar e deixar claro sua intenção em proteger Marcela, entrega um livro para o pai da mesma, no momento do jantar silencioso daquela família. Num cenário envolvente, Marcela e Elisa passam a desfrutar de um convívio afetivo, cada vez mais íntimo e apaixonado. Um banho de mar revela o mergulho ao desconhecido, misterioso e sedutor encontro com o desejo de ambas de experimentar, dar vasão a relação afetiva.

A tentativa de afastamento do estudo e da amiga, a chuva como ligação, compõe a cena dramática: os laços não seriam possíveis, e um segundo abandono (o primeiro num orfanato) traria um duplo efeito: de ratificar o rompimento com aquela ideia de família tradicional, que se desgastava pela configuração autoritária paterna e, o fortalecimento da ligação afetiva, fraterna e feminina, que se fortaleceria, apesar do distanciamento forçado.

O pai de Marcela, dilacerado intui, percebe e constata a realidade e numa cena arrebatadora, tenta impedir a filha de ir à escola. A chuva que banhava Marcela de desejo aguardava seus passos para o conhecimento, o estudo, a liberdade. Subitamente seu pai a segura e tenta impedir a filha de ir ao colégio, as forças opostas arremessam pai e filha ao chão, envoltos pela lama, choram prantos de desespero.

Nesta cena observa-se a dor, o sofrimento nos caminhos que seguiriam rumos opostos: um para conservar o mundo arcaico e embrutecido; outro, para revolucionar as convenções e buscar o verdadeiro sentido da existência. Há uma tentativa real de separação e ruptura desta situação, quando o pai de Marcela anuncia enviá-la para um internato. A figura da mãe esboça a submissão da mulher, limitada aos deveres domésticos, mas seu olhar silencioso reprova a atitude do esposo.

Mesmo distante, Elisa e Marcela conseguem manter contato, e novamente o conhecimento, agora não mais como estudantes e sim no exercício da profissão de professora, escolhem viver intensamente o amor mais amadurecido com a paixão e encantamento dos encontros juvenis, no passado.

No segundo movimento do filme, desponta outra dimensão, elevando a amizade e amor, despertados, alimentados e fortalecidos, para uma vivência carregada pelo desejo e pelo erotismo. Nesse ponto, a ideia de um sentido verdadeiro para a existência se concretiza. Marcela e Elisa se encontram no diálogo verbal e corporal.

As cartas, pela nostalgia do distanciamento físico e moral, dão contorno a essa bela relação, enquanto ignoram todos os tabus sociais existentes. O encontro corporal que foi tornado possível, materializa, de maneira estética, o que vinham sendo expressos, pela arte, nos quadros pintados por Elisa.

Durante as trocas das cartas, cenários de elementos da natureza como o vento, a chuva, a neve, imagens cinzentas representativas do desafio doloroso e solitário de uma sociedade repressora e rígida, revela o calor erótico, o amor e a chama da esperança de um dia selarem a relação, e finalmente viverem não mais na fantasia e sim na concretude a parceria sonhada.

A relação segue cada vez mais consolidada, fortalecida e ambas convictas de uma escolha difícil, ousada, porém inevitável. A vida, no pequeno vilarejo espanhol, vai revelando um terceiro ponto, que o filme destaca: o confronto entre uma sociedade brutalizada, com formas de ser e conviver descaracterizadas de um sentido real do que seria o existir humano com a presença emblemática de um casal; pessoas que estavam experimentando uma vida com algum sentido, compartilhando seus desejos e sonhos.

Durante uma festa, ritual típico do vilarejo no qual elas estavam vivendo, ao redor de uma calorosa fogueira, casais heterossexuais desfrutam com suas famílias de momentos divertidos característicos dos rituais humanos, com dança, brincadeiras, comes e bebes.

Um rapaz convida Marcela para dançar. Ela, contrariada e constrangida, aceita. Nessa tentativa, a crença de que esse gesto poderia assegurar a elas proteção, de uma realidade que era impensável. Elas não seriam autorizadas a constituírem um casal e desfrutarem livremente daquele momento. O conflito escancara a ideia de que as escolhas individuais não são bem vindas, colocariam em risco a própria humanidade, a própria sociedade.

O enredo começa a expor o estranhamento social como uma marca indelével de nossa sociedade. Surge a necessidade de sucumbir, esconder, sufocar a felicidade e o prazer. Fogo no ritual noturno como símbolo do perigo, de ser revelado um segredo. O rapaz interessado em

Marcela, sorrateiramente, com ar desconfiado e, talvez intuindo a rejeição, segue as duas enquanto retornam para a atual casa, em que habitam como duas amigas. Após esse episódio é revelado o segredo, observa-se a figura do masculino ferido, traído, rejeitado como sendo porta voz do segredo desvelado.

A sociedade é atingida, ferida, manchada. Jamais permitirá tamanho insulto. Num ato de repúdio, para limpar e manter a honra de uma sociedade heteronormativa, no modelo patriarcal a agressão revoltante é a saída encontrada: o apedrejamento, uma situação em que, desde tempos remotos, expunham a anatomia de um linchamento moral, implicam novas tentativas, em que Elisa e Marcela embarcam numa perigosa alternativa.

Na fantasia de que os moradores daquele pequeno retalho do tecido social, uma pequena comunidade espanhola, seguiriam suas vidas, se lhes fossem apresentados um algo que gostariam de ver. Elas menosprezam, assim, a capacidade daquelas pessoas, de se alimentarem de hipocrisia e inveja. Nesse ponto, uma reflexão. A hipocrisia, presente nos comportamentos sociais, seria alimentada pela inveja projetada no outro, que estaria fazendo, de certa maneira, aquilo que lhe é negado.

Os atributos sociais negativos, que resultam, não de atributos em si de quem os recebe, mas como um traço na identidade que foi construído pela audiência social, colocariam negros, mulheres, pessoas com deficiência, entre outras minorias, como seres marcados negativamente pelo estigma de ser quem é. Goffman (1988) nos fornece os fundamentos sociológicos que elucidam a maneira pela qual as relações ocorrem na sociedade. Assim, as mulheres homossexuais carregam um duplo fardo, de serem mulheres e serem também lésbicas (TEIXEIRA, 2012).

Nessa tentativa de normatização, para tentar viver algo permitido, ao assumir uma outra identidade, embora envolva em uma certa caricatura, Elisa se traveste de Mario. Quem assiste ao filme não passa impune, sem admirar esse verdadeiro ato de amor. É possível, de maneira explícita, notar a violência a que se impõe, se constituindo como um “invertido sexual” (REVENIN, 2013).

Contra tudo e contra todos, vai sendo moldada uma resistência, que bate de frente com os pilares dogmáticos da sociedade do final do século XIX. O preço, contudo, é muito alto. O casamento, um drible social na religião tradicional, expõe a contradição interna, outrora manifesta como profunda descrença. A gestação, antes riscada dos planos, por representar um destino autoritário, se converte no instrumento de afirmação e convivência inegável, que serviriam como redenção aos pecados cometidos.

O filme transcorre, com sua narrativa poética, para os momentos em que a trama conduz para a queda da utopia. A sociedade vence e as portas se fecham. A prisão, assim como o apedrejamento, institucionaliza a sentença social. Não se pode burlar a lei. A punição exemplar, pelo aprisionamento, deve ser delineada como um lugar assustador e inóspito. Novamente, de maneira paradoxal, nesse universo à margem da “sociedade de bem”, surgem novas possibilidades: de Mario se transsubstanciar em Elisa, e de novo ficarem juntas, em meio a tantas outras mulheres, também presas.

Foram violentas tentativas realizadas por Elisa e Marcela, ao aproximar a vida conjugal da aceitável, louvável e natural relação heterossexual para constituição familiar. Nota-se no filme o gritante contraste das relações familiares consideradas exemplares e saudáveis, sufocadas na submissão feminina, na ausência de diálogo afetivo, compreensivo e impedimento da escolha pelo existir pautado na liberdade respeitosa da existência. De variadas

formas mulheres, homens e crianças também se encontravam aprisionados como Elisa e Marcela.

A gravidez de Marcela revela a ambivalência do amor repressor, algo de escolhas autopunitivas, na tentativa de normatizar uma relação, para serem aceitas acolhidas e reconhecidas socialmente.

A prisão foi noticiada e devido à gestação como momento de magia e transformação, mobilizou a sociedade e gerou inúmeras doações. Observa-se que a prisão passa a ser a liberdade temporária do casal, pois mesmo num contexto de medo, insegurança e dor conseguem auxílio de um homem representante da existência social de solidariedade, compaixão, compreensão, afeto e empatia.

O filme permite realizar uma reflexão interessante quando na figura do masculino incide ternura, acolhida, respeito e valorização da existência humana. Interessante ressaltar que este homem ocupa o lugar de uma autoridade.

O mesmo é possível notar na reação social da notícia que há uma gestação. Aqui novamente a normatização na pureza de uma gravidez, confirma a proteção social. Mas apenas porque existe uma gestante encarcerada há mobilização, a figura da maternidade que jorra no ventre o milagre da vida. O bebê nasce simbolicamente aprisionado e sufocado por uma sociedade iludida também metaforicamente, aprisionada por algemas invisíveis.

Após o nascimento de uma menina, Marcela escolhe renunciar a maternidade, para viver o amor. O filme revela quão é punitivo, ameaçador e perigoso assumir a orientação afetivo sexual, é notório boa parte da população LGBTs sofrer estigmas, renúncias, perdas financeiras, perdas afetivas, isolamento, afastamento, quando assumem sua essência na tentativa de integrar o existir.

A cena de Marcela entregando sua filha ao casal compreensivo e acolhedor, revela um misto de proteção de um amor incondicional pela filha, libertando-a de um futuro incerto, para que não se repetisse uma possível história vivida por ela no passado. Ao mesmo tempo evidencia a necessidade punitiva já que Marcela e Elisa optam por viver uma história de amor. Motta e Ribeiro (2013, p. 1696) retratam como esses reflexos reverberam em pleno século XXI.

No quadro dos processos identitários, as chamadas identidades minoritárias, etnia, gênero, sexualidade, nos colocam não só o desafio de compreendê-las à luz dos processos de globalização que fragmentam e descentram o sujeito, mas também em sua dimensão cultural e política que as colocam como identidades subalternas referidas a uma identidade hegemônica.

Mãe e filha encerram um longo e profundo diálogo, representativo de afeto, compreensão, acolhimento, a cadeira rústica vazia com o lenço de seda, neste momento final, remete a dureza da vida, a solidão existencial, porém retoma a leveza, a esperança, a afetividade, possíveis do encontro revigorante na dança relacional da vida.

Quando a filha questiona Marcela se realmente tudo valeu apenas, inclusive o abandono, surge Elisa cavalcando livremente. Há um reconhecimento das renúncias, mas há o revelar do quanto viver o amor era a única possibilidade para duas mulheres desafiadoras, corajosas e persistentes. Marcela esboça serenidade quando expressa: *“tinha certeza que eles seriam bons pais”*.

Considerações Finais

Oportunizar reflexões envolvendo toda esfera contida na complexidade do tema é desafiador, necessário e

fundamental para promover contribuições significativas e dar vozes às questões submersas evidenciadas na humanidade atual.

Expressa no mundo artístico, seja na pintura, teatro, cinema, música, poesia, esculturas a sexualidade instiga curiosidade, ambivalência e variados sentimentos na tentativa de experimentar, compreender, reverberar, externar e desvelar o nu simbólico. Isto é, promover o despir de uma sociedade ainda ancorada em modelos heteronormativos.

Nesse processo de análise, é possível concluir que a homossexualidade feminina vem sofrendo reiterado processo de exclusão, marginalização, que se materializa pela humilhação social, explícita ou velada, amplamente presente em todos os segmentos da sociedade contemporânea.

Não é possível olhar para esse fenômeno, sem compreender sua raiz mais profunda, de base antropológica e cultural, vários segmentos sociais são relegados a cidadãos de segunda categoria, mercedores de desprezo, discriminação e atos de hostilidade e violência.

Na estética narrativa, a opção por rodar o filme em preto e branco, a produção exalta uma temporalidade remota, que se passa em tempos de outrora. Ao mesmo tempo, essa escolha aumenta a ênfase na poesia, expressa em cenas que emolduram falas profundas, paisagens bucólicas e questões profundas e existenciais.

O enredo começa e termina na Argentina, muito embora tenha o seu desenlace maior na Espanha, com uma importante passagem em Portugal. Essa estratégia coloca o espectador do filme diante do princípio que se interconecta com o fim. O percurso intermediário é todo um desejo de juntar pedaços dessas histórias, que impele, a personagem filha e a quem assiste ao filme, a não julgar

antes de conhecer os verdadeiros fios que enredam essa trama.

Portanto, muito além de questões polêmicas, causadoras de desconforto, *Elisa y Marcela* reverbera o Amor, a Compaixão, a Empatia e a Coragem como fontes promotoras da constatação da vida constante, pulsante e possível na escolha de uma existência liberta.

Referências

CIRINO, O. O desejo, os corpos e os prazeres em Michel Foucault. **Mental**, Barbacena, v. 5, n. 8, p. 77-89, jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272007000100006&lng=pt&nr=iso>. acesso em: 30 Jul2020.

GABRIEL, N de. **Elisa y Marcela: Más allá de los hombres**. Editorial: LIBROS DEL SILENCIO. BARCELONA, 2010.

GOFFMAN, E. **Estigma: Estigma notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

FOUCAULT, M. **Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade**. In: Ditos e escritos, volume IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 251-263.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 3 - o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

FREUD, S (1905). **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MOTTA, J. I. J.; RIBEIRO, V. M. B. Quem educa queer: a perspectiva de uma analítica queer aos processos de educação em saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p. 1695-1704, June, 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000600021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 Jul 2020.

REVENIN, R. Homossexualismo e virilidade. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História da Virilidade**– Vol. II. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013. p. xx-xx

SARTRE, J. **O existencialismo é um humanismo**. 1 ed. São Paulo: Editora Abril, 1978.

STEARNS, P. N. **História da Sexualidade**. Tradução Renato Marques – São Paulo: Contexto, 2010.

TEIXEIRA, J. Homossexualidade Feminina: o amor por meio da in-visibilidade?. **Psicologado**, [S.l.]. (2012). Disponível em: <<https://psicologado.com.br/psicologia-geral/sexualidade/homossexualidade-feminina-o-amor-por-meio-da-in-visibilidade>>. Acesso em 29/07/2020. Acesso em: 07 Jul 2020.

Capítulo 7

UM CRIME ENTRE NÓS: A VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL NA VOZ DA VÍTIMA¹

Aparecido Renan Vicente
Paola Alves Martins dos Santos
Andreza Marques de Castro Leão

Introdução

A violência sexual infantil tem sido assunto de destaque na sociedade hodierna, embora seja um fenômeno que sempre existiu na sociedade. Ocorre no contexto em que a criança e/ou adolescente são expostos por autores/as que cometem violências e/ou exploração sexual contra elas. Essa violência tem como autor/a comumente alguém com quem a criança mantém vínculo e confiança, sendo uma violação de direitos que acarreta graves complicações a ela.

Apesar de ser uma situação que requer cuidado e soluções, no Brasil ainda há poucos dados que auxiliem na real dimensão desse emblemático fenômeno. Isto porque existe uma falta de integração dos órgãos responsáveis e de padronização dos dados coletados, além de frequente subnotificação, uma vez que apenas 10% dos casos de abuso e exploração sexual contra crianças e adolescentes ser, de fato, notificados às autoridades competentes, segundo o Disque 100, canal de denúncia da violência no país (LEÃO, 2020). Ou seja, a real incidência da violência sexual infantil no Brasil ainda é desconhecida.

¹ Projeto Pesquisa Regular Fapesp- n. 2017/07350-8.

Frente ao exposto, a citada pesquisadora salienta que é imprescindível a problematização desta temática, visando, sobretudo, o desenvolvimento de ações efetivas voltadas ao enfrentamento da violência sexual infantil, o que só será possível mediante uma análise mais fidedigna deste fenômeno. Ademais, para isso é preciso ter como ponto de partida que a violência infantil se caracteriza por uma relação abusiva entre o adulto, no caso agressor ou autor da agressão, e a criança, podendo ocorrer sem ou com contato físico.

Na violência sem contato físico podem existir inúmeras estimulações da criança, tendo-se por exemplo, verbalizações de cunho sexual; observações do corpo nu; exposição intencional dos seus órgãos sexuais, e/ou do/a autor/a da agressão; exposição da criança à imagens e/ou fotografias pornográficas, bem como obrigá-la a assistir filmes pornográficos; entre outros (SANDERSON, 2005).

Já entre os comportamentos com contatos físicos tem-se: beijar a criança de maneira inapropriada e sensual; tocar os órgãos genitais da criança; realizar jogos sexuais, por exemplo, incursões ao corpo da criança; masturba-la ou fazer com que ela masturbe o/a autor/a da agressão ou que isso ocorra mutuamente; praticar sexo oral; ejacular em qualquer parte do corpo da criança; penetrar no reto ou na vagina da criança com objetos, dedos e/ou pênis; simular sexo explícito; filmar a criança em ato sexual com adultos e/ou outras pessoas; entre outros (LANDINI, 2011).

Tais comportamentos disfuncionais praticados pelo/a autor/a da violência implicam negativamente no desenvolvimento biopsicossocial das vítimas, trazendo muitas vezes danos irreversíveis, porquanto seja com ou sem contato físico, a violência sexual é sempre danosa (LEÃO, 2020).

Além disso, esses abusos são comumente omitidos, muitas vezes devido à vítima ser estigmatizada e ameaçada, principalmente se o/a autor/a fizer parte de sua família. Com base nisso, é importante salientar que a violência sexual é uma

relação de poder entre agressor/a e vítima, em que a vítima é incapaz de consentir, de modo que ela mantém em segredo a violência, geralmente, por sentir medo, culpa ou rejeição, sentimentos que são intensificados quando o/a agressor/a é alguém próximo/a a sua família, ou até mesmo componente da mesma (LEITE, 2009).

Gabel (1997, p. 10, citado por LEÃO, 2020) refere que a violência sexual infantil é uma disfunção, a qual ocorre em três níveis “[...] o poder exercido pelo grande (forte) sobre o pequeno (fraco); a confiança que o pequeno (dependente) tem no grande (protetor); e o uso delinquente da sexualidade, ou seja, o atentado ao direito que todo indivíduo tem de propriedade sobre seu corpo”, ou melhor, a relação da vítima e o/a agressor/a é uma relação de poder, na qual existe um vínculo em que esse se acha no direito de abusar da criança, neste caso, de usufruir do seu corpo, privando-a, assim, de direitos.

E nesta relação de confiança entre os familiares se encontra a violência sexual infantil que pode incidir no contexto intrafamiliar e extrafamiliar, ou das duas formas concomitantemente. Brino *et al.* (2011), elucida que em 70% dos casos de violências a que mais incide é a violência sexual intrafamiliar, isto é, ocorre com maior frequência no núcleo familiar em que a criança e/ou adolescente estão inseridos, invertendo o papel da família enquanto instância social incumbida de proporcionar abrigo e acolhimento, para local de abuso e dor.

De fato, os abusos sexuais infantis dentro do núcleo familiar tendem a ser recorrentes, o que contribui para o agravamento da situação. Aliás, há casos em que as famílias se encontram em um paradigma de constante resolução de conflitos, o qual reforça comportamentos prejudiciais e disfuncionais e têm poucas condições de ajudar as crianças vítimas. Essa postura não colabora com as vítimas, mantendo-

as em situação de risco ou mesmo aumentando sua vulnerabilidade (SCHMIDT; SCHNEIDER; CREPALDI, 2011).

Com a identificação dos pais negligentes e coniventes em um caso de violência sexual, além da criança ser removida do ambiente hostil, há a cassação do poder familiar, conforme prescreve o Código Civil (BRASIL, 2002) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Todavia, a detecção dessa violência geralmente leva um tempo considerável, permanecendo muitas crianças à mercê dos/as autores/as da agressão no ambiente familiar, tendo de conviver com seu/sua agressor/a, os/as quais podem ser um pai, tio, avô, primo, cunhado, padrasto e/ou até mesmo mãe, entre outros membros da família.

A violência sexual infantil é um fenômeno multicausal, e para que a detecção e os desdobramentos disso resultem no acolhimento e auxílio apropriado da vítima, faz-se necessário a atuação conjunta de diversos profissionais os quais compõem a Rede de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente, a saber: Saúde, Educação, Justiça e Assistência Social (JORGE; WAKSMAN; HARADA, 2018).

Além disso, todos os órgãos voltados a assegurar estes direitos, juntamente com a sociedade, precisam estar alinhados e preparados para atuarem com demandas tão complexas como esta, que exigem comprometimento ético e efetividade nos atendimentos dispensados às vítimas e/ou testemunhas.

Considerando a importância da tratativa deste fenômeno, Leão (2020) traz que é preciso pensar em estratégias para sua problematização de maneira séria, contextual, educativa e assertiva, visando a sua desmistificação (porquanto ainda é um tabu na sociedade), e, principalmente erradicação, sendo que há muito a ser feito para isso realmente ocorrer.

Nas distintas instâncias sociais é necessário que este assunto seja tratado urgentemente. O âmbito escolar, entre

essas instâncias, pode ser apontado enquanto importante locus de enfrentamento deste fenômeno. Aliás, há diversos materiais disponíveis que possibilitam esta abrangência e o desenvolvimento de estudos e abordagens sobre essa questão na escola, como, por exemplo, guias escolares, cartilhas, documentários, entre outros (LEÃO, 2020).

O presente trabalho surgiu da necessidade desta abordagem visando traçar uma análise aguçada de um documentário que aborda a violência sexual infantil, ressaltando a fala de uma vítima da violência sexual, de maneira a se ponderar sobre este fenômeno na voz da vítima. O intento foi articular o que a literatura científica apresenta, concomitantemente ao que a vítima relata neste documentário, visando uma compreensão mais autêntica do fenômeno.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Documentário
Título Original	Um Crime Entre Nós
Nome Traduzido	Um Crime Entre Nós
Gênero	Drama
Ano	2020
Local de lançamento e Idioma original	Brasil, português
Duração	59 minutos
Direção	Adriana Yañes

Com base na relevância da temática sobre a violência sexual infantil, propomos analisar o documentário intitulado *Um crime entre nós*, o qual retrata a realidade sofrida por crianças e adolescentes vítimas da violência sexual, além de dar enfoque às cenas, às falas e aos dados de vítimas que sofreram abusos sexuais, de maneira a alertar a sociedade da urgência de uma compreensão mais

ampla sobre esse assunto e possíveis formas de conter o seu avanço.

No decorrer do documentário é possível observar a participação de uma *youtuber*, um apresentador televisivo, um médico conhecido na mídia, assim como a participação de uma autoridade policial e de uma profissional de um órgão do Ministério Público. Tais profissionais ressaltam que a violência sexual infantil é um tema de grande relevância social, que pode estar relacionado ao machismo e ao sexismo que permeiam a sociedade, em que o respeito aos direitos das mulheres, principalmente pobres e negras, são negligenciados.

As cenas analisadas envolvem uma criança, a mãe e o padrasto. O padrasto, em decorrência do uso intenso do álcool, começou a cometer violência física contra sua esposa, a qual passou a reproduzir a violência contra sua filha. Além da violência física, a criança foi vítima de violência sexual, crime perpetrado pelo próprio padrasto. Sem apoio de sua mãe, a criança começou a fugir de seu lar, e conseqüentemente a ser vítima de outras formas de violência, pois quando acolhida em uma instituição, também teve seus direitos violados. Ao fugir do local, conheceu Margarida, mulher que alterou todo cenário de sua história.

Análise Crítica

As relações afetivas intrafamiliares

O documentário em questão retrata situações diversas do fenômeno da violência sexual contra crianças, que podem ser aproveitadas tanto na prevenção, quanto na discussão da temática no sentido do enfrentamento e rompimento do ciclo de violência que pode existir em contextos familiares.

O conjunto de imagens reúne várias cenas em diferentes “planos” que iremos discutir, dialogando com a literatura sobre as imagens, seu conteúdo e mensagem explicitada no documentário sobre o relato da personagem e a relação desta com o que diz a literatura na área.

Para melhor compreensão descreveremos os elementos da narrativa audiovisual: descrição da cena, narrativas e personagens envolvidos nos planos.

[Sons de pássaros, piano e rio]

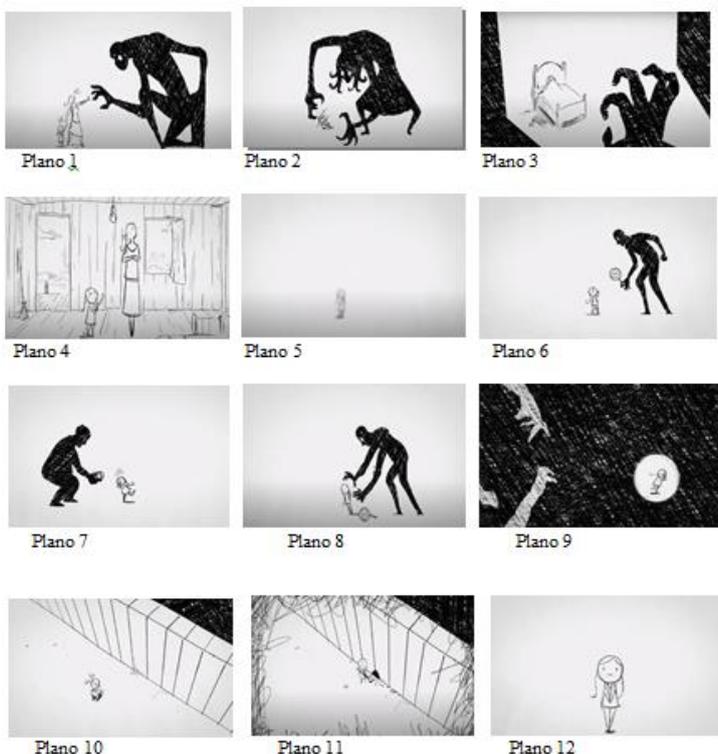
A personagem inicia a narrativa revelando que sua mãe engravidou aos 13 anos de idade. Lembra-se de que aos cinco anos de idade as coisas começaram a piorar, pois seu padrasto passou a fazer uso de álcool todos os dias. Em decorrência disso, todas as vezes [em que bebia], agredia sua mãe fisicamente. [Ele batia muito nela]. De tanta agressão que ela [mãe] sofria, passou a reproduzir a agressão também na filha, desferindo surras e mais surras.

“Muitas noites quando ele chegava [barulho de porta abrindo] eu sentia que ele me tocava [som de música dramática] eu ficava [...] no primeiro momento eu ficava com medo porque ele dizia olha se você contar pra sua mãe eu mato sua mãe e mato você também. Eu não tinha dúvida que ele poderia fazer isso né?! Então eu comecei a fugir de casa [som de buzina de barco e violão] eu pegava barco eu não sabia ler, não sabia escrever, entrava no barco e ia embora sem destino. E quando eu chegava nas cidades eu caminhava pela cidade por horas, quando eu estava com fome eu batia na casa de alguém falava que estava com fome eu contava o que tinha acontecido porque eu tinha hematomas no corpo, então as pessoas acreditavam e aí eles falavam: ‘Eu não posso ficar com você, você tem família’, então me mandavam pra Manaus e a história foi se repetindo cada vez mais forte, mais violenta. [som de pássaros e violão]. Quando eu comecei a falar pra ela [mãe] o que estava acontecendo ela não acreditou. Então quando ela passou a

não mais acreditar em mim, foi quando realmente eu me senti [...] eu disse eu não sou nada pra ela, ela preferiu ficar com ele do que comigo, do que acreditar em mim mesma”. [Planos 1, 2, 3, 4].

“Foi quando eu não quis mais voltar pra casa [som de carros e buzinas]. Última fuga que eu fiz eu não fui pra cidade [se referindo que não saiu de sua cidade de origem] eu fiquei em Manaus mesmo [som de vidro quebrando, pessoas gritando e ambulância] só que fiquei morando no centro da cidade, foi quando eu conheci o outro lado da violência também, da exploração sexual [som de buzina de automóvel] é quando você é usado pra [...] pra algo né?! Sem saber que tá sendo usado. [Ruídos de pessoas conversando]. A rua me causou muitas dores também, então eu não tinha pra onde ir, então eu já tinha perdido a esperança mesmo. Chegou um momento que eu disse: ‘Onde me colocarem eu vou ficar não saio mais!’” [Planos 5, 6, 7, 8]. “Foi quando me levaram para o acolhimento institucional e fiquei nesse abrigo por mais ou menos 3 ou 4 meses porque minha mãe não tinha ido mais me procurar. Era um abrigo do Estado que maltratava muito a gente também. [Som de inchada batendo no muro]. Se eles vissem uma situação daquela eu ia apanhar [som de suspense]. Comecei a bater a inchada no muro, então em quinze dias já tinha um buraco e aí fui o momento eu corri, mergulhei no buraco e passei.” [Planos 9, 10, 11]. “Foi quando eu cheguei na casa da mamãe Margarida [som de piano] ela me deu banho porque eu estava muito suja de barro por ter passado pelo buraco e lembro do cheiro da roupa que ela me deu, porque nunca tinha tido uma roupa nova [som de piano] aquele momento eu enxergava escuro, eu comecei a ver a luz”. [Som de piano e pássaros]. [Plano 12].

Figura 1. Conjunto de Imagens/cenas do documentário



Fonte: Imagens retiradas do documentário *Um Crime Entre Nós*.
Youtube, 2020.

No plano 1 e 2 está representado o relato da mulher (que à época dos fatos tinha apenas cinco anos de idade), simbolizando a violência física que sofria de sua genitora, fruto da reprodução da violência que esta vinha sofrendo por parte de seu companheiro. Diante desse cenário, é importante observar que raramente na violência intrafamiliar ocorre somente um tipo de violência, bem como envolve apenas um só autor e uma só vítima.

Sendo assim, em geral o que ocorre no ambiente familiar é um ciclo de violência, sendo comuns o esposo ou companheiro, vitimado por eventos externos à família (pressões do trabalho e da sociedade em geral), transferir sua agressividade (física, verbal, sexual, etc.) sobre a esposa, e essa por sua vez, transferir a agressão sofrida pelo marido nos filhos. Com isso, são diversos os autores e as vítimas da violência intrafamiliar (GABATZ *et. al.*, 2010), em um ciclo difícil de romper.

Lembramos que a violência intrafamiliar está inserida nas relações de poder, em que todos têm sua parte de responsabilidade, o que pode ser visto nos planos 3 e 4, nas quais podemos observar a prática do crime da violência sexual prevista no artigo 213 do Código Penal (BRASIL, 1940), efetuada pelo padrasto, e a ocorrência de um crime de omissão por parte da genitora perante o relato da violência que a criança sofria. Nesse sentido, o não atendimento das necessidades básicas da criança é a forma mais frequente de violência, dado que esta conduta se caracteriza como omissão (PFEIFFER; HIRSCHHEIMER; FERREIRA, 2018).

É importante evidenciar que este tipo de transgressão ocorre em todos os estratos sociais (FERRARI; VECINA, 2004). Conforme explica Guerra (1998), tal violência detém outros determinantes, isto é, não se trata apenas de uma questão estrutural, visto que esta modalidade de violência perpassa todas as classes sociais. Logo, não é exclusivo de um grupo de pessoas com determinado poder econômico.

Convém frisar que nas camadas sociais com poder aquisitivo desfavorável, há maiores registros das violações de direitos, uma vez que as intervenções, nestes casos, são executadas por segmentos públicos, o que não ocorre nas camadas sociais mais favorecidas, em que ocorre a procura por segmentos privados, em que é mais comum o sigilo nos

atendimentos, de modo a se evitar futuros desdobramentos destas intervenções (LEÃO, 2020).

Outra questão que merece destaque é que na maioria dos casos de violência sexual de maior incidência, não há vestígios do ato sexual praticado (WILLIAMS, 2012), e, assim, apenas 40% dos casos conseguem ser comprovados. Isso demonstra a necessidade de uma investigação e análise que vai além dos sintomas físicos (ABRAPIA, 2002), pois quando a criança revela que foi vítima de violência sexual, é encaminhada para fazer o exame de corpo delito, porém, ao avaliá-la, o/a médico/a pode constatar que o crime não deixou vestígios materiais, o que dificulta a sua comprovação.

Nesse contexto, é necessário garantir a qualidade da prova, ou seja, do relato da vítima, bem como o de assegurar o estado emocional, pois a oitiva da criança nos delitos de violência sexual é uma tendência da jurisprudência para amparar a decisão do magistrado quando lhe falta a prova material do crime (JACINTO, 2009). E é importante ressaltar que há violências sexuais que não se manifestam apenas com o ato sexual, ou seja, com o contato sexual e físico propriamente dito, não deixando evidências ou marcas materiais nas vítimas, devendo ser enquadrado enquanto violência (LEÃO, 2020).

Além do mais, há formas de se detectar se uma criança e/ou adolescente estão sendo vítimas de violência sexual, como a identificação de alguns importantes sinais que elas demonstram, a saber: isolamento social, dificuldade de confiar nas pessoas, temor ao contato físico, tristeza ou depressão, ansiedade generalizada, comportamento tenso, hipervigilância e fadiga, excitabilidade aumentada, dificuldade em controlar impulsos, comportamento agressivo e raivoso, especialmente com familiares, entre outros (SANTOS; IPPOLITO, 2011).

Vicente, Bulzoni e Leão (2019), também comentam sobre esses comportamentos, ao analisarem o Filme “O Silêncio de Lara”, que traz uma adolescente vítima de violência sexual intrafamiliar desde sua tenra infância, situação na qual o perpetrador era seu avô. Na obra, Lara recebe o estigma de “rebelde sem causa”, pois apresentava comportamento disfuncional na escola, agredia fisicamente colegas, demonstrava hostilidade perto de figuras masculinas, bem como diante de funcionários da referida escola. Além disso, ela ficava sempre triste quando estava em sua casa, chorava e não tinha diálogo com seus familiares.

À vista disso, a violência sexual intrafamiliar é considerada a mais grave devido o/a agressor/a ser quem deveria dar proteção à criança e, em muitos casos, mesmo tendo conhecimento dos fatos, alguns/mas genitores/as se omitem e violam o direito da sua prole. Com a omissão dos próprios familiares, o crime permanece velado, vindo a ser descoberto apenas se a criança relatar para alguma outra pessoa, e/ou que haja uma denúncia, pois o silêncio e o medo faz com que o crime não seja desvendado, o que dificulta a ação dos órgãos de proteção e da justiça em punir os/as agressores.

Compreender e avaliar a extensão das consequências do abuso sexual infantojuvenil não é um trabalho fácil, como pode ser verificado nos planos 5, 6, 7 e 8. Neste relato, em particular, a criança, diante as inúmeras consequências deste tipo de violência, devido o seu intenso sofrimento, optou por se refugiar nas ruas, situação em que vem a conhecer outros tipos de violência, dentre elas a exploração sexual.

No emaranhado de sentimentos verbalizados pela vítima, não é possível generalizar ou delimitar os efeitos do abuso sexual, pois as consequências dependem de particularidades da experiência de cada um/a, contudo, fica

notório os danos psíquicos causados pelo abuso, os quais repercutem ainda hoje na vida adulta.

Faleiros, Matias e Bazon (2009) discorrem que a exploração sexual muitas vezes é incitada pela própria família, o que gera sentimentos de desamparo, sofrimento e humilhação nas vítimas, situações incompatíveis com o ambiente que necessariamente deveria proteger e garantir direitos e dignidade. No presente relato, a criança se sentiu destituída de proteção por sua genitora, potencializando o desamparo afetivo.

De acordo com apontamentos da Organização das Nações Unidas, (2015), de Sirgado (2016) e Moura (2009), as crianças saem de suas casas e se abrigam nas ruas com o objetivo de não continuarem a serem violentadas por seus pais e/ou responsáveis e, geralmente nos lares dessas crianças elas experenciam a falta de envolvimento afetivo entre pais e filhos, abuso de autoridade, negligência de suas necessidades, dentre outros. A fuga do lar não protetivo não pode ser interpretado como um comportamento de rebeldia da criança, mas, sim como uma forma encontrada para que o abuso e a exploração que sofreram nos núcleos familiares cessem.

Por fim, o plano 9 demonstra que a criança novamente sofreu outro tipo de violência, a institucional, por parte da instituição de acolhimento. Apesar da instituição ter a função de zelar por sua proteção, não o fez, o que acarretou em uma nova fuga da criança, que por acaso encontrou uma pessoa que lhe acolheu (plano 10), demonstrando proteção e cuidados. Nesse momento, a tristeza que lhe assombrava tornou-se luz de esperança.

No que se refere à violência institucional, este tipo de violência é perpetrado por uma pessoa ou instituição que tem para si a guarda provisória da criança ou adolescente, seja para fins educacionais, de saúde, de cultura, lazer ou abrigamento (JORGE *et al.*, 2018), porém ao invés de

oportunizar a elas cuidados e proteção, as mantém em uma situação de sofrimento e privação de direitos.

Sintetizando, a voz da vítima lança ao expectador o quadro de inúmeros acontecimentos nefastos que incidem em sua trajetória de vida, os quais possibilitam uma visão do ciclo de violência a qual ela se tornou cativa, possibilitando, também, uma visão fidedigna da dor, do desamparo, do descrédito e do sofrimento experienciada por inúmeras vítimas da violência sexual infantil.

Este documentário desvela a realidade destas vítimas, sendo uma denúncia social da urgência de um olhar acolhedor a elas, de modo que sejam escutadas, fiadas e amparadas, e seus algozes, por sua vez, denunciados e devidamente criminalizados. Afinal, precisamos falar sobre esta violência, urge que seja realmente extinta, sendo este documentário, como outros materiais de fonte fidedignas, estratégicos para tanto, principalmente pensando na conscientização da urgência de ações para aniquilamento deste fenômeno.

Considerações Finais

A violência sexual infantil intrafamiliar se apresenta como um grande desafio aos diversos setores profissionais e à sociedade, porquanto além de ser assunto que deve ser discutido, precisa ser erradicado.

O presente estudo demonstrou, ao analisar o relato de uma mulher no documentário *Um crime entre nós*, o quão expostas estão as crianças e adolescentes que sofrem a violência sexual dentro de seus lares e, que denunciar o/a autor/a deste crime não é algo simples, pois envolve laços afetivos da vítima com o/a agressor/a, sendo esse/a geralmente um membro da própria família. Sendo assim, a criança, por medo de ser castigada ou por, muitas vezes, sentir que não apresenta valor para a pessoa que deve lhe

proteger, pode não revelar a violência sexual que sofre no contexto familiar. Aliás, devido à convivência familiar difícil, por vezes a solução encontrada seja a fuga do próprio lar, como ressaltamos na análise do documentário.

Além disso, há muitos casos em que a mãe ou o responsável legal não reconhece a violência sexual, não quer perceber, ou ainda, não quer acreditar que a criança foi violentada sexualmente por seu esposo, companheiro ou familiar próximo, negando a proteção que a criança necessita. É inaceitável o silêncio do membro familiar que tem ciência que a criança é vítima desta agressão, sendo que neste cenário se torna conivente com este crime.

Posto isso, o presente tema exige constante reflexão por parte dos profissionais que integram as instituições, o Estado, bem como toda a sociedade, os quais têm o dever de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente conforme prescreve o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 (BRASIL, 1990), a Carta Magna de 1988 (BRASIL, 1988), e outras Leis.

Outra questão a ser problematizada é que há três décadas o Brasil conta com o ECA, cujo dispositivo trouxe um novo olhar para crianças e adolescentes. Além disso, a referida lei tem como princípios o da primazia, que é receber proteção e auxílio em quaisquer situações e o da precedência, ou seja, a garantia de atendimento nos serviços públicos, preferência na formulação e na execução das políticas públicas e, por fim, não menos importante, a destinação de recursos públicos nas áreas de proteção à infância e juventude.

Em razão da gravidade e das implicações que essa situação acarreta às vítimas, urge que os programas, órgãos de proteção e a sociedade como um todo, sejam eficazes na busca pela prevenção e combate desse crime, pois ignorar essa questão, enquanto um problema social, apenas faz com que se perpetue a violência. Deste modo, é

preciso que esse assunto seja analisado pensando, sobretudo, na elaboração de estratégias visando a sua prevenção, como já foi mencionado.

Crianças e adolescentes de todo Brasil devem ser protegidos da violência sexual intrafamiliar. É mister investir nos órgãos que compõem o Sistema de Garantia de Direitos (SGD) com vistas ao fortalecimento da articulação e atuação em conjunto de toda uma rede de atendimento, a fim de potencializar mobilizações e intervenções de modo a se mitigar crimes de ordem sexual, para que os direitos das crianças e adolescentes sejam de fato assegurados. Afinal, é preciso o respeito às vozes dos que experenciam esta violência, porquanto clamam efetivamente pelo implemento de ações para abolir este fenômeno.

Referências

ABRAPIA. **Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência** - Relatório Cumulativo relativo ao período de 1997/2003.

BRASIL. **Constituição 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 07 de jul. de 2020.

BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 13 de jun. de 2020.

BRASIL. Lei 10.406 de 10 de janeiro de 2002. **Institui o Código Civil**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm>. Acesso em: 12 de jun. de 2020.

BRASIL. Decreto lei nº. 2.848 de 7 de dezembro de 1940. **Código Penal**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1935/2848.htm>.

gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm>.

Acesso em: 12 de jun. de 2020.

BRINO, R. De F.; GIUSTO, R. De O.; BANNWART, T. H. **Combatendo e Prevenindo os abusos e/ou maus-tratos contra crianças e adolescentes: O papel da escola.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

FALEIROS, J. M.; MATIAS, A. S. A.; BAZON, M. R. Violência contra crianças na cidade de Ribeirão Preto. São Paulo, Brasil: a prevalência dos maus-tratos calculada com base em informações do setor educacional. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25, n.2, p. 337-348, 2009.

FERRARI, D. C. A.; VECINA, T. C. C. **O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática.** São Paulo: Ágora. 2004.

GABATZ, R. I. B.; PADOIN, S. M. de M.; NEVES, E. T.; TERRA, M. G. Fatores relacionados à institucionalização: Perspectivas de crianças vítimas de violência intrafamiliar. **Revista Gaúcha de Enfermagem (Online)**, v. 31, n.4, p. 670-677. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-14472010000400009&script=sci_arttext. Acesso em 04 jul 2020.

GABEL, M. **Crianças vítimas de abuso sexual.** São Paulo: Summus, 1997.

GUERRA, V. N. A. **Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada.** São Paulo: Cortez, 1998.

JACINTO. M. **O valor da palavra da vítima nos crimes de abuso sexual contra crianças.** 2009. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/pagina-1447.html>. Acesso em 7 de jul. de 2020.

JORGE, M. H. P. M.; RENATA, W.; PFEIFFER, L.; HARADA, M. J. Formas de violência contra a criança e do adolescente. Sociedade de Pediatria de São Paulo. Sociedade Brasileira de Pediatria. **Manual de atendimento às crianças e adolescentes vítimas de violência.** Coordenação: Renata Dejtiar Waksman, Mário Roberto Hirschheimer, Luci

Pfeiffer. 2.ed. Brasília, DF: Conselho Federal de Medicina, 2018.

LANDINI, T. S. **O professor diante da violência sexual**. São Paulo: Cortez, v. 4. (Coleção educação e saúde). 2011.

LEÃO, A. M. C. **Ações de prevenção a violência sexual infantojuvenil**: analisando a formação e informação da/o profissional da educação infantil e fundamental. Relatório de Pesquisa regular da Fapesp, n. 2017/07350-8, 2020. No prelo.

LEITE, L. A função do sistema de garantia de direitos e sistema de justiça na prevenção e repressão do abuso sexual infantil. In.: WILLIAMS, L. C. de A.; ARAÚJO, E. A. C. (org.). **Prevenção do abuso sexual infantil**: um enfoque interdisciplinar. Curitiba: Juruá, 2009. p.73-83.

MOURA, Y. G.; SILVA, E. A.; NOTO, A. R. Redes sociais no contexto de uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua. **Psicologia em Pesquisa**, v. 3, n.1, p.31-46, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório mundial sobre violência e saúde. In: KRUG, Etienne G.; DAHLBERG, Linda L.; MERCY, James A.; ZWI, Anthony B.; LOZANO, Rafael. (org.). **Abuso infantil e negligência por mais e outros cuidadores**, 2002. p.57-81

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. Brasília, DF: Nações Unidas. Disponível em: <<https://goo.gl/rNCK7T>>. Acesso em: 20 Jun. 2020.

PFEIFFER, L.; HIRSCHHEIMER, M.; FERREIRA, A. **Negligência ou omissão do cuidar**. Manual de Atendimento às crianças e adolescentes vítimas de violência. 2ª Edição. Brasília, 2018.

SANDERSON, C. **Abuso sexual em crianças**: fortalecendo pais e professores para proteger crianças contra abusos sexuais e pedofilia. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

SANTOS, B. R.; IPPOLITO, R. **Guia escolar: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e**

adolescentes. Seropédica, RJ: EDUR, 2011. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/000016936.pdf>>. Acesso em: 09 julho 2020.

SCHMIDT, B.; SCHNEIDER, D. R.; CREPALDI, M. A. Abordagem da violência familiar pelos serviços de saúde: contribuições do pensamento sistêmico. **Psico**, v. 42, n. 3, p.328-336, jul./set. 2011.

SIRGADO, M. J. C. E. **Crianças em situação de rua:** o caso do IAC: Projecto Rua “Em Família para Crescer” [dissertação de mestrado]. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Política; 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/MyFuWj>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

VICENTE, A. R.; BULZONI, A. M.; LEÃO, A. M. C. Violência Sexual Infantojuvenil Intrafamiliar: análise do filme “o silêncio de Lara”. DESIDÉRIO, Ricardo (org.). **Sexualidade em cena:** discursos midiáticos e suas múltiplas leituras. São Carlos, Pedro & João Editores, 2019.

WILLIAMS, L. C. A. **Pedofilia:** Identificar e prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2012.

Capítulo 8

ANJOS DO SOL: A EXPLORAÇÃO SEXUAL DE JOVENS NO CONTEXTO DA MISÉRIA

Ana Claudia Figueiredo Rebolho
Paulo Rennes Marçal Ribeiro

*Se essa rua, se essa rua fosse minha
Eu mandava, eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes
Para o meu, para o meu amor passar [...]¹*

Introdução

De quantas meninas lhes foi tirado o sonho de ter um grande amor? Quantas pedrinhas poderiam ter brilhado se as ruas, realmente, fossem destas meninas? Os sonhos que tanto movem a humanidade e acalentam corações aflitos são extirpados de inúmeras meninas pela crueldade humana que as veem como um objeto sexual de validade efêmera. Sujeitas à exploração sexual, milhares de meninas em todo o mundo são submetidas a uma semi-escravidão e têm uma vida sem direitos, sem oportunidades e sem possibilidades de empoderamento, cuidados e assistência médica e educacional.

A exploração sexual envolve o uso e abuso dos corpos a partir de indivíduos que dominam e submetem mulheres, crianças e adolescentes, principalmente, mas também pessoas trans e homossexuais, estabelecendo uma relação

¹ Cantiga do Folclore Brasileiro.

em que esses corpos são ofertados a consumidores que pagam por esse uso, na maioria dos casos a um intermediário que organiza e lucra com essa operação. É um cafetão ou uma cafetina gerenciando o trabalho sexual de outro. A relação sexual é imposta e aceita sob coerção pela pessoa explorada, que não tem escolha nem poder de decisão. Libório (2005), a partir de um levantamento feito pelo *Instituto Interamericano del Niño*, diz que há quatro tipos de exploração sexual de crianças e adolescentes: prostituição, turismo sexual, pornografia e tráfico para fins sexuais.

A exploração sexual de crianças e jovens é um problema de ordem mundial. Não há barreiras econômicas e nem limites de fronteiras. Países mais carentes estão mais suscetíveis a essa problemática. No entanto, a miséria não é uma situação *sine quo a non* para este tipo de exploração, visto que países ricos também são acometidos por essa realidade (ALMEIDA; DIAS; HORTA, 2012).

Segundo Santos (2004, p. 99-100),

a ocorrência das práticas da prostituição infanto-juvenil e a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes nas sociedades ocidentais remontam a antiguidade. Utilização de crianças nos atos sexuais de adultos, abuso sexual, repasse da tradição de se prostituir de mães para filhas, comércio de virgens para prostituição são algumas das práticas que persistem por vários milênios de história da humanidade e ainda estão longe de haver desaparecido nas sociedades contemporâneas.

A exploração sexual de crianças e jovens, assim sendo, além de não ter fronteiras, é datada desde a Antiguidade e com concepções distintas. Em alguns países, principalmente no oriente, o casamento é uma maneira de dar sustentação legal e camuflar as explorações sexuais infantis.

De acordo com Massad (2019, p. 210) “dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) informam que 15 milhões de meninas se casam todos os anos antes de completarem a maioridade, algumas delas depois do décimo ano de vida”. Muitas famílias veem o casamento como o fim da responsabilidade sobre as filhas. O autor elucida essa situação com os argumentos das famílias: “o favor que o homem fez à família compensa todo tipo de sofrimento, abuso, abandono afetivo, maus tratos e desrespeito à dignidade da vida dela”. Sendo assim, é retirado dessas meninas o direito de serem adolescentes e, até mesmo, de serem crianças.

Del Priore (2006, p. 8) afirma que existe uma distância considerável “[...] entre o mundo infantil descrito pelas organizações internacionais, pelas não governamentais e pelas autoridades, daquele no qual a criança encontra-se quotidianamente imersa”. Complementa, ainda, o pensamento quando diz que “o mundo que a ‘criança’ deveria ‘ser’ ou ‘ter’ é diferente daquele onde ela vive, ou no mais das vezes, ‘ela deve’, ‘seria oportuno que’, ‘vamos engajar em que’, até o irônico ‘vamos torcer para’”. Dessa maneira, crianças e adolescentes são direcionados ao adestramento físico e moral, tirando-lhes o seu direito do riso, da brincadeira e dos sonhos.

Para aprofundar essa temática, a partir desta breve apresentação introdutória, pretendemos analisar o filme “Anjos do Sol” (2006), de Rudi Lagemann, que tem por tema a exploração de jovens em situação de miséria na região Nordeste do Brasil. O suporte metodológico utilizado foi a observação e a revisão bibliográfica, de caráter qualitativo, embasada em autores que discutem e analisam a questão da exploração sexual de crianças e jovens.

Vídeo analisado

Tipo de Material	Filme
Titulo Original	Anjos do Sol
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Drama
Ano	2006
Local de lançamento e Idioma original	Brasil, Língua Portuguesa
Duração	1h30min
Direção	Rudi Lagemann

O enredo do filme se passa no Maranhão e conta a estória de Maria (interpretada pela atriz Fernanda Carvalho), que com 12 anos é vendida pela família, que acredita estar mandando a menina para uma vida melhor. Vale ressaltar que a família já havia vendido outra filha a esse mesmo agenciador. Maria, depois de sofrer em um prostíbulo e fugir, tem seu caminho cruzado novamente pela prostituição.

Análise Crítica

Em regiões onde a pobreza impera, a venda de crianças pela própria família é uma questão cultural, e no filme esta situação é retratada quando a mãe de Maria pergunta ao agenciador Tadeu (ator Chico Diaz) se ele tem notícias da filha Raquel, que também foi vendida. Ele mente à mãe dizendo que a filha está em Brasília e que logo “mandará um dinheirinho”² a eles.

Maria, juntamente com outras garotas, é enviada a um prostíbulo administrado por Nazaré (atriz Vera Holtz) que, ao recebê-las, diz que está ali para ajudá-las, já que irá arrumar senhores de posses para adotá-las, chamados de

² Fala do próprio personagem.

“padrinhos”. No entanto, essa adoção não passa de um ardil para iludi-las. À noite, Nazaré as vestes com roupas novas e inicia um leilão de hímen.

Neste evento, um político importante da região compra a menina mais nova do leilão por R\$5.000,00. Um dos fazendeiros da região, Lourenço (ator Otávio Augusto), compra Maria por R\$2.500,00 e na promoção, compra também Inês (atriz Bianca Comparato), em um valor total de R\$3.500,00, para presentear o filho Edgar (15 anos), com o intuito deste perder a virgindade.

No entanto, Maria se recusa a manter relações sexuais com Edgar, e Lourenço, por sua vez, a violenta na frente do filho para mostrar a sua virilidade masculina. Em seguida chama seu capanga para levá-las ao garimpo, mas *com uma passada* na Vila do Socorro, próximo a Floresta Amazônica, na boate do Saraiva (ator Antônio Callmon), onde elas acabam se estabelecendo. Para Faleiros (2004, p.82) “o mercado do sexo, que é sustentado fundamentalmente pelo trabalho sexual e de mão-de-obra adulta e infanto-juvenil, que gera lucro e que é nele explorada”.

Ao chegarem à Vila do Socorro, Maria e Inês são entregues na “Casa Vermelha” e Saraiva as recebe com um discurso protetor, dizendo que irá sustentá-las e defendê-las, e que em troca elas têm de se deitar com quem ele mandar e irá anotar para controle de lucro. Ao mesmo tempo, questiona se são alfabetizadas e, diante da negativa delas, diz: “Ótimo! Não gosto de puta alfabetizada, rapaz! Isso é muito ruim para os negócios!”. Ainda as ameaça sobre possíveis casos de fugas da parte delas, afirmando que matou uma menina que tentou fugir. Saraiva anuncia em autofalante que tem *carne nova*³ na boate pelo valor de três gramas de ouro.

³ Grifo dos autores.

A boate, apesar de ter o nome de Casa Vermelha, nacionalmente relacionado à prostituição, é tida como uma pensão e mercearia para evitar problemas com as autoridades. O cafetão Saraiva afirma que o estabelecimento é uma pensão durante o dia e diz que: “*O que as meninas fazem no quarto durante a noite é problema delas*”. Sobre esta situação, Faleiros (2004, p. 8) argumenta que

o mercado do sexo é um mercado negro⁴, pois funciona fora das normas legais de funcionamento comercial como: registro, pagamento de impostos, emissão de notas fiscais. Como é um mercado ilegal muitas empresas do mercado do sexo funcionam com uma cobertura legal e um nome fantasia que não corresponde à verdadeira atividade comercial ou serviços ofertados, como é o caso de boates, bares noturnos, hotéis e pousadas, agências de modelos, agências de viagens e de turismo entre outras.

O mercado do sexo é altamente lucrativo e as pessoas envolvidas nele são facilmente descartadas. Quando Saraiva se refere à Maria e Inês como “carne nova”, mostra o quão efêmera é a validade das meninas nas boates. Ao entrarem neste comércio, na maioria das vezes, as meninas já iniciam o trabalho com dívidas aos cafetões. No filme, Saraiva entrega roupas à Maria e diz que já colocou na conta dela.

O mesmo acontece nos casos de tráfico de mulheres para o exterior, pois quando elas chegam ao destino já estão endividadas com os gastos da viagem, seus passaportes são tirados e elas ficam presas aos cafetões. Uma dívida muitas vezes, impossível de ser paga, como relata Paula Lee (2008) em seu livro *Alugo meu corpo*.

⁴ Expressão utilizada para se referir ao comercio ilegal/clandestino de coisas proibidas.

O mercado do sexo, de acordo com Faleiros (2004, p. 83) funciona “como um ramo de negócios no qual há produção e a comercialização da *mercadoria*⁵ – *serviços e produtos sexuais*. Trata-se de um produto *subjetivo* – o *prazer*, altamente vendável, que tem *valor de uso*”. Quanto mais nova e mais bonita for a menina, a adolescente ou a mulher, maior o valor comercial.

Assim sendo, no mercado do sexo, como em qualquer outro, o capitalista compra a mercadoria que quando utilizada, agrega valor, como podemos observar na afirmação de Leal e Pinheiro (2007, p.17):

Todas as mercadorias se caracterizam por possuírem não só uma qualidade visível e concreta (forma, cor, tamanho, utilidade, etc.), o que Marx chama de valor de uso, mas também um valor que permite compará-las com outras mercadorias e trocá-las, o que Marx chamou de valor de troca. O valor de cada mercadoria é determinado pelo tempo de trabalho necessário à sua produção; da mesma forma, é o valor da força de trabalho, enquanto mercadoria. Ela é determinada pelo tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção e manutenção. Nesta perspectiva, como articular esta abordagem teórica e metodológica para análise do tráfico de pessoas?

Para este questionamento, podemos afirmar, baseados em Leal e Pinheiro (2007), que no tráfico de mulheres o valor de uso da mercadoria se baseia na qualidade, na utilidade e na necessidade do consumidor e do próprio mercado.

O cafetão Saraiva deixa isso claro ao receber o pagamento de um homem que manteve relações sexuais com Maria: “*Gostou, né Zé? Mulherzinha nova é outra coisa. Não falei que valia o preço?*”. Trata-se, aqui, do prazer

⁵ Os grifos nesta citação são do referido autor.

proporcionado por meio dos serviços sexuais, tendo as questões de raça, etnia, idade, classe, gênero e orientação sexual como elementos que determinam a demanda crescente por este comércio de sexo em nível mundial.

Após uma noite de abusos sexuais e vários clientes para atender, Maria e Inês resolvem fugir com a ajuda de Celeste (atriz Mary Sheila), que é a única menina prostituída⁶ na boate que saber ler. Por ser alfabetizada, Celeste anota todas as relações sexuais que tem com os clientes, dessa maneira tem o “controle da situação”, o que ocasiona brigas constantes com Saraiva por reivindicar seu verdadeiro pagamento. Mesmo grávida continua sendo obrigada a trabalhar como prostituta.

Na fuga, Maria e Inês conversam sobre a vida delas. Inês conta que teve um namorado que era casado e tinha filhos, mas que o padrasto descobriu e que para esconder o segredo da sua mãe ela teria que manter relações sexuais com ele. Ou seja, ela saiu de um contexto de violência para outro. No filme, Inês relata o acontecido da seguinte forma:

“Eu me deitei, fazer o quê? Aí todo dia era a mesma história. Minha mãe saía de casa e o filho da puta vinha atrás de mim. Mas teve um dia que minha mãe chegou e encontrou o desgraçado em cima de mim. Sabe o que ela fez? Me botou para fora de casa. Sem o homem dela é que ela não ia ficar, né?”

É muito comum mães ficarem ao lado de seus parceiros e não das filhas em situações como à do filme.

Para Lima e Alberto (2015, p. 1.159), o abuso sexual doméstico ou intrafamiliar “[...] é forma de violência doméstica com características de repetição, ou seja, o agressor tende a reincidir na violência com frequência, seja

⁶ Vale ressaltar que optamos por usar o termo meninas prostituídas e não prostitutas pelo fato de que raramente uma criança se prostitui por vontade própria.

pelo fato de residir junto à sua vitimada, tornando-se mais fácil o acesso a esta [...]” ou, ainda, porque “se valida de seu papel social na vida dessa criança ou adolescente, utilizando o poder que lhe é conferido”.

As justificativas para o abuso sexual intrafamiliar ganham diferentes versões, mas no íntimo, não deixa de mostrar a relação de poder para com a vítima. Quando as mães tomam ciência da situação do abuso contra seu filho ou filha, podemos verificar que

a forma que encontram para encarar a situação também está relacionada à sua história de vida e ao modo como ela se constituiu, ou seja, com a cultura na qual esteve e está inserida. Dessa forma, pode-se afirmar que muitas das reações maternas estão relacionadas ao comportamento aprendido com a sua família, mais precisamente, com a mãe (LIMA; ALBERTO, 2015, p. 1.159).

Na maioria dos casos em que mães optam pelo pai, padrasto ou companheiro ao invés das filhas, que são as vítimas, a sociedade as condena. De acordo com Gabel (1997) o abuso sexual é talvez o mais difícil de circunscrever devido ao fato de se fundamentar na utilização abusiva da autoridade do adulto sobre a criança e/ou adolescente, além de inserir sobre a vítima o peso da culpa. A pessoa abusada passa de vítima à culpada, pelo jogo psicológico que o abusador exerce sobre ela, fazendo com que ela se sinta culpada por achar que, em muitos casos, tenha provocado ou se insinuado ao abusador.

Tombolato *et al.* (2015) corroboram com Pfeiffer e Salvagni (2005) quando essas autoras afirmam que o abuso sexual, em muitos casos, não é denunciado por ser levado em conta a não ruptura da estrutura familiar. Em alguns casos, pode haver uma situação de dependência financeira

ou emocional com o abusador que não é quebrada pelo medo de enfrentar novas situações.

Quando Inês relata o caso citado anteriormente, não deixa claro o motivo de a mãe tê-la expulsado de casa, mas devido à situação de miséria na região do país, podemos supor que tenha sido por motivos financeiros.

A tentativa de fuga pelas meninas é frustrada, pois Saraiva (o cafetão), as encontra. Pelo fato delas não delatarem Celeste que as ajudou na fuga, Maria e Inês são castigadas. Maria é acorrentada na cama e obrigada a manter relações sexuais de graça com os clientes e Inês, que é mais rebelde, é arrastada no carro de Saraiva pelas ruas de terra até morrer. Uma cena de extrema crueldade, mostrando o poder no cafetão na cidadela. Nenhuma pessoa da boate, cidadão ou mesmo funcionário do Posto Policial se atreveu a contrariar Saraiva, revelando que o poder ali é simbólico e não institucional.

Após um mês de castigo só podendo levantar da cama para ir ao banheiro, Maria é liberta e participa de um diálogo inflamado entre as garotas prostituídas:

Celeste: para Maria: Como “cê tá”?

[Está balançando os ombros e nem tem forças para responder].

Celeste: *Querida te agradecer por você não ter me entregado ao Saraiva.*

[...]

Sheila: *“Vamo vê se ocê” aprendeu a lição, né menina! Quase que “ocê” e sua finada amiga coloca a gente numa enrascada com o padrinho.*

[...] *Eu gosto muito daqui “tá” entendendo? Mas muito mesmo de verdade. Melhor que em outros “lugá”. E se tua amiguinha não gosta é melhor acostumar, porque “fugi” ela já viu que não dá, né?*

Celeste: *Não é todo mundo que precisa “gostá” dessa merda de lugar que nem “ocê”.*

Sheila: Mas eu gosto. Se eu não “trabalha” aqui, Celeste, vou “trabalhá” onde? De doméstica? Deus me livre! Uns pode até “acha” que é pecado, mas pecado é “morrê” de fome. Aqui eu, pelo menos, conheço bastante gente, ganho bastante dinheiro.

Uma das garotas: Que dinheiro? O meu eu nunca vi.

[...]

Fátima: Eu nunca fiquei doente. Assim teve só uma vez que tive um corrimento, uma gonorreia assim, mas nada demais. Nem contam.

Celeste: Como “ocês pode” gostar de ficar assim?

Lu: Ih, menina, também não é assim, não. Eu gosto. Gosto que nem Sheila. Aqui a gente pode dançar e coisa e tal. [...] Eu “to memo” é procurando marido. Tem muita menina que arranja marido no puteiro e eu tenho esperança que meu Santo Antônio não vai “falhá e manda” meu homem.

Este diálogo nos faz refletir nas vidas roubadas dessas meninas. Quando Sheila e Lu afirmam que gostam de trabalhar na boate somos levados a pensar qual o conceito de mundo que elas têm.

De acordo com Rebolho (2013), a prostituição, para a maioria, não é uma opção de vida e sim de sobrevivência, apesar de encontrarmos casos de mulheres que adentram a prostituição por opção. No entanto, no momento em que a pobreza dita as regras, muitas mulheres⁷ que acabam se prostituindo o fazem de maneiras diversas, pois sempre houve diversas categorias de prostitutas ao longo da história.

Segundo Rebolho e Ribeiro (2018, p. 1), a prostituição é definida pela “prestação remunerada de serviços sexuais, ou seja, na realização de atos sexuais mediante remuneração, implicando interação sexual, retribuição

⁷ Estamos falando de mulheres, pois não é tema deste trabalho falar da prostituição masculina.

monetária e, na maioria dos casos, indiferença afetiva”. Entretanto, no diálogo acima, podemos observar que nem sempre a prostituição é remunerada, e em muitos casos, as garotas e mulheres prostituídas ficam à mercê de cafetões ou cafetinas que detém o dinheiro ganho por elas.

Outra questão relevante na conversa entre as garotas é o sonho do casamento. Muitas delas veem no casamento uma maneira de abandonar a prostituição, ter um homem para cuidar delas e constituir família. Sonho esse difícil de ser realizado por conta do preconceito contra as prostitutas. A mesma sociedade que faz uso da prostituição, a rejeita em nome da moral e dos bons costumes: “Vem daí a dicotomia discriminativa e preconceituosa da boa e má menina, em que a boa menina é para o casamento e a má é para ter todo tipo de relacionamento” (REBOLHO; RIBEIRO, p. 53).

Saraiva recebe a visita de Lourenço, o fazendeiro que estuprou Maria no dia em que a comprou para o filho. Maria, ao vê-lo, lhe cospe na cara e ele a leva para cama. Depois disso, a menina decide fugir novamente. Com a ajuda de Celeste, que lhe dá cobertura e o telefone de um contato no Rio de Janeiro, Maria foge. Desta vez, Saraiva e os capangas não conseguem pegá-la.

Maria chega ao Rio de Janeiro, entra em contato com Vera, uma cafetina que a recebe no seu apartamento, onde moram outras meninas que trabalham para ela. Vera arruma documentação falsa para Maria adulterando seu nome para Isabela e sua idade de 12 para 18 anos. Quando Vera a leva para seu primeiro programa, Maria foge.

O filme acaba com Maria assumindo a identidade de Isabela e continuando na prostituição. Para o espectador mais otimista e/ou romântico este não é o final que se deseja. Ninguém mais sonha com um “príncipe montado no cavalo branco salvando mocinhas indefesas” e esse é o ponto crucial do filme. O autor lança para o espectador o

mundo como ele é. Neste caso, a pobreza associada às pessoas mal-intencionadas, como no caso aqui, o cafetão, acabam com a vida de meninas que estão a desabrochar para o mundo.

A sociedade vai moldando pré-conceitos, conceitos e preconceitos sobre as diferentes profissões e ocupações das pessoas. O jogo de interesses vai construindo seus muros e blindando os seres humanos e ao mesmo tempo destruindo vidas de pessoas ingênuas e inocentes, como Maria. Quantas Inês precisam ser assassinadas para que tomemos ciência dos problemas que fingimos não ver? Só nos abala o que nos atinge. Não fomos criados para o altruísmo, qualidade esta que a escola da vida não se importa em nos ensinar.

Considerações finais

Analisar o filme *Anjos do Sol* (2006) é como estar em uma sessão de terapia e ter que remexer em traumas íntimos. Por mais que o tema pareça que não nos diga respeito, não há como assistir a este filme e permanecer incólume. É uma história intensa, agressiva e sofrida para olhos que estão acostumados com produções artificiais *hollywoodianas* que visam recordes de bilheteria, especialmente porque se trata de uma realidade em nosso país.

A exploração sexual, a miséria, a venda de crianças pela própria família para o tráfico, a pedofilia, o turismo sexual, o leilão de meninas virgens (conhecido como leilão de hímen), o descaso do governo com as questões educacionais e de saúde, relações desequilibradas de poder e a violência são ingredientes mais que suficientes para mostrar a realidade miserável brasileira e, até mesmo mundial, sobre a exploração de crianças e adolescentes. É um tema que grande parte da humanidade não tem acesso, pois é omitido na mídia. Não é rentável pelo fato de expor

pessoas *poderosas* e ricas. Todo mundo sabe que existe, muitos fazem uso, mas melhor ignorar problema.

O ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) contém disposições sobre a proteção de crianças e adolescentes no que tange os casos citados anteriormente. No entanto, mesmo com a Lei nº 8.069/90, ainda encontramos muitos casos de violação aos direitos desta população vitimada.

Quantas Marias, Inês, Celestes, Sheilas, entre tantas outras, fazemos vistas grossas em nome do nosso descompromisso com questões humanitárias?

Sabemos que a erradicação da exploração sexual no atual contexto sócio-econômico em que vivemos é tarefa árdua e praticamente impossível. Não há vontade política, não há recursos, não há pessoal, mas em compensação (ou descompensação, se preferirem) há muita miséria, muita ignorância, muita submissão feminina...

Segundo Di Piero, Maia, Teixeira, Ribeiro e Vilaça (2019), a luta contra a violência de gênero, no caso específico de mulheres, é uma questão de reconhecimento de direitos humanos que até mesmo em seus princípios “universais” traz uma raiz de discriminação de gênero, o que segundo os autores, tem sido discutida em vários tratados internacionais sobre o tema. Por isso, dizem que “as convenções internacionais são, portanto, um importante instrumento de pressão para a elaboração de leis e políticas públicas de proteção às mulheres” (p.9).

Considerando que o Brasil é signatário dos ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, uma agenda mundial proposta pela ONU para que até 2030 haja efetivos avanços de ações e políticas públicas no planeta para a erradicação da pobreza e desigualdades, investir em ações contra a exploração sexual é meta obrigatória e inevitável.

O ODS 5 visa alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Neste ponto

lembramos a importância que tem a Educação Sexual nas escolas e como intervenções e programas desenvolvidos neste campo pedagógico podem suprimir lacunas de conhecimento, estimular o empoderamento, desenvolver a igualdade e prevenir o abuso e a violência (MAIA; RIBEIRO, 2011).

Educação Sexual é também questão de cidadania e de direitos (RIBEIRO, 2013) e os (as) professores têm papel importante na prevenção das diferentes formas de violência e abuso, na denúncia dos casos e na proposição de políticas públicas.

Referências

- ALMEIDA, S. M. de; DIAS, P. C.; HORTA, L. R. Prostituição: Trabalho ou Problema Sócio Afetivo? **Psicologado**, [S.l.]. (2012). Disponível em: <<https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-social/prostituicao-trabalho-ou-problema-socio-afetivo>>. Acesso em: 18 Ago 2020.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990**. Brasília, 1990.
- DI PIERO, M.F.; MAIA, A. C. B; TEIXEIRA, F.; RIBEIRO, P. R.; VILAÇA, T. **Direitos Humanos das mulheres: a luta contra a violência de gênero**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 113p.
- DEL PRIORE, M. (Org.). **História das crianças no Brasil**. 5ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- FALEIROS, E. T. A exploração sexual comercial de crianças e de adolescentes no mercado do sexo. In: **A exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil: reflexões teóricas, relatos de pesquisas e intervenções psicossociais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004; Goiânia, GO: Universidade Católica de Goiás, 2004.

GABEL, M. (Org.). **Crianças vítimas de abuso sexual**. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

LEAL, M. L. P.; PINHEIRO, P. A pesquisa social no contexto do tráfico de pessoas: uma abordagem marxista. In: LEAL, M. L. P., LIBÓRIO, R. M. C. (Orgs.). **Tráfico de Pessoas e Violência Sexual**. Grupo de Pesquisa sobre Violência, Exploração Sexual e Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes – VIOLES Instituto de Ciências Humanas Departamento de Serviço Social – SER Universidade de Brasília – UNB, 2007.

LEE, P. **Alugo meu corpo**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

LIBÓRIO, R. M. C. Adolescentes em situação de prostituição: uma análise sobre a exploração sexual comercial na sociedade contemporânea. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, 2005, p. 413-420.

LIBÓRIO, R. M. C.; SOUSA, S. M. G. (Org). **A exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil**: reflexões teóricas, relatos de pesquisas e intervenções psicossociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004; Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2004.

LIMA, J. Azevêdo; ALBERTOM. De F. P. O Olhar de Mães acerca do Abuso Sexual Intrafamiliar Sofrido por suas Filhas. **Psicologia: ciência e profissão**. Universidade Federal da Paraíba, 2015, 35(4), 1157-1170.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**. Araraquara: Departamento de Psicologia da Educação, Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, v, 15, n. 1, 2011, p. 75-84.

MASSAD, F. A. G. Casamento infantil: o divórcio da inocência. Percurso - **ANAIS DO IV CONLUBRADEC**, vol.03, nº.30, Curitiba, 2019. pp. 209 – 212.

NUCCI, G. *Prostituição, Lenocínio e Tráfico de Pessoas*. Editora Revista dos Tribunais, 2014.

PFEIFFER, L.; SALVAGNI, E. P. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, pp. s197-s204, nov. 2005.

REBOLHO, A. C. F. **Se essa rua fosse minha**: professores e gestores discutem a exploração sexual de menores nas escolas? Curitiba: Editora CRV, 2013.

REBOLHO, A. C. F.; RIBEIRO, P. R. M. **História da prostituição**: da Antiguidade aos dias atuais. Araraquara: Padu Aragon Editor, 2018.

REBOLHO, A. C. F. **A prostituição sob a ótica das séries “O Negócio” e “Me chama de Bruna” e a realidade das prostitutas brasileiras**. Relatório de Estágio de Pós-Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual. Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, 2020.

RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual na formação de professores: sexualidade, gênero e diversidade enquanto elementos para uma cidadania ativa. In: RABELO, A. O.; PEREIRA, G. R. & REIS, M. A. S. **Formação docente em gênero e sexualidade**: entrelaçando teorias, políticas e práticas. Petrópolis: DP& A; Rio de Janeiro: FAPESP, 2013, p. 7-15.

SANTOS, B. R. dos. Contribuições para um balanço das campanhas de combate ao abuso sexual de crianças e adolescentes no Brasil. In: **A exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil**: reflexões teóricas, relatos de pesquisas e intervenções psicossociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004; Goiânia, GO: Universidade Católica de Goiás, 2004.

TOMBOLATO, M. A.; DAKUZAKU, S. S.; PAURA, T.; SCABELLO, E. H. Crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual intrafamiliar: uma postura resiliente. In: BRUNS, M. A. de T.; SANTOS, C.; LEITE-SOUZA, C. R. V. (Orgs.).

Violência, Gênero e mídia: nos horizontes da saúde e educação. Curitiba: Editora CRV, 2015.

Sites pesquisados

<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-140936/curiosidades/>. Acesso em 13/06/2020.

<https://observatoriogeral.com/2014/01/11/pela-liberdade-do-cafetao-e-da-cafetina/>. Acesso em 16/06/2020.

Capítulo 9

HABLE CON ELLA: A VIDA RESTITUÍDA PELO DESEJO SEXUAL

Mary Neide Damico Figueiró
Luana Pagano Peres Molina

Introdução

“Juran que el mismo cielo
Se estremecía al oír su llanto
Cómo sufrió por ella
Y hasta en su muerte la fue llamando”
Cucurrucucú Paloma, Tomas Mendez, 1954¹

A tauromaquia, uma das tradições da cultura espanhola, também conhecida como tourada ou corrida de touros, tem sua origem no século III a.C. É sob esse cenário que, em 2002, Pedro Almodóvar elaborou um dos seus filmes mais premiados: *Hable con Ella*.

Nesse seu 14º filme, Almodóvar retrata os relacionamentos entre a toureira Lydia (Rosario Flores) e o jornalista Marco (Dario Grandinetti); e entre Benigno (Javier Camara), um enfermeiro, e Alicia (Leonor Watling), uma bailarina. Tanto a toureira quanto a bailarina, após sofrerem acidentes distintos, encontram-se em coma na mesma clínica, o que possibilita o surgimento da amizade entre os personagens Marco e Benigno.

¹ Trecho da música mexicana *Cucurrucucú Paloma*, de origem folclórica, composta por Tomas Mendez em 1954. No filme *Hable con Ella* (2002), a música foi eternizada na voz do cantor e compositor brasileiro Caetano Veloso.

As questões de gênero são presenças marcantes nas lentes de Almodóvar, ora ao afirmá-las, ora ao subvertê-las. A presença dos papéis femininos e masculinos tecem narrativas de como histórica e culturalmente a sociedade lida com essas manifestações e (re) produções normativas. É o que esclarece Margarete Almeida Nepomuceno (2010), em sua tese de doutorado:

[...] sua obra subverte e desafia as fronteiras do estabelecido, principalmente nas questões identitárias, de gênero e sexualidade, tendo a corporeidade como seu material potencializador. Seus filmes trazem a exacerbação, seja em cores fortes, seja em temas ousados, seja em personagens transgressores. [...] apresento Almodóvar como uma metáfora discursiva de prazer e poder, onde as diferenças de gênero se desfocam, borram, criam fissuras [...] (NEPOMUCENO, 2010, p. 18).

Na compreensão sobre gêneros, segundo Foucault (1988), há uma regulação político-social, uma medida normativa e um mecanismo pelo qual o discurso² e o poder regulatório, por meio de práticas discursivas e não discursivas, produzem uma concepção do indivíduo e estabelecem normas sobre o que é ser homem e ser mulher.

Em suma, trata-se de determinar, em seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime de poder – saber – prazer que sustenta, entre nós, o discurso da sexualidade humana. [...] que

² Neste artigo, utilizamos o termo “discurso” segundo a concepção foucaultiana, ou seja, uma prática material e histórica que produz relações de poder. Para Foucault (1979, p. 12), “Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade, isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros..., os meios pelo qual cada um deles é sancionado, as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o status daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro”.

caminhos lhe permitem atingir as formas raras ou quase imperceptíveis do desejo, de que maneira o poder penetra e controla o prazer cotidiano (FOUCAULT, 1988, p.16).

Estas práticas discursivas e não discursivas tornam-se visíveis nos personagens de *Hable con Ella*, relativizando as supostas diferenças dos gêneros: Lydia, uma toureira reconhecida que, profissionalmente, domina um ambiente masculino e ligado à ideia de virilidade. Porém, mostra-se emotiva e passional em seus relacionamentos, atributos que correspondem ao universo feminino.

Já Marco, que passará a ter com ela um relacionamento amoroso, inicia o filme emocionando-se ao assistir uma apresentação de balé. E não só: em outros momentos do filme, emociona-se facilmente, como em um casamento; em uma apresentação de Caetano Veloso cantando *Cucurrucucú Paloma*, música tradicional mexicana; e também no momento que mata uma cobra. Permitir-se chorar é considerado tipicamente feminino e não pertencente à masculinidade. Mas, também, o mesmo personagem apresenta dificuldades em se comunicar com sua parceira e de expressar verbalmente seus sentimentos, ações culturalmente atribuídas à masculinidade viril.

Benigno, que passa a ser o principal cuidador de Alicia, em coma, por sua vez é um personagem que nitidamente rompe com as fronteiras das expressões de gênero, ao atuar junto a ela como enfermeiro e esteticista, que são profissões de predominância feminina.

Outras características que se destacam são sua aparência, estereotipada como efeminada, e suas ações e pensamentos maternos e sensíveis frente às necessidades da mulher, como vemos na sua fala com Marco: “*A mente da mulher é um mistério, ainda mais nesse estado. As mulheres, tem que prestar atenção nelas, falar com elas, pensar nos detalhes, acariciá-las. Lembrar que existem, que estão vivas e*

que nos importam. Esta é a única terapia”. Apesar dessa fala, que denota sensibilidade, o personagem acabará mostrando, de acordo com Felipe (2004, p. 402), o “lado mais sombrio e violento da masculinidade” ao ter com sua paciente uma relação sexual que culminará em uma gravidez.

Mas cabe entendermos que, no caso das obras de Almodóvar, não é possível remeter à imoralidade as condutas do personagem Benigno, porque não existe um parâmetro normativo. O que vemos no filme são quatro personagens, homens e mulheres tão diferentes entre si, que não seguem padrões estereotipados de papéis de gênero, possuem diferentes percepções de relacionamentos, de comunicação, de amor, de diálogo e de solidão. Almodóvar é rico em personagens acentuadamente ambivalentes. Todo esse posicionamento do diretor é esclarecido por ele nesse trecho da entrevista a Strauss (2008), no livro *Conversas com Almodóvar*:

Existem tantas ligações entre a transgressão e a lei que tento até negar a existência da lei; luto para que ela esteja ausente dos meus filmes. [...] Transgressão é uma palavra moral; ora, não é minha intenção infringir qualquer norma, mas apenas impor minhas personagens e seu comportamento (STRAUSS, 2008, p. 37-38).

Em *Hable con Ella*, os protagonistas do gênero masculino e seus eixos dramáticos estão focados na representação das diferentes masculinidades. E para a representação do feminino, o foco é centrado em duas mulheres que estão em coma e não conseguem se comunicar; portanto, pelo olhar do diretor, apenas a imagem dos seus corpos torna-se um incitador do desejo masculino. A peculiaridade da presença feminina nesse filme é ressaltada por Almodóvar quando esclarece, na entrevista, que mesmo havendo duas mulheres “em *Fale*

com ela, elas não falam, não se mexem. Mas provocam, apesar de tudo, reações nos outros, como se vivessem de verdade” (STRAUSS, 2008, p. 255).

Figura 1. Cena com os atores Javier Camara e Leonor Watling.



Fonte: ALMODÓVAR, P. *Hable con Ella*. El Deseo S.A.: España, 2002.

Desta forma, em nossa análise sobre o filme, como podemos compreender o desejo sexual e a paixão que Benigno sente por Alicia? E o que representa seu envolvimento sexual com ela, sua paciente? Mesmo sendo um filme que possibilita várias análises, inclusive em uma perspectiva psicanalítica, entendemos que esse não é o nosso foco. Prezamos por um olhar sociocultural da interação do sujeito com o meio social e cultural, dotada de um sistema de significação que é permanentemente construído e transformado pelo próprio grupo.

Sabe-se que o filme *Hable con Ella* tem sido bastante analisado por estudiosos de diferentes áreas, sendo alguns citados neste artigo: Nepomuceno (2010), Coelho (2016, 2017), Felipe (2004), Dórrio (2014) e Carneiro (2015). Ressaltamos que este presente texto foi pensado a partir

do olhar de duas estudiosas e pesquisadoras da área da Educação Sexual e de temáticas ligadas à sexualidade.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>Hable con Ella</i>
Nome Traduzido	Fale com ela
Gênero	Drama
Ano	2002
Local de lançamento e Idioma original	2003 / Espanhol
Duração	1h56min
Direção	Pedro Almodóvar

Nesse filme, Almodóvar narra a dinâmica de relacionamento de dois casais – Lydia e Marco e Alicia e Benigno – e a interação entre os personagens do gênero masculino, que culmina em forte amizade. Como já esclarecido inicialmente, Lydia é uma toureira famosa e reconhecida por seus prêmios na arena; apesar de estar inserida em um universo predominantemente masculino e de poucas inserções femininas, a personagem sofre e mostra-se apaixonada por um amor rejeitado, até encontrar o jornalista Marco.

Inicia-se aí um romance e, durante uma tourada, Lydia sofre um grave acidente e entra em coma, sendo visitada periodicamente por Marco. Paralelamente, na mesma clínica encontra-se, também em coma, há quatro anos, Alicia, a bailarina que sofrera um acidente de carro. Ela é cuidada de forma extremamente zelosa por Benigno, que já cuidara de sua própria mãe por 20 anos. Ele se mostra um enfermeiro atencioso por sua paciente, responsabilizando-se por seu banho e por toda a sua higiene, passando cremes, massageando-a, levando-a para tomar sol, **falando**

com ela, inclusive lendo revistas e indo ao cinema assistir aos filmes para, depois, narrá-los a ela.

Ele busca assistir a filmes mudos e antigos, pois sabe ser este o tipo de filme que mais a agradava. São situações que fazem com que Marco, ao transitar pelos corredores, repare em Benigno e na interação com sua paciente e reflita sobre a sua dificuldade em falar com Lydia, sua parceira em coma, assim como em tocá-la. Procura por Benigno para relatar essas dificuldades recém-descobertas e é nesse momento que se inicia uma amizade.

A situação se torna difícil quando Marco descobre que Lydia iria romper o relacionamento com ele e voltar para seu antigo romance. Desta forma, toma a iniciativa de distanciar-se e viajar. Estando fora, descobre que Lydia morreu e, em seguida, que Benigno está preso por haver feito sexo e engravidado sua paciente. Imediatamente Marco vai à prisão visitar seu amigo, no intuito de ajudá-lo e de levar a ele informações sobre Alicia e o bebê.

Ao descobrir que o feto era um menino natimorto, Benigno comete suicídio, no intuito de ir ao encontro de sua amada, que pensa estar morta; ele não foi informado de que a gravidez restituiu-lhe a vida. Nos minutos finais do filme, durante uma apresentação de balé, Alicia e Marco se encontram e, a partir daí, surge uma nova relação, que sugestivamente nos leva a entender que será amorosa.

As lentes do Almodóvar

O cinema de Pedro Almodóvar Caballero tornou-se uma referência nas discussões sobre significados e práticas da sexualidade humana, como nas relações de gênero, identidades, corporalidade, violência e preconceitos, narrando os conflitos e as vivências dos seus personagens com enfoque na dinâmica comportamental da mulher frente à sociedade.

Almodóvar nasceu na cidade de Calzada de la Calatrava, província de Ciudad Real, localizada no centro da Espanha, em 25 de setembro de 1949. Com 16 anos, mudou-se para a capital, Madrid, para desenvolver suas habilidades artísticas em uma metrópole, com o objetivo de estudar e fazer cinema, sendo seus primeiros filmes: *Pepi, Luci, Bom y Otras Chicas del Montón* (1980); *Entre Tinieblas* (1983) *¿Qué He Hecho Yo para Merecer Esto?* (1984) e *Matador* (1986).

O contexto pós-governo de Francisco Franco (1939-1975), regime autoritário e autocrático, foi marcado por um anseio de liberdade de expressão, o que possibilitou, na década de 1980, a ascensão do diretor ao cenário internacional. Coelho (2016) afirma que as temáticas do desejo e da sexualidade, antes da abertura democrática da Espanha, não eram significativamente exploradas nas filmografias, ausência que possivelmente seja um reflexo da censura que acometia o país durante os anos franquistas.

Junto com a redemocratização espanhola surge o movimento estético e cultural *Movida Madrileña*, baseado na cultura *underground*, próximo do movimento *punk* e sob influência do *pop art* (BERTHIER, 2009). Esse movimento representou o renascimento cultural espanhol, cujos participantes se reconheciam pelos interesses culturais (LUCAS; CARLOS, 2009). Almodóvar tornou-se uma das figuras mais ativas da *Movida* e realizou telenovelas e seus primeiros curtas-metragens.³

Ao se projetar internacionalmente, em especial com seu sétimo longa-metragem, *Mujeres al borde de un ataque de nervios* (1988), passou a ser símbolo de modernidade, de uma “Nova Espanha” (COELHO, 2017), reafirmando e

³ *Dos putas, o historia de amor que termina en boda* (1974); *Film político* (1974); *La caída de Sódoma* (1975); *Homenaje* (1975); *El sueño, o la estrella* (1975); *Blancor* (1975); *Tráiler de Who's Afraid of Virginia Woolf* (1976); *Sea caritativo* (1976); *Las tres ventajas de Ponte* (1977); *Sexo va, sexo viene* (1977).

reconstruindo os elementos culturais do país e criando um discurso que torna suas obras tão autênticas. Vemos ressaltada a sua atuação na cultura espanhola na afirmação feita pela socióloga María Antonia Garcia de León,

Cumple un papel fantástico en el momento de la reconversión industrial de todo este proceso. Crea una productora propia con su hermano, cuando rechazan las productoras convencionales pensando que iba a ser un 'bluff', una cosa coyuntural. Y es capaz de dar el salto internacional que es la última fase de este proceso (GARCIA DE LEÓN; MALDONADO, 1989, p. 132).

Junto com seu irmão, produtor e parceiro Agustín Almodóvar, cria a produtora *El Deseo S.A.*, em 1986. Usando do surrealismo, subvertendo o melodrama clássico, e da temática do desejo humano, da sexualidade e do gênero, seus filmes traduzem a exposição das opressoras estruturas patriarcais. Após filmes de grandes sucessos – como *Átame!* (1989); *Tacones Lejanos* (1991); *Kika* (1993); *La Flor de Mi Secreto* (1995); *Carne Trémula* (1997); e o vencedor do Oscar, *Todo Sobre Mi Madre* (1999) –, Almodóvar lança *Hable con Ella* (2002), com artistas renomados e convidados especiais, como o cantor e compositor brasileiro Caetano Veloso, levando diversos prêmios, como o Oscar de Melhor Roteiro Original.

Fale com Ela encaixa-se à *A Flor do Meu Segredo* e *Tudo Sobre Minha Mãe*: lida com luto e perda, nascimentos que curam feridas, criação e sacrifícios [...] Mais uma vez, Almodóvar fez uso de dispositivos melodramáticos, situações rebuscadas e emoções exageradas, polindo-as em uma elegante manipulação cronológica, permitindo-lhes ressoar na criativa presença de grandes artistas como [Pina] Bausch e [Caetano] Veloso. Ainda é uma colagem, como no tempo de *Labirinto de Paixões*, mas tudo ajusta-se

harmoniosamente e não há como deduzir onde a junção ocorre (SOTINEL, 2008, p. 75).

Ao longo do filme ora analisado, o espectador depara-se com histórias dos personagens embrenhadas às inerentes questões ligadas aos papéis de gênero, e é conduzido a repensar normas rigidamente estabelecidas, como a de que um homem não chora, conforme é retratado pelo personagem Marco. Nesse filme, ao homenagear o cinema mudo, homenageia a palavra, a fala, como nos aponta Dórrio (2014, p. 15):

[...] só nos apercebemos da existência do silêncio se cortado pela palavra, ou ainda, só nos apercebemos da ausência da palavra quando o silêncio se impõe. Benigno parece metaforizar, em sua atitude de falar com ela, que uma palavra só tem força na medida em que se acredita.

Portanto, para Almodóvar, o cinema e a sua arte buscam muito mais do que reproduzir os acontecimentos cotidianos; pretendem representar as formulações discursivas de uma rede complexa do *fazer-se* humano, *fazer-se* homem/mulher, edificando, por meio das palavras e de suas lentes, os sentimentos e os desejos.

Análise Crítica

O filme inicia com a imagem de uma cortina, com rosas na cor salmão e lantejoulas douradas, que dão abertura para um espetáculo de balé com a conceituada bailarina Pina Bausch. Sobre o palco repleto de cadeiras e mesas de madeira, duas mulheres de camisola branca caminham de olhos fechados e braços estendidos. A leveza, as expressões dos sentimentos pelo corpo, a dança, o toque, o empurrar das cadeiras para a passagem das bailarinas,

não é muito diferente do que nas grandes cenas de touradas de Lydia.

Como a bailarina, a toureira também utiliza o seu corpo e realiza uma espécie de dança para, assim, com gestos precisos, seduzir o touro e a plateia. Ela não utiliza a voz. Quem fala é seu corpo. O som é externo a ela. A personagem Alicia, bailarina, desde o início do filme encontra-se em coma e, na maioria de suas cenas, aparece de camisola de linho branco, semelhante à das bailarinas. Para essa personagem, que está sem voz durante toda sua internação, quem fala também é seu corpo, ora coberto, ora nu, mas presente, vivo. Sendo vivo, a sua corporalidade provoca reações em seu entorno. É o que esclarece a socióloga em seu artigo:

Ainda que ela esteja imóvel e inconsciente, a personagem desperta o desejo de Benigno e de Marco [...] que se detém diante da porta entreaberta do quarto de Alicia, o corpo da paciente, sob tal efeito plástico e luminoso, está languidamente disposto na cama, como em um quadro. Sua pele está corada, e o lençol jogado sobre o seu sexo expressa sensualidade. Marco a observa com curiosidade, mas também lhe chama a atenção a beleza de Alicia e o seu corpo desnudo (COELHO, 2016, p. 24).

Sob o olhar do personagem Benigno, que faz as unhas de Alicia, hidrata sua pele, aplica-lhe massagens, cuida de seus cabelos, trata de sua higiene íntima – conforme já destacamos – e ainda **fala com ela**, percebe-se que, muito além do cuidado profissional e dos gestos afetuosos, há a manifestação sutil de desejo sexual, que pelas lentes do Almodóvar é retratado a partir das projeções das imagens do corpo feminino, desnudo e desvelando naturalidade. A dedicação e a entrega de Benigno, em sua relação de cuidados com Alicia, transformam o corpo dessa mulher em uma via de acesso ao prazer e a uma

satisfação tão incontrolável que irrompe na violação, conforme salienta Coelho (2016).

A metáfora para o desejo e o envolvimento sexuais de Benigno é retratada pelo filme mudo e em preto e branco *Amante Menguante*, em que mostra a relação de um casal, na qual um homem, após ingerir uma fórmula criada por sua mulher, encolhe e torna-se pequenino. Durante uma noite, por curiosidade, ele entra na vagina dela e ela vai demonstrando, por suas expressões faciais, as sensações de agrado e prazer. Benigno narra esse filme para Alicia durante uma massagem, e acaba olhando fixamente por entre as pernas dela, em direção à genitália. Neste momento, percebendo-se então excitado, recobre-a com o lençol, dizendo: “*Hoje eu estou um pouco perturbado*”. Mas, no decorrer do filme e conforme algumas pistas⁴ reveladas, confirma-se que benigno transou com Alicia, pois esta fica grávida. Dessa forma, fica claro que, embora tenha tentado controlar seu impulso sexual, o personagem acabou por não resistir. Quando ocorre o ato sexual, ele não é mostrado, tanto que a gravidez é uma surpresa para quem assiste ao filme quanto para os familiares de Alicia e os profissionais da clínica.

A relação entre o filme *Amante Menguante* e o sexo praticado por Benigno com Alicia pode ser reiterada nas palavras de Coelho (2016, p. 26):

O desejo e o desconcerto de Benigno são evidenciados quando ele, ofegante, massageia as pernas de Alicia [...]. A associação com Alfredo, o personagem do filme mudo, define o sentimento desmedido do personagem: ‘O amante diminuto, movido por um desejo um milhão de vezes maior

⁴ As pistas presentes no filme acontecem em cenas como quando Marco repara que os seios de Alicia estão maiores e, posteriormente, quando a enfermeira questiona Benigno sobre o atraso da menstruação da paciente.

que ele' (ALMODÓVAR, 2002, p. 140). Nesse momento, Benigno também é diminuto diante da intensidade do seu desejo, é colocado como vítima de seu ímpeto. O discurso do corpo construído como espaço destinado ao deleite masculino, e a vagina como uma cavidade que instiga, abriga e consoma o desejo sexual.

Figura 2. Cena do filme *Amante Menguante*



Fonte: ALMODÓVAR, P. *Hable con Ella*. El Deseo S.A.: España, 2002.

Entende-se, por essa análise, que a cena final do filme *Amante Menguante*, na qual o pequenino personagem Alfredo entra na vulva de sua mulher Amparo, desperta mais fortemente o desejo sexual de Benigno.

Almodóvar elucida o sexo entre Alicia e Benigno ao criar um simbolismo inter-relacional entre a corporalidade e a vida. Isso porque a concepção de vida apresentada no filme está envolta na gravidez da personagem após a relação sexual, o que, como consequência, a leva a despertar do coma. Em entrevista para Strauss, o diretor pontua que vê Benigno não só como o violador, mas

também o salvador da Alicia e o caracteriza como vítima da paixão:

A história de *Fale com ela* é a história de um milagre, como eu disse anteriormente: o modo como Benigno tira Alicia das trevas. Evidentemente, é necessário assinalar que é um milagre que acontece – e aí somos obrigados a falar baixinho – graças a uma violação. No entanto, pode-se entender a palavra ‘milagre’ com seu fundo de espiritualidade, de religiosidade (STRAUSS, 2008, p. 264).

Utilizando as próprias palavras de Almodóvar, seria Benigno um violador ou o responsável pelo “milagre”? Quais elementos nos fazem pensar que seria ele um salvador?

A violação presente na história caracteriza-se pela violação de direitos humanos fundamentais, em especial os sexuais e os reprodutivos. Aspectos da vivência da sexualidade estão garantidos por meio dos direitos sexuais e reprodutivos (BRASIL, 2005), que são pautados em documentos de referências ligados às temáticas de gênero, saúde, equidade, autonomia, direitos humanos, dentre outras. Os direitos sexuais relacionam-se à igualdade e à liberdade no exercício da sexualidade humana, enquanto os direitos reprodutivos dizem respeito à igualdade e à liberdade na esfera reprodutiva e ancoram-se no “reconhecimento do direito básico de todo indivíduo de decidir livre e responsabilmente sobre a oportunidade de ter filhos e de ter a informação e os meios de assim o fazer, e o direito de gozar do mais elevado padrão de saúde sexual e reprodutiva” (BRASIL, 2005, § 7.3).

Para Ávila (2003), os direitos sexuais e os reprodutivos vêm assegurar às mulheres a condição de sujeitos de seus direitos e, assim,

Romper com a heteronomia a que sempre estiveram submetidas, em relação ao uso de seus próprios corpos. Essa repressão e esse controle do corpo e da sexualidade são elementos centrais da dominação patriarcal e da sua reprodução. É importante ressaltar que a persistente desigualdade entre homens e mulheres é um impedimento para a liberdade reprodutiva e sexual das mulheres. A violência na vida cotidiana tem sido um forte mecanismo de manutenção da dominação sobre a vida sexual das mulheres (ÁVILA, 2003, p. 467).

A violação de Benigno para com Alicia pode ser vista pelo não consentimento na relação sexual e, ainda, pela eminente gravidez. Assim, o que aponta em favor de que o comportamento de Benigno tenha sido de violação é que Alicia não teve a possibilidade de, conscientemente, tomar decisões e fazer suas escolhas ligadas ao seu corpo e à sua sexualidade. Isso fica ilustrado numa longa cena em que, após Benigno dizer que pretende se casar com Alicia, Marco lhe responde de maneira espantosa: *“Ela está em coma. Porque ela não pode dizer com nenhuma parte do seu corpo ‘Sim, eu aceito’”*.

Contudo, conforme palavras de Almodóvar, na entrevista para Strauss (2008), o personagem Benigno, além de ser tratado como violador, o que o leva à prisão, também pode ser caracterizado como um salvador de Alicia, que se encontrava em coma. Discorreremos, agora, sobre quais elementos no comportamento dele permitem pensar que ele realmente tenha desempenhado o papel de salvador.

Pelo fato de conhecer Alicia antes de ser internada na clínica, Benigno não se apresenta como um cuidador estranho. Pelo contrário, ambos já haviam conversado, ele já a havia abordado na rua e a acompanhado até em casa. Observava-a pela janela do seu apartamento enquanto ela

fazia aulas de balé e, assim, conhecia seus gostos artísticos, como a dança e os filmes.

Pelo olhar do Almodóvar o personagem mostrava-se íntimo e carinhoso com Alicia. O amor de Benigno por ela foi construído ao longo de seu envolvimento, de seus cuidados e de seu apreço por aquela mulher. Para ele, havia uma ideia de futuro, de construção de uma família, tanto que fazia planos de casar-se com ela. Em uma cena, quando pega carona com Marco para ir embora da clínica, Benigno diz: *“Alicia e eu nos damos melhor que a maioria dos casais. Por que um homem apaixonado não pode se casar?”*.

Outro elemento que aponta a favor de Benigno ser um salvador é todo seu empenho em ser um cuidador exímio e primoroso, mesmo em suas pequenas ações, tanto que era reconhecido entre seus parceiros profissionais como um excelente enfermeiro. Todo seu empenho em cuidar da aparência de Alicia e fazê-la se parecer ao período que antecede o acidente, ler e **falar com ela**, torna Benigno um cuidador diferenciado e não apenas um profissional que exerce o cuidado técnico. Havia sensibilidade em seus gestos com a paciente.

Esse é um ponto importante para a comparação entre as duas personagens femininas, Alicia e Lydia. A toureira, que não teve quem falasse com ela, que a entendesse e expressasse suas necessidades, por fim morreu. Alicia, ao contrário, tanto tinha alguém que falasse com ela quanto esse alguém agia como se ela respondesse a ele. Várias cenas comprovam a existência de uma comunicação profunda e sensível, a ponto de Benigno elaborar falas de como Alicia responderia ou se expressaria tanto com ele quanto com as demais pessoas.

Há uma cena, na varanda da clínica, em que Alicia está tomando sol junto com a sua professora de balé e com Benigno. Voltada para Alicia, a professora conta sobre o início de sua nova experiência na vida artística, dizendo:

“Talvez eu precise viajar. Então, não poderei vir toda semana. Mas em Genebra me ofereceram uma criação, uma coreografia, o que me comove muito”.

A professora está descrevendo como será a nova coreografia, com bailarinos e bailarinas, quando ouve Benigno responder: *“Que lindo! Alicia está adorando”.* Diálogos como esse ocorrem com naturalidade, sem tensões ou nervosismo, como se ele captasse a resposta dela e se expressasse por ela. Outros momentos ocorrem quando Marco está presente e Benigno diz o que ela estaria pensando ou o que ela responderia.

O papel de salvador fica também demonstrado na desenvoltura em se comunicar e se expressar de maneira afetuosa e delicada, não apenas com Alicia, mas também com as demais pessoas, postura essa que rompe a fronteira do estereótipo do gênero masculino, que comumente, em nossa cultura, é associado à força, à virilidade e, muitas vezes, à agressividade.

Em diversos momentos ele se apresenta preocupado e atencioso com as pessoas com quem se relaciona, por exemplo, com a enfermeira com quem dividia as tarefas do cuidado com Alicia. Com frequência ouvia e aconselhava Marco. Em uma das cenas em que Marco o visita na prisão, Benigno elogia seu trabalho de jornalista e escritor de guias turísticos, relatando que leu todos os seus guias, o que deixa Marco extremamente contente e grato.

Outra passagem que demonstra esse olhar cuidadoso de Benigno com as pessoas é quando Marco vai visitá-lo na prisão em um dia de chuva, e está todo molhado. Benigno diz *“Cuidado, não se resfrie. Ao chegar em casa, tome um copo de leite quente com uma colher de mel”.*

A afetividade do personagem é reconhecida em diversos momentos e por diferentes pessoas vinculadas a ele, no filme. Tanto a enfermeira quanto a síndica do prédio em que ele mora se mostram preocupadas e se referem a

Benigno com carinho e estima. Ser bondoso como ser humano é algo que aponta a favor dele na composição do personagem: alguém solidário e que sabe se colocar no lugar do outro.

Sobre a dificuldade dos homens em expressar sua afetividade e seus sentimentos, Leal e Knauth (2006) apontam que a construção social dos papéis de gênero faz com que os discursos masculinos, nas relações afetivo-sexuais, tenham como foco a capacidade técnico-corporal e o desempenho sexual, em vez de outros aspectos da sexualidade.

No caso dos homens, a sexualidade aparece despida de expectativas românticas; a sexualidade masculina pertence ao domínio da corporalidade ou figura na representada subalternidade dos sentimentos aos desígnios e pulsões corporais – do sexo. O corpo masculino age de acordo com aquilo que é percebido como socialmente legítimo e constitutivo da própria identidade masculina (LEAL, KNAUTH, 2006, p. 1377).

O que não vemos nem em Benigno nem em Marco. Ambos são homens emotivos, sensíveis e que buscam expressar seus sentimentos e valorizar suas experiências. Um apontamento ainda sobre a afetividade de Benigno está em sua doçura, em seu constante estado de bem-estar com a vida, em seu constante espírito otimista e na ausência de demonstração de rancor ou amargor por sua solidão.

A cena em que ele mais demonstra refletir sobre si e sobre sua condição foi a sua fala com Marco, na prisão, de maneira muito emotiva: *“Gostaria de poder abraçá-lo, Marco. Mas, para isso, devo pedir uma visita íntima. Fui perguntar e me perguntaram se era meu namorado. Não tive coragem dizer que sim. Talvez o incomodasse. Abracei poucas pessoas na vida”*.

Marco busca cuidar do amigo, preocupa-se com ele e passa a admirá-lo. Sofre pelo suicídio e, em seu túmulo, diz: “A Alicia está viva, você a acordou”. Essa cena sinaliza que Benigno também é compreendido como um salvador por seu amigo, o que demonstrava, em todo o seu jeito de ser, preocupação e cuidado com Alicia. Marco conseguiu ver isso. Ele acreditava com muita convicção na inocência de Benigno e, em uma conversa com a síndica do prédio, quando ela pergunta o porquê de ele estar preso, apenas diz: “Ele é inocente”.

Considerações Finais

Inicialmente, precisamos destacar que, em nenhum momento, aprovamos a possibilidade de que alguém faça sexo com outra pessoa sem o seu consentimento. Em hipótese alguma. Sabemos que é violência sexual, ou seja, um crime, usar o corpo de alguém sem o seu consentimento para obter prazer sexual, seja ela a própria esposa ou namorada, alguém por quem se é apaixonado, uma conhecida ou desconhecida, de qualquer idade. Em especial, uma paciente e, principalmente, como no caso do filme, uma pessoa em estado de coma.

Quando analisamos o filme *Hable con Ella*, estamos falando de ARTE e, por isso, vale lembrar que, nos filmes, personagens podem voar, podem voltar ao passado ou ir para o futuro, ou mesmo tornarem-se pessoas com poderes extraordinários, como é o caso do Super-Homem e do Homem-Aranha. Contudo, a viabilidade de isso vir a se concretizar na vida real é totalmente nula; dessa forma, pensar o filme aqui escolhido é pensar a partir da ARTE.

Acreditamos que o fato de o filme não conter a cena em que Benigno faz sexo com sua paciente é proposital, já que qualquer espectador de bom senso ficaria incomodado ao ver uma cena de sexo com uma parceira em coma.

Portanto, o intuito do diretor seria o de evitar que o espectador pudesse nutrir sentimentos de repulsa ou mesmo de raiva em relação ao personagem e, assim, assegurar que sua interpretação fosse conduzida para o entendimento de uma “história de milagre” (sic).

Não analisamos o filme com a intenção de julgar Benigno, buscando definir se ele merecia cadeia ou não. Mantivemos nosso foco na ideia de que Alicia teve sua vida restituída e buscamos esmiuçar elementos no comportamento da pessoa que, indiretamente, foi a responsável pelo “milagre”.

Esses elementos podem ser encontrados não no ato sexual, mas no conjunto da interação amorosa e dedicada do personagem para com ela. Isso nos leva a pensar que uma mulher pode ter resgatada a sua vida - não no sentido oposto a morte, mas no sentido oposto a vida amargurada, a vida de infelicidades, de injustiças e de violências -, por um companheiro que fala com ela, que nutre continuamente uma comunicação profunda e sensível, que a entende, que é companheiro e é amoroso afetiva e sexualmente. Tudo isso, considerando o desejo e o prazer sexuais como sendo um combustível para a intensidade da relação.

Toda a postura, as atitudes e os comportamentos de Benigno não coadunam com a postura de um homem com potencial para agir como violador dos direitos de uma mulher, sobretudo a quem admira e por quem é apaixonado.

Optamos por falar em violação dos direitos, em vez de violência sexual, primeiro porque seria contraditório reconhecer Benigno como salvador e, ao mesmo tempo, como um violentador sexual. Segundo, porque as consequências e as implicações para as mulheres que sofrem violência sexual comumente são perturbadoras, resultando em desequilíbrio mental e emocional, além de implicações físicas. Ao contrário, no filme, a gravidez

devolveu a Alicia a sua vida, abrindo-lhe caminhos para reviver suas relações de amizade, de amorosidade com as pessoas de seu círculo familiar e mesmo para possíveis relacionamentos sexuais e afetivos.

Fazemos aqui uma retomada dos elementos que identificamos como responsáveis por atribuir a Benigno a qualidade de salvador: – a base prévia de conhecimento de Benigno sob Alicia, que viabilizou a proximidade afetiva e o nascimento de uma paixão; – a dedicação e o cuidado extremo com o corpo e a saúde de Alicia, em especial o **falar com ela**; – a existência de uma comunicação profunda e sensível, a ponto de Benigno adivinhar seus pensamentos e as possíveis reações aos estímulos presentes no ambiente dela; – a sua habilidade como pessoa comunicativa, que sabia ouvir e expressar afetos e sentimentos, como alguém que soube romper com os estereótipos do gênero masculino; – o ser cuidadoso e atencioso com as pessoas em geral, e não apenas com Alicia; – a integridade de Benigno como ser humano, que demonstra doçura e positividade diante da vida; – o fato de que o ato sexual aconteceu em razão de o desejo sexual ter sido muito forte e, quiçá, humanamente incontrolável; – o reconhecimento de sua inocência pelo próprio amigo Marco que, por conta da amizade sincera e da proximidade com Benigno, aprendeu a conhecê-lo e descobriu sua paixão por Alicia.

Imprescindível incluir nesta lista acima um elemento que não poderíamos deixar passar em branco: a vivência de Benigno como cuidador de sua mãe por 20 anos, o que fez dele um homem que entende as mulheres.

Hable con Ella abre caminhos para reflexões sobre o sentido do sexo na vida das pessoas, tal como o texto elaborado por Figueiró (2018) intenciona fazer, e destaca, entre outros, a relevância do sexo (na vida de pessoas que sentem desejo sexual por outra pessoa, porque há as que não sentem) como uma expressão natural da integridade

do ser e que auxilia no alcance do bem-estar e da saúde, sendo também um caminho para a realização dos desejos de amar e ser amado.

É um dos filmes úteis para formação inicial e continuada de educadores sexuais, primeiramente porque é rico para debates e discussões em grupo, e também porque pode oportunizar o exercício de reeducação sexual pela qual deve passar cada uma das pessoas que se dispõem a atuar no campo da Educação Sexual. Por meio desse importante recurso didático, é possível repensar suas vivências e suas visões pessoais sobre algumas temáticas ligadas à sexualidade.

Referências

ALMODÓVAR, P. **Hable con ella**: el guión. Madrid: Ocho y Medio/El Deseo Ediciones, 2002. 240p.

ÁVILA, M. B. Direitos sexuais e reprodutivos: desafios para as políticas de saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, sup. 2, p. 465-5469, 2003.

BERTHIER, N. Pedro Almodóvar: no início era a *Movida*. **Cadernos CERU**, s. 2, v. 20, n. 1, p. 15-31, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11870>>. Acesso em: 04 jun. 2020.

BRASIL. **Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos**: uma prioridade do governo. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_direitos_sexuais_reprodutivos.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2020.

CARNEIRO, R. A vida em suspensão: ‘Fale com ela’ e os sentidos da morte. *Interface: Comunicação, Saúde e Educação*. v. 19, n. 54, p. 615-621, jul./set. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/icse/v19n54/1807-5762-icse-19-54-0615.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2020.

COELHO, P. Uma análise da filmografia de Almodóvar a partir das relações entre gênero e reterritorialização: percursos analíticos para antropologia do cinema. **Teoria e Cultura**, v. 12, n. 2, p. 90-107, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ujf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12307>>. Acesso em: 04 jun. 2020.

COELHO, P. O gênero do desejo: sexualidade e universo moral no cinema de Pedro Almodóvar. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 40., out. 2016, Caxambu. *Anais [...]* Caxambu: ANPOCS. 2016. p. 1-32. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st-35-3/10516-o-genero-do-desejo-sexualidade-e-universo-moral-no-cinema-de-pedro-almodovar/file>>. Acesso em: 31 maio 2020.

DÓRRIO, M. A. H. O olhar do personagem como instância narradora e a linguagem musical na estrutura narrativa de *Hable con Ella*, de Pedro Almodóvar. **Comunicologia**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 3-24, jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/5433/3594>>. Acesso em: 04 jun. 2020.

FELIPPE, R. F. Silêncio e (meta)linguagem em “Fale com ela”. **Cadernos Pagu**, n. 23, p. 399-411, jul./dez. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n23/n23a14.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2020.

FIGUEIRÓ, M. N. D. O sentido do sexo na vida das pessoas. Em: FIGUEIRÓ, M. N. **Educação Sexual: saberes essenciais para quem educa**. Curitiba: CRV, 2018. p. 19-33.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GARCÍA DE LEÓN, M. A. Un mal melodrama hispanizado: cinco claves almodovarianas (y una pista desde el cómic). *Cine Toma: Revista Mexicana de Cine*, Ciudad de México, a. 5, n. 29, p. 19-23, jul./ago. 2013. Disponível em: <https://issuu.com/galdiyu/docs/cine_toma_29>. Acesso em: 04 jun. 2020.

GARCÍA DE LEÓN, M. A.; MALDONADO, T. **Pedro Almodóvar**: la otra España cañi. Ciudad Real: Biblioteca de Autores y Temas Manchegos, 1989.

LEAL, A. F.; KNAUTH, D. R. A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 1375-1384, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csp/v22n7/03.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

LUCAS, M. R. L.; CARLOS, G. C. M. Pedro Almodóvar analista de si mesmo? *A movida madrileña* em "Pepi, Luci, Bom" e "Labirinto de Paixões". In: **COMPÓS**, Belo Horizonte, 18., 2009. p. 1-11. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1065.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2020.

NEPOMUCENO, M. A. **A película do desejo**: a subversão das identidades *queers* no cinema do Pedro Almodóvar. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SOTINEL, T. **El libro de Pedro Almodóvar**. Madrid: El País; Cahiers du Cinéma, 2008. (Colección Grandes Directores, 8).

STRAUSS, F. **Conversas com Almodóvar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

Filmografia

FALE COM ELA (*Hable con Ella*). Direção: Pedro Almodóvar. Produção: Esther García. Madrid: El Deseo S. A./Pathé, 2002. DVD (112 min). son.; color.

Capítulo 10

BELLE DE JOUR: RELACIONAMENTOS E AS INSATISFAÇÕES DO DESEJO

Brenda Sayuri Tanaka
George Miguel Thisoteine

Introdução

O desejo e a certeza de si mesma alcançada na satisfação do desejo são condicionadas pelo objeto, pois a satisfação ocorre através do suprimir desse Outro; para que haja suprimir, esse Outro deve ser. A consciência-de-si não pode assim suprimir o objeto através de sua relação negativa para com ele, pois essa relação antes reproduz o objeto, assim como o desejo (HEGEL, 1992, p.124).

Após mais de 120 anos de psicanálise e de psicanalistas, o desejo ainda é um tema que se impõe e é fundamental para diferentes áreas do saber. Hoje, há autores que pensam em um *Eros em agonia* (HAN, 2017, p.7), em que o amor “estaria desaparecendo, por causa da infinita possibilidade de opções e da coerção de otimização”; a paixão estaria se tornando secundária dentro dos relacionamentos; também o Outro é erodido, quase até o seu desaparecimento junto com o desejo e a alteridade.

Há também aqueles que vêem o desejo como resultado de *patologias do social* (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2018), e que propõe que esse deveria ser

reformulado em conjunto com uma nova *ethos*. Porém, é certo que ele o será de tantos modos quanto for pensado, pois o “pensamento objetivo ignora o sujeito da paixão e não reconhece que ela pode ser também sujeito do conhecimento” (NOVAES, 1987, p.11). O amor, o *pathos* por excelência, engendra um sujeito que jamais o é sem o seu objeto de desejo; não à toa, um dos mitos fundadores do inconsciente remete a história de *Eros e Psiquê*.

Desse modo, seria o desejo um tema estritamente contemporâneo? Se não, de quantos modos ele ainda poderia ser expresso até os dias de hoje? Certamente, a sexualidade, campo que deriva do desejo, é largamente estudada pela psicanálise, psicologia, psiquiatria e permite um olhar – dentre os muitos – para observar a relevância do tema, teórica e historicamente.

De fato, a sexualidade é um tema amplamente explorado desde a antiguidade e sempre de forma complexa, criativa e mesmo poética. Sejam fontes como as peças de comédia de Aristófanes que satirizavam até as relações sexuais; a poesia palatina, permeada por erotismo; e mesmo os mitos que revelam nas mais diversas culturas cosmogonias e simbologias atreladas à identidade dos sexos e à procriação.

O conflito dramático gerado pelas disputas sexuais também está presente em textos clássicos como os de Homero e Hesíodo e se estende ao teatro trágico; também o apogeu romano representado pela *Eneida*, onde há o conflito bárbaro entre o desejo casto e o desejo orgástico; e mesmo quando Dante, ao descer no *Inferno*, curiosamente guiado por Virgílio, passa a se interessar com tudo que poderia ser terrivelmente perverso, mas que se torna interessante ou até loucamente desejável.

Todos esses exemplos ainda não seriam o suficiente para descrever a presença do tema do desejo fora da modernidade, mas é uma demonstração da sua

impossibilidade de exílio ou destruição, mesmo graças às fogueiras medievais, que jamais cessaram o desejo dos clérigos, camponeses e de reis capazes de criar inclusive igrejas para sustentar as suas necessidades sexuais.

Entretanto, o que estaria por trás dessa pluralidade de formas construídas em outros tempos? Seria devido a irreverência de apresentação que, ao longo do caminho da civilização, o desejo se tornaria cada vez mais reprimido (ROUDINESCO; PLON, 1997), mesmo que hoje essa repressão se mostrasse de forma negativa pelo excesso de imposição de como gozar, ou obter prazer? A psicanálise discute a relação do desejo e de sua insatisfação, mas para isso toca na vida sexual, na vida privada, e desse modo revela um funcionamento único e precioso a essa discussão.

A vida sexual, a sexualidade e o desejo são temas transversais para o campo psicanalítico, porque desde antes da instituição da psicanálise, Freud já considerava a importância da sexualidade dos indivíduos em sua compreensão clínica e teórica, como se pode observar em sua correspondência para Wilhelm Fliess (FREUD; FLIESS, 1986). É por essa trilha que ele encontrou um campo fértil, propício para consolidar sua disciplina e também para delimitar os aspectos etiológicos de sua clínica, dos quais derivam as suas observações sobre sexualidade infantil, a histeria, a obsessão, o narcisismo, entre outros elementos fundamentais da clínica freudiana das neuroses.

Além de reconhecer sua relevância para a clínica, Freud teve grande interesse em escrever e debater sobre as relações amorosas, não somente de indivíduos considerados doentes, mas de todos os tipos de pessoas. Isso fica evidente ao ver que o tema aparece tanto de forma geral - como em conferências, *A vida Sexual humana* (FREUD, 2018/1916) e artigos sobre a vida amorosa (FREUD, 2018/1910; FREUD, 2108/1912) -, mas até em suas cartas

personais, como quando diz a Jung que desejaria escrever sobre a história sexual da humanidade (FREUD, 2018/1916).

No entanto, ao longo de sua vida, algumas ideias se tornaram mais canônicas para o pensamento freudiano e, talvez, *sexualidade infantil* e *pulsão* sejam algumas das construções mais revolucionárias presentes em sua obra. A partir dessas noções, Freud demonstra que a criança não possui uma sexualidade dita *perversa-polimorfa* por capricho médico; na realidade, essa é constatação de uma constituição altamente complexa que já vinha sendo estudada desde o século XIX e que, com a psicanálise, se torna finalmente defendida e descrita no meio médico.

Assim, Freud (2018/1916) concluiu que seria realmente estranho considerar o afloramento da sexualidade apenas a partir dos 12/15 anos, tanto quanto achar que os órgãos genitais somente surgem nesse período da vida, mostrando porque a sexualidade não se origina do prazer genital e que sua origem é muito anterior a esse período (tese também defendida nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em 1905). É por isso que a sexualidade em sua teoria ocupa um lugar central. Ela advém de uma situação originária do sujeito, anterior e determinante para o seu desenvolvimento, pois se trata da *satisfação originária*.

Uma vez envolto de fome e do conforto que será dado pela mãe, o bebê não apenas se satisfaz com a primeira mamada e o primeiro colo, como passa a ser estimulado e ensinado sobre quais zonas erógenas irão ser o centro de estimulação, satisfação e futura masturbação (FREUD, 2018/1916).

Entretanto, essa situação que foi no mínimo fundamental para a continuidade da vida do bebê, torna-se uma espécie de padrão inconsciente pelo qual ele sempre terá de se balizar, pelo qual sem saber ele usará como medida para compreender se está satisfeito ou não, se algo vai bem ou se vai mal. Assim, ao ser estabelecida a origem

da sexualidade, também se determina a origem do erotismo (BATAILLE, 2004) e dos modos de gozo do sujeito (LAURENT, 2011).

De fato, tudo isso não estaria completo para pensar em como cada escolha de objeto amoroso é feita, se não for considerada ainda a dimensão pulsional da sexualidade. Em 1914, são publicadas uma série de artigos que marcaram o primeiro paradigma metapsicológico da psicanálise e, dentre eles, está *As pulsões e seus destinos* (FREUD, 2014/1914). Já em textos anteriores, foi paulatinamente apresentada a ideia de pulsão por suas variantes: nutrição, Eu, conservação, pulsões parciais (sadismo-masochismo, voyeurismo-exibicionismo, etc.) que, apesar de serem apresentadas em grande variedade, poderiam todas ser consideradas como a *pulsão sexual* (mais tarde dividida em Pulsão de Eros e Pulsão de Morte). Isso porque, para Freud, a energia pulsional é a libido, e dos investimentos que o Eu faz dessa energia dependerá desde a formação do psiquismo até a definição do objeto que levará à satisfação.

Freud em 1910 coloca, em especial para homens - mas sua análise permite uma extensão para neuróticos de modo geral -, que a escolha do objeto amoroso depende de traços do primeiro objeto, ou seja, que a fixação infantil da libido, estende-se mesmo após a entrada na adolescência e vida adulta.

Se os objetos amorosos do nosso tipo devem ser, sobretudo, os substitutos da mãe, podemos também entender a formação da série (*Reihenbildung*) que parece contradizer tão diretamente a condição de fidelidade. A psicanálise nos ensina, também através de outros exemplos, que o insubstituível que atua no inconsciente se manifesta com frequência através da dissolução da série infinita e justamente infinita por que cada substituto deixa faltar a satisfação desejada (p.126-127).

Assim, seguindo seus artigos sobre a vida amorosa, é possível observar que alguns neuróticos sofrem de impotência psíquica, que seria seletiva com relação ao objeto, com relação à (s) pessoa (s) com quem o sujeito impotente está se relacionando. Esse sofrimento seria causado por “uma inibição na história do desenvolvimento da libido até sua configuração final, que se pode chamar de normal” (FREUD, 2018/1912, p. 139). Isso ocorreria em decorrência da soma de dois fatores: a impossibilidade de escolher o objeto, ou a escolha de um objeto inconveniente; e a forte atração da libido exercida pelo primeiro objeto de desejo (isto é, o/a cuidador/a, proibido pelo incesto), que impede seu abandono.

Ambos os fatores levam a uma condição em que a situação de *satisfação originária* já havia enunciado: nenhuma relação será satisfatória como a primeira, a satisfação da relação maternal.

O desejo incestuoso é forçado a permanecer no inconsciente e o sujeito passa a se satisfazer por fantasias, nas quais pode substituir o objeto originário por outro, mas sempre de forma parcial. Ou seja, nada disso leva a uma satisfação que apazigue a força pulsional - o desejo. Freud, a partir de suas produções de 1914, já enfatiza que não é possível a realização plena da pulsão e, em 1921, que existiriam tendências importantes para o funcionamento do psiquismo que levam a uma diminuição da energia no aparelho psíquico, mas nunca o seu descarrego total.

É por isso que em seu percurso, o pai da psicanálise não está apenas interessado em discutir o desejo somente na neurose, mas em mostrar a pluralidade que ele pode assumir e também como se mostrou até então para a humanidade.

Desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, o tema do desejo infantil e perverso foi repetidamente revisitado e reelaborado em seu trabalho (FREUD, 1969/1905). A partir disso, pode-se destacar que o conceito de sexualidade não sofre uma ampliação para a psicanálise, mas ele é corrigido para o público médico e leigo (FREUD, 2018/1916), de modo a não excluir e sim abranger suas diferentes formas de manifestação. A sexualidade é, então, colocada não como correspondente apenas à reprodução ou ao encontro da estimulação genital, mas sim uma atividade muito mais ampla e criativa.

Seria injusto com Sigmund Freud terminar apontando que suas discussões não ultrapassam suas primeiras questões levantadas sobre a clínica. Ele proporciona debates sobre até onde poderia seguir o sujeito por seu desejo em busca de satisfação, ou com ele e insatisfeito.

O prejuízo do impedimento inicial do gozo sexual [*Sexualgenusses*] se exterioriza de uma maneira que sua posterior liberação no casamento não mais produza efeito plenamente satisfatório. Mas a liberdade sexual ilimitada desde o começo também não leva a nenhum resultado melhor. É fácil constatar que o valor psíquico da necessidade amorosa diminui imediatamente, assim que satisfação lhe for facilitada. Ela precisa de um obstáculo para impelir a libido às alturas, e quando as resistências naturais contra a satisfação não foram suficientes, os seres humanos de todas as épocas inseriram resistências convencionais, para poder desfrutar [*geniessen*] do amor (FREUD, 1912, p. 147-48).

Como são possíveis os longos relacionamentos, seja nos dias de hoje, seja nos tempos de Freud (o qual foi casado mais de 50 anos)? Haveria relações nas apresentações do desejo com as formas clínicas (neurose, perversão, psicose, etc.)? Essas são apenas algumas das questões que poderiam ser feitas, que na verdade

reconduzem exatamente a noção de Desejo para Freud: tantas quantas forem possíveis.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>Belle de Jour</i>
Nome Traduzido	A Bela da Tarde
Gênero	Drama/Romance
Ano	1967
Local de lançamento e Idioma original	França, Francês
Duração	1h46min
Direção	Luis Buñuel

O filme *Belle de Jour* (traduzido para “A Bela da tarde” no Brasil) versa sobre uma jovem de 23 anos chamada Séverine Serizy, interpretada pela atriz Catherine Deneuve. Ela é uma moça rica, bem vestida, casada com um médico. Séverine, ao completar um ano de casamento, após um passeio com seu marido, recebe de sua amiga a notícia de que uma conhecida em comum está se prostituindo.

Após essa conversa, Séverine passa a se interessar em saber mais sobre os bordéis e até chega a procurar um, onde conhece Madame Anais. As duas estabelecem um combinado de que Séverine trabalhará no local, das 14h às 17h da tarde, fato a partir do qual Madame Anais sugere seu nome falso para manter o anonimato: a Bela da tarde.

A protagonista passa, então, a se encontrar com homens desconhecidos de diferentes gostos sexuais, ao mesmo tempo em que mantém sua vida de casada com Pierre Serizy, por quem se sente apaixonada. Até que, um dia, ela conhece Marcel, um jovem envolvido com crimes e com quem Séverine passa a ter uma relação mais íntima.

Marcel descobre sobre a vida de Séverine fora da prostituição e acaba gerando um acidente com Pierre que, após ser baleado, torna-se tetraplégico. O filme termina com Séverine cuidando de seu marido e fantasiando ele estar feliz e saudável como antes de suas aventuras sexuais.

Análise Crítica

Para a análise, serão destacadas duas categorias temáticas: “Um caso de neurose histérica” e “Um caso de perversão”, apresentadas e discutidas a seguir. Elas serão trabalhadas como hipóteses diagnósticas, sendo escolhidas justamente duas e não apenas uma para enfatizar como o diagnóstico em psicanálise é um procedimento complexo, não construído de forma fechada ou determinada como é feito em outras disciplinas psicológicas e psiquiátricas, e também para evidenciar a pluralidade que o desejo pode assumir por seus caminhos de frustração e satisfação.

Um caso de neurose histérica

Os casos de histeria foram os primeiros trabalhados por Freud, como pode ser verificado em seus *Estudos sobre a Histeria* (BREUER; FREUD, 1996/1895) e são fundadores da psicanálise. A histeria é um tipo de neurose, estrutura psíquica caracterizada pelo mecanismo de defesa do recalque, que elimina da consciência uma representação considerada desprazerosa, mantendo seu afeto que pode ser deslocado a outras representações. Apesar de desprazerosa, tal representação recalçada estaria vinculada a um desejo vindo do inconsciente, cuja realização mostra-se proibida e, por isso, causaria desprazer (CHEMAMA, 1995).

Séverine aparece em cenas e se envolve em situações que podem ser interpretadas por um quadro de neurose histérica. Como quando, em um determinado momento, a protagonista está em um carro com sua amiga, que comenta sobre uma conhecida em comum, Henriette, que agora está trabalhando em um bordel, chegando a dizer “*Já pensou? Uma mulher como eu ou você, entregar-se ao primeiro que aparecer?*”; ao que a protagonista responde “[Fazer sexo] *com um estranho deve ser horrível*”. Tal situação pode ter gerado em Séverine uma *identificação* com Henriette, mulher que, posteriormente, constata-se ser tão bonita e bem arrumada quanto a protagonista.

Outra característica a se ressaltar da neurose histérica é o funcionamento de estrutura que gera um obstáculo com relação à realização do desejo, por meio do que Lacan chamou de desejos *insatisfeitos* (CHEMAMA, 1995), ou seja, a histérica mostra-se insatisfeita e frustrada ao menor sinal da possibilidade de satisfação.

A conversa de Séverine com sua amiga provoca na protagonista um desejo genuíno de saber mais sobre os bordéis, o que a leva a questionar a respeito para seu marido. Após dar-lhe uma resposta, Pierre faz o que seria uma possível piada e comenta a frase em latim “*Semen retentum venenum est*”, a partir da qual Séverine se enfurece e encerra abruptamente a conversa, pedindo para que ele não falasse mais sobre o assunto com ela. Pierre fica desconcertado e sem entender a reação de sua esposa, que pode ser interpretada como a protagonista mantendo-se insatisfeita, por meio do efeito da repressão sexual que

¹ Em inglês: *to retain one's semen is poisonous*, ou *to retain one's semen will allow it to eat away at one like a poison*; ou em português: reter o sêmen é venenoso, ou reter o sêmen permitirá que ele corroa alguém como um veneno. Traduções literais dos autores.

existe de modo inconsciente na histeria, demonstrando tal insatisfação, mesmo ao obter as informações que desejava.

Outro momento em que se pode observar a possibilidade de uma estrutura histérica é quando Séverine encontra-se pela primeira vez com Madame Anais e apesar de parecer que ela está induzindo a jovem a trabalhar no local, é perceptível o interesse despertado na protagonista.

Em seguida, ela vai ao hospital em que seu marido trabalha, dizendo que não quer estar sozinha e o convida para almoçarem juntos. A protagonista parece fazer isso para encontrar um motivo de não retornar à casa de madame Anais no horário combinado, apresenta uma atitude histérica ao seduzi-la para em seguida tentar negar-lhe seu desejo de tê-la como uma de suas meninas. Porém, seu marido recusa o convite para o almoço em decorrência do trabalho e ela retorna ao estabelecimento de Madame Anais, já que a negação histérica apenas acontece para que ela possa deixar explícito ao outro o valor que tem para ele, o que fica sinalizado com a fala de Madame sobre não esperar o retorno da jovem, mas mesmo assim aceitá-la imediatamente por querer que trabalhe em sua casa.

Os neuróticos possuem como tarefa o desligamento da libido do primeiro objeto, isto é, os pais, para que posteriormente se ligue a um objeto real estranho. A tentativa de concretização dessa tarefa durante o complexo de Édipo é fracassada e o neurótico mantém inconscientemente não apenas um apego ao objeto originário, mas também ao mito edípico criado para aceitar a perda desse objeto.

Dessa forma, o neurótico abre mão daquilo que poderia lhe proporcionar gozo (o que Lacan viria a chamar de *objeto a*, mas não completamente, não admitindo sua castração e esperando alguma recompensa futura. Além disso, após a simbolização do complexo de Édipo, a relação estabelecida pelo neurótico histérico com o Outro é de

direcionamento de uma demanda (CHEMAMA, 1995) o que forma o seu desejo ou o que ele espera que deveria ser o seu desejo para o Outro (Che vuoi?) a despeito do que ele (neurótico) necessita.

Pode-se dizer que, provavelmente, Séverine tenta reproduzir em suas relações de prostituição seu mito edípico. Tal afirmação mostra-se possível ao se comparar uma lembrança que a jovem tem após a conversa com sua amiga sobre Henriette e a cena da primeira relação de prostituição da personagem.

A lembrança mencionada trata-se de uma recordação de sua infância e, na cena, Séverine é vista praticamente paralisada, sendo beijada e segurada por um homem adulto (uma pessoa familiar ou estranhamente desconhecida). Já na primeira cena de prostituição, ela é vista relutante aos toques do cliente de Madame Anais, até o momento em que ele fica bravo, jogando-a na cama e passando a beijá-la; na ocasião, Séverine aparece igualmente paralisada.

Existe também uma demanda de Séverine direcionada a seus clientes de que sejam agressivos com ela, o que pode ser percebido na fala desse primeiro homem com quem se relaciona ao dizer “*então, prefere do modo bruto?*”, após empurrá-la na cama. Tal agressividade também é perceptível em suas fantasias, bem como na relação que estabelece com Marcel posteriormente, que é “naturalmente” mais violento.

Aplicando as observações de Freud sobre impotência psíquica ao caso de Séverine, pode-se dizer que suas fantasias conscientes estariam ligadas a um desejo incestuoso inconsciente e, nelas, a protagonista substitui seu primeiro objeto de desejo por outra pessoa: um terceiro desconhecido que exerce alguma ação (por exemplo, chicoteá-la) e seu marido que sempre a observa.

Em decorrência dessa fixação do desejo no primeiro objeto, a personagem apresentaria características de

frigidez com relação a seu marido, recusando sua presença física provavelmente por remetê-la a esse primeiro objeto de desejo, o que não ocorre com homens desconhecidos quando passa a se prostituir, por não terem o mesmo efeito em seu psiquismo. Algo que também é possível relacionar a isso é o fato de nunca ser Pierre quem exerce as ações violentas nas fantasias de Séverine, ele apenas a observa, apesar de ocasionalmente se mostrar mais agressivo que na realidade.

A frigidez² pode ser também resultado de uma conexão produzida pelo psiquismo entre as atividades sexuais e a proibição, conexão esta que não se desfaz mesmo quando as atividades sexuais passam a ser socialmente consideradas permitidas, como é o caso do casamento. Tal situação pode levar o sujeito a ansiar por manter secreta uma relação permitida, ou ainda ter relações secretas em condição de proibição, nas quais obtém sensações normais (FREUD, 2018/1912), como é o caso de Séverine.

Segundo Freud (2018/1912), existem duas correntes direcionadas ao objeto de desejo: a corrente de ternura e a sensual. A corrente sensual que levaria à excitação sexual é afastada quando o objeto escolhido lembra os objetos infantis fixados, sobrando apenas a corrente de ternura. “A vida amorosa desses seres humanos permanece cindida [...]. Quando amam, não desejam [*begehren*], e quando desejam, não podem amar. Eles procuram objetos que não

²Apesar de a palavra “frigidez” já ter caído em desuso em muitos campos da sexualidade, a escolha por seu emprego nesse texto justifica-se por ser o termo utilizado por Freud (2018/1912) em sua obra, designando a falta de excitação sexual por parte da mulher, o que seria um equivalente da impotência psíquica do homem. Além disso, provavelmente seria a forma como Séverine seria descrita em sua época, considerando que o filme fora lançado na década de 60.

precisam amar, para manter afastada a sua sensualidade dos objetos amados” (p. 142), ele diz.

Isso é o que acontece na relação entre Séverine e seu marido, por quem tem muita afeição e amor, dizendo-lhe que queria que estivessem juntos todos os minutos por ser feliz quando está com ele, mas por quem é apática sexualmente; e também é o que passa a ocorrer entre a protagonista e Marcel, após eles se aproximarem e se tornarem mais íntimos, levando Séverine inclusive a deixar a casa de Madame Anais para evitar se relacionar com ele. Freud (2018/1912) acrescenta ainda que

As pessoas, nas quais não houve a confluência apropriada da corrente terna e da sensual, possuem quase sempre uma vida amorosa pouco refinada; nelas se conservaram metas sexuais perversas, cuja não realização é percebida como sensível perda de prazer, mas cuja realização só parece possível no objeto sexual degradado, menosprezado (p. 142).

Ou seja, a corrente sensual com relação a um objeto amoroso, que desperta a corrente de ternura, só é possível na medida em que esse mesmo objeto é degradado. Dessa forma, pode-se compreender melhor porque Séverine passa a fantasiar com uma simples situação de enamoramento com Pierre ao final do filme, após o marido ter sofrido um grave acidente que o deixara incapacitado de muitas atividades que antes exercia naturalmente, bem como dependente dos cuidados da esposa.

Dessa forma, concluindo a análise a partir da perspectiva de um caso de neurose histérica, Séverine apresentaria uma impotência seletiva que a faz não se sentir sexualmente excitada por seu marido. Ainda assim, ela possui desejos sexuais, como é possível perceber em suas fantasias, e busca sua satisfação como qualquer outro

sujeito, porém sempre permanecerá insatisfeita pela impossibilidade de reencontro com o objeto ideal. Como diz Fink (2018), “o que o neurótico anseia por não reconhecer é que o desejo é menos algo que se possua do que algo que não se possui. Ele nasce da falta, e ninguém sabe dizer o que realmente quer” (p. 76), sendo a insatisfação uma marca permanente.

Um caso de perversão

Quando se fala em perversão, seja em psicanálise ou psicologia e psiquiatria, é geral que sejam pensadas ideias que retomam os nomes de Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) ou Havelock Ellis (1859-1939), psiquiatras que estudaram a relação de atos delituosos com o que eles identificaram como uma *estrutura clínica perversa individualizada*. Essa hipótese viria a ser reforçada por uma literatura que se tornaria mais conhecida, também por interesse dos estudos médicos, a qual incluiria as obras autobiográficas do Abade Choisy Sacher-Masoch (de onde vem o termo *masoquismo*) e dos romances utópicos do Marquês de Sade (origem do *sadismo*).

Foram esses os primeiros elementos que tiraram a simbologia da perversão apenas de atos ou de comportamentos sociais, referentes à própria sociedade - que levantava a ideia de sociedades propensas a mais perversidades que outras, mais bárbaras que outras, - e as deram um lugar estruturado e racional para a personalidade individual. Isso permitiu que Freud, ao se aproximar do campo do desejo, se deparasse com os ditos perversos e degenerados e reorganizasse o que estava sendo posto sobre a questão.

De fato, até a publicação dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1969/1905), a hipótese de que os homossexuais seriam perversos e que os perversos seriam

todos resultantes de algum tipo de degeneração mental, era praticamente unânime no campo das ciências médicas e sociais. No entanto, foi Freud quem primeiro sistematizou a crítica e levantou elementos que norteassem um entendimento diferente dessa questão.

A ideia de degenerados acompanha o termo *perversões*, o qual significa *inversão*, por fazer um desvio sobre qual deveria ser o objetivo da prática sexual, logo sugere toda uma noção de norma. Como vale lembrar, era o que a igreja vinha determinando desde a Idade Média e tomado moralmente por toda a sociedade que se disse civilizada desde então. Mas dessas restrições e condenações que Freud concluiu, inicialmente, que nada havia de médicas nas razões de estudo e diagnóstico de seus contemporâneos.

Para além da crítica, foi ao observar a existência de uma sexualidade infantil, que se dava a partir de uma disposição perversa-polimorfa, orientada por *pulsões* (inicialmente algo que poderia ser visto como um *impulso* ou uma *moção*) de agressividade, de busca por conhecimento e autoerotismo baseado em diferentes regiões do corpo, que se conclui a falta de precisão em patologizar o desejo perverso. Ao invés disso, conclui que a “extraordinária difusão das perversões força-nos a supor que tampouco a predisposição às perversões é uma particularidade rara, mas deve, antes, fazer parte da constituição que passa por normal” (FREUD, 1989/1905, p.160), então, dando a ela um lugar fundamental para compreender a disposição geral e universal da pulsão sexual (CHEMAMA, 1995).

Apesar de já pensar sobre a fixação do desejo sexual em 1905 - que seria uma realização psíquica onerosa ao sujeito, pois despenderia grandes quantidades de energia sexual para manter em funcionamento a satisfação pelo objeto fetiche, ao invés de partir para outras formas de

realização do desejo -, somente muitos anos depois Freud formaliza elementos que constituem o tipo de personalidade perversa (FREUD, 1996/1927), mas essa temática será até hoje tida como incompleta e tema de muitas investigações (ROUDINESCO; PLON, 1997).

Apesar, do aspecto mais amplo que o desejo perverso concede à sexualidade, não será por isso que esse poderia ser mais satisfeito que o sujeito na neurose. Na realidade, o perverso, quanto mais se entrega ao seu desejo, mais sufocado pode se tornar, o que o coloca mais próximo de uma angústia sufocadora e até do desamparo (*Hilflosigkeit*).

A perversão nada mais faz do que imitar a aparência do desejo do neurótico, sob o efeito da castração, pois objetiva a parte interdita do gozo; por isso, o perverso se toma cada vez mais escravo do Outro, que o divide de maneira radical no ponto em que tenta justamente se ornar com a angústia de castração (CHEMAMA, 1995, p.164).

Esse Outro que existe, não é o mesmo que aqueles com que o perverso se relaciona, ele está implícito pelo simbólico à suas relações intersubjetivas com outras pessoas. Mas é justamente isso que o torna insatisfeito, pois ele é obrigado a se entregar até uma quase escravização de si, apenas para ter acesso a um gozo clandestino, uma satisfação que por si só é onerosa para todos os participantes.

Como já mencionado na seção sobre histeria, Séverine pode ter desenvolvido uma identificação (mecanismo psíquico presente em todos os tipos de estruturas psicanalíticas) quando sua amiga menciona sobre Henriette, sobre o fato de estar se prostituindo.

Em cenas seguintes, ela se encontra com o hipnotizador (Henri Husson), que chama Henriette de a

“mulher com duas caras e duas vidas”. Segundo Fink (2018), na perversão “o próprio ego se divide (SE XXIII, p. 204), e as idéias contraditórias (...) são mantidas lado a lado na mesma instância (p. 191)”, o que leva o sujeito a não abrir mão de seu prazer. Essa observação permite estabelecer um paralelo entre a descrição do amigo de Pierre sobre Henriette como uma pessoa perversa, alguém que mantém ideias consideradas contraditórias, como também é o caso de Séverine que se prostitui mesmo estando em um casamento.

Com relação às fantasias de Séverine ao longo do filme, elas podem ser interpretadas como devaneios, em que se pode avaliar o tipo de perversão da personagem. Logo na primeira cena do filme, ela está em uma carruagem com seu marido e dois cocheiros, que param em um determinado lugar e seu marido manda-a descer, sendo muito mais ríspido e agressivo do que de fato é. Após se recusar, ela é forçada a descer, sendo pega pelos braços pelos cocheiros. Começa então a falar que não tem culpa, que pode explicar e, em seguida, é amarrada em uma árvore, na qual os cocheiros a chicoteiam nas costas e também no rosto, enquanto seu marido assiste. Há também uma insinuação de que ela seria, inclusive, estuprada por um dos homens, o que não é mostrado ao espectador. Tais cenas criadas pela protagonista são sempre situações humilhantes, provocadas por homens desconhecidos e assistidas por seu marido. Segundo Fink (2018, p.201).

a angústia, na verdade, domina a sexualidade do perverso. Suas fantasias inconscientes podem envolver uma espécie de gozo interminável [...], mas não devemos confundir fantasias conscientes com atividade concreta, e esta última está fadada a impor limites ao gozo [grifos do autor].

A partir dessa observação, pode-se dizer que as atividades sexuais concretas de Séverine (isto é, o fato de prostituir-se) não apenas lhe dá satisfação, mas também causa angústia, uma vez que impõe um limite às suas fantasias conscientes, quais sejam, de ter seu marido assistindo-a em diferentes situações sexuais de humilhação causadas por terceiros.

Além disso, segundo Fink (2018, p.201), “o perverso [...] não deseja em função da lei - isto é, não deseja aquilo que é proibido. Em vez disso, ele *tem de fazer a lei existir*” [grifos do autor]. Dessa forma, prostituir-se também tem como efeito para Séverine fazer a lei existir por meio de sua negação, uma vez que em sua época seria inconcebível socialmente que casais se envolvessem em contextos sexuais tais quais a protagonista devaneia e a ela, em sua perversão, faz com que essa lei exista descumprindo-a: mantém relações de prostituição dentro de um casamento e sem que seu marido o saiba.

E, por isso, é possível dizer também que ao longo de todo o filme Séverine mostra possuir vários devaneios sexuais, os quais não se propõe a realizar com seu marido, uma vez que recusa a ele o menor contato íntimo, como compartilharem a mesma cama e, mesmo casados há um ano, permitir uma aproximação física limitada a meros beijos ocasionais. Dessa forma, Séverine recusa-se a ter prazer com o homem que ama, mantendo seu desejo insatisfeito e reafirmando o tipo de falta que é fundadora de sua estrutura perversa. Posteriormente, passa a buscar uma outra forma de se satisfazer pela prostituição com homens desconhecidos.

A cena em que Séverine encontra-se pela primeira vez com Madame Anais também pode ser vista através da ótica da perversão. A conversa desenvolvida entre elas faz parecer que Madame Anais entendeu de maneira errônea o

motivo pelo qual a jovem fora até seu estabelecimento, induzindo-a por meio da persuasão a trabalhar no local.

Porém, para o espectador, é nítido o caminho do desejo de Séverine em se envolver com as atividades realizadas naquele lugar, o que evidencia as observações de Fink (2018) a respeito dos perversos: ele encena uma imposição forçada com alguém que pronuncie a lei. Isto é, o perverso manipula o outro para obter satisfação através do que parece satisfazer a esse outro, como é o caso de Séverine com Madame Anais. Além disso, na cena mencionada, o desejo de Séverine em se prostituir confunde-se com o desejo de Madame Anais de tê-la como uma de suas meninas.

As histórias de Séverine com Pierre a levam para uma situação extrema de angústia, também característica das perseguições do perverso por seu desejo. Para além da dupla vida que sustentava em seu casamento, a protagonista dá a seu marido o que corresponde sempre a uma satisfação simulada, a partir do que ele acredita que deveria ser o desejo dela. No entanto, o que está em jogo é como ela pode ser instrumento sempre dessa intersubjetividade.

Então, algo que poderia aparecer como uma história de uma instituição falida da sociedade burguesa, a família monogâmica, na verdade é justamente possível pela condição de incompletude da busca de Séverine, tanto quanto pela necessidade dela de retornar a um outro, no caso seu marido, que até o último momento lhe serve de suporte do desejo.

Isso pode ser observado quando Séverine e Pierre realizam uma viagem e, por ter tido que se afastar do bordel e da prostituição, ela se mostra descontente e mais distante do marido, pedindo-o que retornassem e, quando finalmente retornam, ela aceita se aproximar dele novamente. Entretanto, não é por buscar uma nova forma

de satisfação, que inclusive trouxe reflexos para o seu relacionamento com o marido, que se pode dizer que Séverine passou a estar satisfeita. Fica evidente que ela terá que recusar constantemente a realidade que se acometeu sobre seu marido e negar para si a estória que fora revelada por Henri a ele. Somente desse modo ela poderá sobreviver em sua relação matrimonial, como também em um tipo de fixação que lhe permite se organizar estruturalmente.

Considerações Finais

A prostituição é vista socialmente como algo sujo e imoral, quando na verdade é uma, e em alguns casos talvez a única, saída encontrada por muitas pessoas para sobreviverem numa sociedade capitalista, desigual e excludente. Em alguns casos, pode ser também uma escolha pessoal, e nada de problemático há nisso. No caso de Séverine, é notório que seu envolvimento com esse tipo de atividade sexual não está vinculado ao dinheiro, como Henri havia dito que as mulheres carentes desse recurso fazem, já que as duas outras damas que trabalham no estabelecimento de Madame Anais apontam com admiração como Séverine é bem vestida, e seu primeiro cliente descrevê-la como alguém de classe. Para Séverine, foi uma forma de tentar satisfazer seu desejo, mesmo que o resultado final fosse a insatisfação, como já pontuado na análise.

É importante ressaltar que, apesar de no senso comum parecer contraditório que alguém esteja num relacionamento, ainda mais de tipo monogâmico e estável como é o casamento, e se sinta sexualmente insatisfeito, ou que deveria se obrigar à satisfação pela relação que possui, a análise tentou mostrar como todas as pessoas não alcançam a plena satisfação, apesar das promessas desse ideal.

Acrescenta-se também que não se pretendeu debater sobre as formas modernas de relacionamentos (monogâmicas, poligâmicas, relacionamentos abertos ou fechados) e quais seriam consideradas mais adequadas em determinados momentos sócio-históricos, bem como julgar se Séverine deveria ou não ter contado a seu marido sobre estar se envolvendo com a prostituição. O foco foi apenas tratar sobre as questões relativas ao desejo e sua insatisfação, que também se faz presente em relacionamentos.

No caso de Séverine foi possível observar que, após iniciar a busca por satisfação de seu desejo com a prostituição, a relação da protagonista com seu marido passou até a melhorar, notando-se que ela começara a abrir-se mais ao contato íntimo com Pierre (apesar de ainda não terem relações sexuais), e que ambos passaram a ter um vínculo mais próximo e aparentavam ser mais felizes um com o outro por isso.

Porém, independentemente da estrutura psíquica a partir da teoria psicanalítica, o desejo permanece insatisfeito, pois o inconsciente nunca cessa. Isso significa dizer que o inconsciente está constantemente submetido aos efeitos dos processos primários (condensação e deslocamento) que são ininterruptos (FREUD, 1974/1915) e, se assim não fosse, o desejo acabaria e isso só tem vistas de ocorrer com a morte. Séverine, ao longo de todo o filme, apresenta fantasias de vários tipos de situações sexuais muito distantes da realidade a qual experimenta, e a prova de sua permanente insatisfação é seu devaneio final, no qual visualiza seu marido de pé novamente, abraçando-a, algo que possivelmente jamais se concretizará.

“Creio, por mais estranho que possa soar, que devemos considerar a possibilidade de que alguma coisa na natureza da própria pulsão sexual não seja favorável à realização da plena satisfação” (FREUD, 2018/1912, p. 149). Essa insatisfação

poderia ser explicada pelo fato de, ao longo do desenvolvimento, com a proibição do incesto e o abandono do objeto de desejo original, a pulsão vai eleger uma série interminável de outros objetos, e nenhum deles provocará a mesma satisfação que o primeiro objeto abandonado.

Mesmo que a sociedade civilizada tente, educar as pulsões é uma tarefa difícil, senão impossível, gerando consequências nas quais ela se excede ou é fortemente reprimida (FREUD, 2018/1912). O prazer, se e quando alcançado, será algo momentâneo e estará sempre vinculado a uma satisfação parcial, nunca absoluta, fazendo com que o sujeito permaneça um ser desejante (FREUD, 2014/1914).

Verdade é que o desejo, se abordado a partir da psicanálise pelo viés da sexualidade, das satisfações e insatisfações, será revelado como errante. Não é possível prendê-lo ou domá-lo. E, por fim, quando algo parece propício para uma oportunidade de capturá-lo, certamente ele escapará assumindo outro rosto e nova forma.

Referências

- BATAILLE, G. **O erotismo**. São Paulo, Arx, 2004.
- BREUER, J.; FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In. FREUD, S. **Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 2**, Rio de Janeiro: Imago, 1990/1895.
- CHEMAMA, R. **Dicionário de Psicanálise Larousse**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FINK, B. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- FREUD, S. Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade. In. FREUD, S. **Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 7**, Rio de Janeiro: Imago, 1989/1905.

FREUD, S. O inconsciente. In. FREUD, S. **Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.14**, Rio de Janeiro: Imago, 1974/1915

FREUD, S. Fetichismo, In. FREUD, S. **Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 21**, Rio de Janeiro: Imago, 1996/1927.

FREUD, S. As pulsões e seus destinos, In. FREUD, S. **Obras Incompletas de Sigmund Freud, v.2**, 2014/1914.

FREUD, S. Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens, In. FREUD, S. **Amor, sexualidade e feminilidade: Obras Incompletas de Sigmund Freud, v.7**, 2018/1910.

FREUD, S. Sobre a mais geral degradação da vida amorosa. In: FREUD, S. **Amor, sexualidade e feminilidade: Obras Incompletas de Sigmund Freud, v.7**, 2018/1912.

FREUD, S. A vida sexual humana. In. FREUD, S. **Amor, sexualidade e feminilidade: Obras Incompletas de Sigmund Freud, v.7**, 2018/1916.

FREUD, S.; FLIESS, W. **A correspondência completa de sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

HAN, B-C. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HEGEL, G. F. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 1992.

LAURENT, E. **Loucuras, sintomas e fantasias na vida cotidiana**. Belo Horizonte: Scriptum, 2011.

NOVAES, A. **Os Sentidos da Paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (Orgs.). **Patologias do social: Arqueologias do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

Capítulo 11

LUTA DE CLASSES: DIFERENÇA NO TRABALHO VINCULAR E A PARENTALIDADE

Bruna Bortolozzi Maia
Raissa Pinto Rodrigues
Mary Yoko Okamoto

Introdução

O material aqui analisado, o filme *La Lutte des Classes* (2019), apresenta diversas questões interessantes. Uma das que mais se destacam está relacionada às mudanças sociais associadas à crescente chegada de refugiados e migrantes ao continente Europeu, e no filme com destaque à França, apontando diversos conflitos provenientes da crescente diversidade cultural no país, decorrentes dessa intensa movimentação migratória.

Considerando o contexto migratório global, de acordo com dados da ONU (2019), em 2019, o número de migrantes internacionais atingiu 272 milhões de pessoas, indicando um aumento de 51 milhões se comparado com o ano 2000. Essa cifra significa 3,5% da população mundial, portanto, a questão das migrações é de grande relevância no contexto contemporâneo.

Numa visão mais global, para além da realidade francesa mostrada no filme, podemos observar as influências do mundo social nas formas de exercer a parentalidade, que vêm se transformando cada vez mais, bem como grande dificuldade de lidar com as alteridades e diferenças. Neste capítulo trataremos principalmente

destas questões, a partir do referencial teórico da Psicanálise das Configurações Vinculares¹.

Esse é uma ampliação da psicanálise freudiana, descrevendo um aparelho psíquico vincular que considera três espaços psíquicos: *intrasubjetivo*, *intersubjetivo* e *transubjetivo* (WEISSMANN, 2019). Berenstein e Puget (2008) conceituam o espaço intrasubjetivo como aquele que diz respeito ao *Self*, e vai se desenvolvendo e conservando uma marca de identidade partindo de um alicerce inicial de representações. Já o espaço intersubjetivo é o espaço vincular, ou seja, um espaço que depende do “Dois”, a partir da presença de outro (s) sujeito (s). Já o transubjetivo diz respeito às representações do mundo social, também vincular.

Então, Berenstein e Puget (1993) revisitam a psicanálise clássica, diferenciando os *vínculos* e as *relações objetais*. Enquanto as relações objetais dizem respeito aos objetos internos, fantasias, material intrasubjetivo singular, no vínculo é condição imprescindível a presença de um objeto externo, ou seja, exige dois ou mais sujeitos, unidos por um conector, um “entre”. O que merece destaque aqui é o fato de que a intersubjetividade se caracteriza pela presença, o que, segundo Puget (2003), inevitavelmente produz mudanças que provém da alteridade e da *ajenidad* dos outros sujeitos.

Enquanto a diferença diz respeito à condição para que haja reconhecimento do outro, e pode, portanto, ser pensada e elaborada - como a diferença sexual, por exemplo (PUGET, 2000), o conceito de *ajenidad*, termo cunhado por J. Puget e I. Berenstein, diz respeito a uma

¹ Este referencial é uma herança franco-argentina, porém, neste capítulo, focalizaremos nos autores argentinos da psicanálise vincular, já que esses dão mais ênfase à questão da influência do mundo social nos vínculos e nas singularidades (JAROSLAVSKY, 2019).

dimensão da diferença que escapa à linguagem e é, portanto, impossível de ser representada, apresentando-se, nas palavras de Weissmann (2019) como uma incógnita, uma interrogação que a presença do outro impõe. Esta interrogação imposta pela *ajenidad* traz consigo potencial vinculante quando abre espaço para um “fazer juntos”, “fazer com”, ou seja, criar com o (s) outro (s) soluções para a diferença inerente ao vínculo, mesmo que esta seja uma diferença radical para a qual não há nome (*ajenidad*).

A *ajenidad* é um conceito complexo que conserva um parentesco com termos que provém da filosofia. O infinito de Aristóteles, o Infinito de Lévinas ou alguns conceitos de Badiou, ajudam a pensar aquela dimensão inefável que escapa à toda linguagem, se assemelha ao irrepresentável mas já não pelo horror do sinistro, se não por estar fora da linguagem (PUGET, 2003, p. 179, *tradução nossa*).

Por outro lado, a possibilidade de “fazer com” as *ajenidades* e diferenças não se concretiza se associada à violência, já que nesse caso não há espaço para a diferença, para a fragilidade ou indeterminação (PUGET, 2010, 2011). Isto ocorre porque o que interessa ao sujeito é acreditar que o mundo e as verdades são sólidos e, portanto, universais (BERENSTEIN, 2011). Desta forma, a impossibilidade ou a dificuldade de olhar para as diferenças e indeterminações fragiliza o potencial vinculante, o que também pode ocorrer no campo transubjetivo.

Assim, para a autora (PUGET, 2015; 2017), a subjetividade seria uma construção realizada a partir da imposição da presença do (s) outro (s), que traz consigo, como consequência inevitável, uma novidade capaz de promover transformações tanto no vínculo, quanto em cada um dos sujeitos nele envolvido. Isso implica que nos cabe ir sendo sujeitos em cada situação, ou seja, promover

práticas específicas para cada vínculo, numa construção de um núcleo identitário sempre inacabado, que se faz a partir do trabalho psíquico que cada vínculo exige. Rojas (2010) corrobora com essa ideia, destacando a multiplicidade de facetas de um sujeito diante de diferentes grupos, de forma que não seria possível falar de um sentimento de identidade unificada.

Todas essas conceitualizações se aplicam, inclusive, aos vínculos dos pais com seus filhos, que são de extrema importância para os processos de subjetivação (ZORNIG, 2010). Assim, entendemos a *parentalidade* como uma construção e um processo, que se dá ao longo do desenvolvimento da criança e está relacionada aos três espaços psíquicos anteriormente descritos. Portanto, tão importante quanto o vínculo parental e a pertença familiar, é a pertença ao contexto social e cultural, que se refere ao espaço da transsubjetividade, ou seja, os vínculos referentes ao contexto de nação, religião, cultura, etc. (SVARTMAN, 2003).

No que diz respeito à parentalidade, assumimos, sob a luz da teoria psicanalítica, que esse é um vínculo essencial quando se trata de desenvolvimento infantil. O vínculo pais-filho, sendo o que dá início às relações interpessoais, age como estruturador do psiquismo infantil, como concorda Scholz *et al.* (2015), pois a família se comporta como uma rede de amparo que auxilia a criança na construção de experiências psíquicas próprias.

É importante lembrar que aqui, quando nos referimos ao pai ou à mãe, dizemos respeito às funções que podem ser desempenhadas por qualquer ator, independentemente de gênero ou parentesco biológico (BLEICHMAR, 2016). Conforme Gomel (1996), a família aponta lugares a serem ocupados, não quem ou como este o fará, reforçando que a maternidade e a paternidade são construções simbólicas.

Desta forma, a mãe (isto é, quem desempenha a função materna) é o primeiro vínculo do bebê e é “o prazer materno que permitirá ao filho inscrever-se no registro pulsional, a partir do investimento libidinal da mãe, erogeneizando seu corpo para além de um corpo funcional” (ARAGÃO, 2007, p.77). Além dos cuidados básicos de suprir necessidades fisiológicas, é também essencial para atender às necessidades psicológicas da criança. Portanto, não se trata apenas de tocar, alimentar e higienizar o bebê, mas também de auxiliar no contato do mundo interno com a realidade, e ser objeto continente das angústias excessivas que o bebê não tem capacidade psíquica para elaborar sozinho (WINNICOTT, 1980; KLEIN, 1981).

A função paterna também é indispensável no psiquismo do filho. Suas funções permeiam entre separar a célula narcísica mãe-bebê, rompendo a simbiose e propondo que o mesmo lide com a alteridade, e investir narcisicamente em seu filho para que o ele confirme a sua própria identidade. O pai também é ativo em sua função de promover o desenvolvimento, a socialização e simbolização da criança, como também dar uma base de segurança para ajudá-la no acesso à cultura (MENENDEZ *et al.*, 2004; DANTAS; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2004).

É, portanto, função da família inserir a criança no contexto cultural e auxiliar na construção da função simbólica. O casal parental representa um amparo psíquico para a criança, e sustenta seus processos primitivos que se formarão integralmente durante o crescimento, pois pertencer a uma família oferece ao aparelho psíquico em formação uma verdade que sustenta o sujeito em sua própria história, gerando a vivência de ser amado e reconhecido, também no meio social (BERTIN; PASSOS, 2003).

Segundo Seidmann (2016), participar de um espaço macro de determinada cultura (um espaço comum a outros), instaura no psiquismo diferentes inscrições,

pertencentes ao espaço transubjetivo, e essas são marcas sociais e culturais dentro do psiquismo que também compõem o indivíduo. Seidmann (2016) ainda afirma que

A cultura, o contexto geográfico, a terra de nascença, junto com os sujeitos que moram nela, nos conferem uma marca de identidade, inscrição transubjetiva, marca cultural que nos inscreve, terra que nos outorga suas raízes e sua língua, inserindo-nos em um código humano que nos possibilita “serem sujeitos de” tal lugar (SEIDMANN, 2016, p. 66).

O espaço transubjetivo é relevante no que diz respeito à experiência migratória, porque se constitui no espaço que se vincula ao contexto no qual vivemos, portador das marcas identitárias e do pertencimento compartilhados, tais como a linguagem, a comunidade carregada com crenças, ideias, fatos históricos, tradições e mitos. As migrações colocam os indivíduos diante de um novo e desconhecido espaço, evidenciando a falha e a falta da continuidade do mundo social o qual alicerça o sustento narcísico e o apoio para que os indivíduos possam sentir-se pertencentes a um conjunto estável e comum (WEISSMANN, 2019).

Nesse sentido, as migrações levantam questionamentos sobre os lugares de novas pertencências e, portanto, apontam para a importância do contexto social no tocante aos efeitos provocados pela experiência migratória.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>La lutte des classes</i>
Nome Traduzido	Luta de Classes
Gênero	Comédia/drama
Ano	2019
Local de lançamento e Idioma original	França, francês
Duração	1h44min
Direção	Michel Leclerc

Após a mudança para um novo bairro no subúrbio de Paris, cenário no qual o roteiro se desenrola, o filme acompanha uma família com princípios e ideais anticonvencionais. Corentin, a criança, frequenta uma escola perto da sua casa, onde possui vários amigos, e é justamente pela saída desses amigos da escola diante de um aumento na presença de crianças filhas de imigrantes, que os problemas começam.

Sofia, advogada de descendência árabe e Paul, roqueiro de uma banda punk, iniciam uma longa discussão acerca da educação do filho, diante das opiniões dos pais dos amigos de Corentin que insistem a Sofia e Paul que a escola particular seria melhor para o menino, que também ficaria perto de seus amigos. Entre muitas discussões e desavenças, em certo momento, Sofia tende a considerar a escola particular para o filho, porém Paul, sempre procurando seguir seus princípios, não concorda, enfatizando que se deve lutar pela educação pública.

Na escola pública, na qual Corentin permaneceu, o menino fica cada vez mais triste, e tenta se enturmar com outros alunos, porém sofre *bullying* e ameaças das crianças. Diversas são as questões colocadas nesse cenário. Uma delas é que Sofia e Paul são agnósticos, em contraste com

a França miscigenada e inundada de diversidade étnica e religiosa, na qual os amigos de Corentin são cristãos - muçulmanos, judeus, etc.

Sofia tenta de todas as formas ajudar seu filho com as novas amizades, enquanto Paul insiste que Corentin está bem da forma que está. No desenrolar da trama, tratando de diversas questões como nacionalismo, intolerância religiosa e parentalidade, o filme deixa claro o quão custoso é lidar com o que é diferente em nós. Apesar disso, no final, Corentin acaba por se enturmar com os amigos da escola pública e, através de um episódio de desabamento na escola, o filme esclarece o poder da união comunitária e da capacidade de ser tolerante lidando com a alteridade.

Análise Crítica

Diferenças de cultura, de gênero, de religião, de políticas e de gerações. O filme mostra a difícil negociação com a diferença e a *ajenidad* continuamente em diversos aspectos, que se tornam temas geradores de conflitos na família que protagoniza esta comédia dramática. A maneira como o casal Paul e Sofia enfrentam essas problemáticas diante do filho, Corentin, é ponto central das desavenças e contradições que o longa francês nos apresenta e é, na mesma medida, uma das questões centrais para o trabalho vincular. Nesta análise crítica, discutiremos sobre esta questão, em especial no que diz respeito às suas implicações para a parentalidade.

Sofia é uma mulher francesa, filha de migrantes, que trabalha como advogada em uma empresa parisiense. Paul, francês e adepto da cultura punk progressista, é baterista de uma banda, não possui trabalho formal e se encarrega de diversas funções da casa, bem como buscar o filho na escola, etc. Além disso, o casal parece considerar suas concepções políticas e sociais como importante alicerce de

sua relação, defendendo com veemência o estrangeiro e o estranho, inclusive aquilo que perpassa a eles próprios, por não serem um “casal convencional”. Porém, ao se deparar com o estrangeiro externo, com a estranheza que vem de fora, começa a delinear-se um limite: até que ponto conseguimos lidar com o estranho?

A dificuldade de lidar com o diferente e com as mudanças já se apresenta na primeira cena do filme, na qual Paul insiste em vender o apartamento em que morava pelo mesmo valor que o comprou, apesar de este ter se valorizado muito. Se por um lado isso demonstraria uma coerência com seus princípios sociais e políticos, por outro, este “congelamento” de valores - assim como o valor da casa que não pode mudar com o tempo - começa a se apresentar como conflito.

A situação de crise se instala de maneira mais visível diante do conflito compartilhado quando os amigos do casal afirmam que mudarão seus filhos para outro colégio. No diálogo, Sofia argumenta: “*estudei a vida toda naquela escola*”, ao que a amiga responde: “*as coisas mudaram*”. A afirmação gera uma reação de raiva e frustração do casal com os amigos, pelo fato de esses últimos terem mudado de ideia em relação à educação dos filhos. É relevante salientar, porém, que esta mudança de escola também é uma expressão da dificuldade destes casais de lidar com as diferentes culturas que aparecem na escola pública, tendo em vista que muitos dos colegas desta eram crianças filhas de imigrantes, o que causou grande desconforto nesses pais.

Tal situação aponta para o cenário europeu diante da chegada em massa de um grande contingente de migrantes. Bauman (2017) aponta que para cerca de 40% dos europeus, a imigração é o tema de maior preocupação para a União Européia, destacando que a chegada dos “indesejáveis” causa uma reação e a afirmação de um

“crescente sucesso da xenofobia, do racismo e da variedade chauvinista de nacionalismo” (BAUMAN, 2017, p. 18). Esse é o cenário que o filme demonstra acerca do cotidiano escolar e os diversos conflitos de pais e filhos franceses quando notam que a escola pública está repleta de filhos de imigrantes, exacerbando em alguns o resgate do lema “A França para os franceses” (Op. Cit., p. 18).

No próprio contexto da escola podemos perceber que a diferença é vista com ambiguidade pela professora e pelo diretor, que procuram ser o mais politicamente corretos possível em relação às diferenças culturais, mas o fazem, muitas vezes, de maneira insegura (como a professora ao perguntar se os alunos comiam um tipo de carne, para a merenda), estereotipada ou persecutória (como o diretor, ao buscar muitas medidas de segurança excessivas para ataques terroristas), vendo o estrangeiro como ameaçador, conforme aponta Weissmann (2019).

Revela-se, nesta situação da mudança dos amigos de Corentin, em concordância com o que propõe Puget (2003), que apesar de imprescindível, a presença do outro também pode ser fonte de sofrimento. No caso da mudança dos filhos de escola, a diferença de convicções entre os pais dos colegas de sala de Corentin não gerou um trabalho vincular, mas teve grande poder desvinculante, causando o afastamento e evitação dos casais em questão durante o restante da história: a solução encontrada foi evitar o conflito e afastar-se da diferença que se apresentou.

Uma estrutura tolera o distinto dentro de uma margem que não confronte seus membros com os paradoxos básicos e inerentes a toda estrutura vincular. Estes fazem parte do inconsciente e ali devem ficar, e quando aparecem como conflito, este então parece estar ligado à uma exigência:

encontre alguma solução, ou mais que a solução, a evitação da presença do ‘distinto’ (PUGET, 1993, p. 3, *tradução nossa*).

Esta evitação da presença do distinto, para Berenstein (2011), também ocorre quando um dos sujeitos de um vínculo está à serviço de outro, anulando as situações que geram *ajenidad* e suspendendo o reconhecimento do outro como sujeito desejante. No filme, isso pode ser exemplificado nas situações nas quais Paul mostra-se tão preocupado com suas próprias questões e não consegue, com isto, perceber as vivências do filho e ampará-lo. Isso fica evidente no momento em que Corentin, numa posição questionadora, aponta aos pais sua vontade de trocar de escola.

Corentin: *Por que não posso ir para a St-Benoît se meus amigos vão?*

Paul: *Porque é uma escola particular. É uma escola nojenta, sabe? É seletiva, é injusta...*

Corentin: *Injusto é eu não poder ir!*

Paul: *Você não vai gostar. É tudo limpo, organizado, nada passa dos limites...*

Corentin: *Parece legal.*

A ideia aqui não é defender que os desejos dos filhos devem ser atendidos sem questionamento, mas apontar que a diferença imposta nos vínculos demanda um trabalho de “fazer com” (PUGET, 2015), ou seja, demanda um diálogo e uma busca de solução conjunta. Após a mudança de seus colegas para o colégio particular, os pais de Corentin começam a notar a dificuldade do filho em se enturmar com os novos colegas de escola. A partir deste momento, inicia-se um movimento, principalmente por parte de Sofia, sua mãe, de trabalhar com estas diferenças, buscando amparar o filho e criar vínculo com os demais pais dos colegas de sua turma.

Em certo momento do filme, vemos uma cena em que os pais espionam, através do muro do vizinho, o pátio da escola de Corentin. Eles veem seu filho sozinho, enquanto as outras crianças brincam juntas, e se sentem desamparados diante da situação.

Mainardi e Okamoto (2017, p.827) dissertam sobre o papel que a escola ocupa na vida dos pais. As autoras contextualizam a transformação da escola em uma instituição essencial, enfatizando a confiança depositada pelos pais nesses lugares e como esses “passaram a exigir que a instituição escolar realize não apenas seu papel inicial, do ensino, como foi instituído com a escola no século XIX, e sim papéis que anteriormente constituíam-se como da família”.

Além disso, Janin (2011) destaca que a relação com a aprendizagem não está intimamente relacionada com o prazer do descobrimento, mas em grande parte pela entrada no mundo do trabalho. Assim, de acordo com a autora, o terror da exclusão escolar vivido pelos pais estaria ligado à ideia de que seu filho está “fora do mundo”. A autora aponta ainda que esta vivência de catástrofe frente às dificuldades escolares do filho é uma forma de violência sobre essa criança, já que impõe a ela um lugar de adulto antes do tempo. Diante dessas questões, entendemos como a frustração de ver o filho deslocado do lugar de pertencimento que a escola proporciona, desorganizou os pais de Corentin, gerando cada vez mais conflitos entre eles.

A partir deste momento, ao tentar resolver as questões da escola de Corentin, Paul e Sofia começam a questionar-se de suas próprias convicções, fazendo com que diversos dilemas e contradições em suas atitudes apareçam, o que os leva a diversas cenas cômicas pelas incoerências que escancaram: mentir, mostrar seu vídeo Punk-rock com os dizeres “*vou foder o papa*” numa escola católica, entre outras. Vale ressaltar, então, que a questão

que envolve a dificuldade do pai de Corentin em lidar com o desconhecido do outro, parece ser algo relacionado com a dificuldade que ele tem de reconhecer o desconhecido nele mesmo.

Assim, diante de suas convicções e posicionamentos, Paul, em certo momento, parece se tornar o contrário do que sempre acreditou e isso causa um estranhamento interno que promove conflitos com o externo. Podemos relacionar este estranhamento do personagem com o que Freud (1919/2010) denominou *Unheimlich*. Para o autor, este conceito carrega a ambivalência de um estranho familiar, ou seja, algo que traz consigo uma angústia, um sentimento de sinistro, quando evoca um impulso de repetição anterior. Em outras palavras, o sinistro, o inquietante, é algo que deveria ficar oculto, mas por algum motivo se manifestou.

Podemos trazer como exemplo, o fato de que Paul sempre se rotulou como “mente aberta”, e em determinado momento começa a agir com intolerância religiosa perante os amigos de Corentin; em outro momento, Paul se irrita quando Corentin é visto como a criança branca e privilegiada da escola, sendo que ele sempre se portou como uma classe oprimida e sempre se posicionou a favor das minorias.

Essa intolerância com o externo evidencia a dificuldade de Paul em se perceber diante do olhar do outro, quando ele mesmo se torna o diferente. Diante do olhar do outro, existe a exacerbação do sinistro nele mesmo e diante disso, Paul não suporta e assim, a intolerância e o preconceito vêm à tona como ataque ao outro que ilumina para si o seu desconhecido.

Desta forma, ao perceberem-se diante destas diversas contradições (entre seus valores tão fixos e suas atitudes diante do dilema da escola), os pais de Corentin entram em contato com o desconhecido de si mesmos que geram

conflitos, inclusive, no campo da conjugalidade. Essa questão é evidenciada quando, diante da intensidade das desavenças, Sofia e Paul começam a discutir, mostrando que há uma dificuldade do parceiro em entrar em contato com a singularidade do outro e que, a partir disso, surge o “estado de irritação” que se caracteriza como a “exteriorização de um forte sentimento de intolerância ao que provém do outro, o não coincidente com o sujeito” (BERENSTEIN, 2011, p.110).

Este impasse na conjugalidade fica evidente quando Sofia convida um casal vizinho, pais de um dos colegas de Corentin, para um jantar no intuito de enturmar o filho com o colega. Durante esta cena, enquanto a mãe tenta tornar o diferente semelhante - muda seus argumentos, defende posições nas quais não acreditava a princípio - para agradar àquele casal e fazer com que seu filho se sinta incluído, o pai mantém-se enrijecido, mostrando como cada um lida com as diferenças de formas distintas. A discussão que sucede neste jantar é o estopim para a curva dramática da narrativa, levando a uma separação temporária do casal.

Apesar do conflito na conjugalidade envolver o vínculo, é interessante ressaltar a *ajenidad* nesta situação do jantar representada pelo pai, sendo que Paul é rígido e inflexível quanto aos seus posicionamentos e atitudes, parecendo viver uma ideologia que a França deixara para trás há tempos. Já Sofia, mesmo sendo descendente de imigrantes, o que caracterizaria um lugar de “diferença”, possui maior confluência com a cultura francesa do que seu marido. Quem define o que é “ser francês”, ou quem é o *ajeno*, neste contexto? Será que haveria uma definição específica? Isso evidencia, conforme aponta Weissmann (2019) a fragilização das estruturas nacionais em um mundo cuja organização passa a ser transnacional.

Complementando tal reflexão, Bauman (2017) aponta que os migrantes nos deparam com questões às quais

preferíamos nos esquecer ou não entrar em contato, sobretudo num mundo globalizado, baseado num consumo desenfreado e que trata os indivíduos como mercadoria também consumíveis e descartáveis. Assim,

Esses nômades - não por escolha, mas por veredicto de um destino cruel - nos lembram, de modo irritante, exasperante e aterrador, a (incurável?) vulnerabilidade de nossa própria e a endêmica fragilidade de nosso bem-estar arduamente conquistado (BAUMAN, 2017, p. 21).

Apesar de toda a ideologia de pseudo luta desse pai, ao se deparar com um contexto tão diverso e desconhecido no qual seu filho sofre, o diferente é apontado como o culpado por todos os sofrimentos e mazelas vividos por Corentin, e dessa maneira, Paul não necessita entrar em contato com suas contradições e preconceitos, ou seja, não precisa entrar em contato com o seu “desconhecido” obscuro.

Apenas quando Paul abre mão de seus princípios fortemente defendidos, em detrimento do bem-estar de seu filho e esposa, passa a integrar as opiniões diferentes das suas e fazer com que a relação funcione novamente. Isto demonstra que o trabalho vincular pode trazer as diferenças e os questionamentos como edificantes, tanto para o vínculo em si, quanto para cada um de seus membros. No que diz respeito à parentalidade, implica reconhecer que exercer as funções parentais demanda uma construção e reconstrução constante, a partir das demandas que o vínculo e o mundo social impõem. É, portanto, um trabalho bidirecional: o filho impõe mudanças nos pais e vice-versa.

Neste íterim, vale ressaltar que a forma como cada um dos pais exerce a parentalidade está relacionada com a qual cada um deles lida com as exigências da alteridade vincular. Esse apontamento pode ser ilustrado quando

Corentin, ao contar sobre as ameaças que estava sofrendo por não acreditar em Deus, acende uma discussão entre seus pais. Sofia afirma que o filho é livre para acreditar no que quiser, sendo que ela considera mais importante que ele esteja enturmado com as crianças e não sofra, ao passo que Paul, fortemente agarrado em seus princípios e sem dar espaço para alteridade do filho, enfatiza que os amigos de Corentin estão errados e que Deus não existe.

Outra cena que coloca essas questões em evidência acontece quando Corentin, sem vontade de ir à escola, diz estar doente. Os pais então, ao dialogarem com ele, exercem suas funções cada um à sua maneira, como explicitado no diálogo abaixo.

Paul: Os outros precisam se adaptar a você. Sempre tem que falar o que pensa, isso é ser rebelde.

Sofia: Às vezes, é preciso saber se adaptar aos outros. Para seus amigos, fale parte do que pensa, se isso for bom para você, se for para se sentir parte do grupo. E você pode continuar livre na sua cabeça.

Paul: Se for forte, seus colegas vão te respeitar. Vai fazer parte do grupo. E, ao mesmo tempo, vai ser livre na sua cabeça.

No diálogo acima, os pais de Corentin conversam separadamente com o filho. Como percebido, Sofia sempre propõe alternativas que auxiliam o filho em lidar com o diferente no outro, buscando assim o bem-estar do mesmo sem deixar completamente de refletir sobre suas crenças. Já Paul, em uma posição mais rígida, sempre enfatiza o quão o filho deve se impor perante os outros, não deixando seus princípios de lado, e por isso não o auxilia em lidar com a alteridade. Para Puget e Berenstein (2008) esta modalidade vincular na qual não há espaço para as diferenças resultam numa anulação do outro, do diferente, o que pode ser lido como um tipo de violência.

Neste sentido, o filme ressalta a importância de tolerar e possibilitar um “fazer com” as diferenças. Isso fica evidente na cena final do filme, na qual, diante do desmoronamento da escola, há uma mobilização das mulheres ali presentes, em especial as que utilizavam véu, para salvar o diretor da escola. Weissmann (2019) salienta que a globalização suscita uma desestabilização das ordens nacionais e remete à confrontação, entrelaçamentos, nas quais as diferenças estabelecem relações de negociação, conflito e empréstimo recíproco. Nas palavras da autora

Este diálogo tem que ser posto em prática, para ter as ideias encarnadas, fazendo-se presentes na pluralidade dos pontos de vista, sem que nenhum prevaleça sobre o outro. Na visualização e enunciação das forças de poder se formam espaços para diferentes processos de subjetivação. A interculturalidade se separa da cultura hegemônica na procura de diálogos ou gestos interculturais (WEISSMANN, 2019, p.62).

Considerações Finais

Um dos méritos do filme consiste em deslocar a experiência de estranhamento e de sentimento de não pertencimento para as famílias francesas, ou seja, quando pais e filhos “verdadeiramente” franceses se deparam com uma escola repleta de filhos de imigrantes, são eles quem se sentem estranhos e descolados da valorizada escola pública frequentada pelos pais na infância. Diante de tal experiência de perda da pertença oferecida pelo espaço escolar (essencial para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento) é que os conflitos, ambivalências e contradições apontados no filme se desenrolam.

O sujeito, portanto, constitui seu psiquismo a partir dos vínculos nos quais está inserido e assim passa a ser

inscrito no meio social – transubjetivo -, perpassando o grupo de origem, ou seja, a família. Desde o início da constituição de um vínculo conjugal entre pares amorosos, a criança (mesmo antes de existir), já permeia o imaginário dos pais, fazendo parte de um psiquismo familiar, pois, de acordo com Lebovici (2004), o processo de parentalização abrange uma criança imaginada pelos seus pais, efeito de ambas histórias transgeracionais que permite a integração da criança à sociedade e ao seu grupo social. Podemos então empreender que a parentalidade é um processo vincular que influencia e é influenciado pelos três espaços psíquicos anteriormente referidos: *intrasubjetivo intersubjetivo e transubjetivo*.

Dito isso, compreendemos que a inserção do sujeito no social e sua habilidade para integrar e lidar com o diferente - alteridade - é decorrente do exercício parental realizado, sendo que a criança se constrói a partir da família, que ainda pode ser considerada uma instituição essencial, visto que é o primeiro grupo de pertencimento que constitui suporte psíquico e sustenta as identificações primárias (ROJAS, 2010). Os pais de Corentin transmitem a ele posições diferentes de como se inserir no meio transubjetivo, a partir de posicionamentos frente à tolerância do que é diferente de si. A parentalidade então é um exercício e um processo complexo, que exige o trabalho psíquico sobre o diferente.

Além disso, no filme podemos notar a importância do espaço transubjetivo para a edificação do sentimento de pertencimento e de identidade, reafirmando a importância do contexto social como aporte e apoio para as sustentações narcísicas e para a constituição do sentimento de pertencimento e ligação a um grupo e um conjunto, permitindo a constituição do sujeito num “nós” ao qual pode sentir-se acolhido, protegido e pertencente,

oferecendo-lhe o acesso aos códigos e sinais comuns e compartilhados socialmente.

Porém, no contexto contemporâneo marcado por grandes fluxos migratórios e todas as diferenças culturais resultantes dessa movimentação populacional, o contato com os “estranhos” ameaça o reconhecimento entre os iguais, esgarçando o tecido transubjetivo. As movimentações das sociedades diante de tal ameaça tem se baseado na tentativa de inocular os imigrantes, restringindo-lhes o acesso ao contexto social, para que assim fiquem invisíveis. Porém, o embate ocorre e o filme destaca esse des-encontro no contexto escolar, exigindo dos pais a possibilidade de negociações identitárias e de pertencimento entre os diferentes.

A guisa de conclusão, podemos assumir que o diferente, a *ajenidad*, além de condição ontológica do vínculo, é essencial para uma construção vincular edificante, quando associada à curiosidade e um trabalho vincular de “fazer com”, de construir algo conjuntamente, a partir desta diferença. À vista disso, seria possível construir pontes: entre uma cultura e outra, entre um sujeito e outro, etc., superando a condição ansiogênica das mudanças inevitáveis que os vínculos nos impõem, principalmente quando esses despertam o *ajeno* que há em nós mesmos.

Referências

ARAGÃO, R. O. **A Construção do espaço psíquico materno e seus efeitos sobre o psiquismo nascente do bebê.** 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Laboratório de Psicopatologia Fundamental, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

- BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BERENSTEIN, I. **Do ser ao fazer: curso sobre vincularidade** [Trad. Monica Seimeman], São Paulo: Via Lettera, 2011.
- BERENSTEIN, I.; PUGET, J. **Psychanalyse du lein: dans différents dispositifs thérapeutiques** [trad. De l'espagnol par Geneviève Richard]. Paris: Érès, 2008.
- BERENSTEIN, I; PUGET, J. **Psicanálise do Casal**. [Trad. Francisco F. Settineri]. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- BERTIN, I. P.; PASSOS, M. C. A transmissão psíquica em debate: breve roteiro das concepções psicanalítica e sistêmica. **Interações**. v.VIII, n.15, pp. 65-79, jan./jun. 2003.
- BLEICHMAR, E. Lo que falta en la formulación de la función maternal. In: **Parentalidades y género: Su incidência em la subjetividade**. Alkolombre, P, Sé Holovko (orgs.). Buenos Aires: Letra Viva, 2016.
- DANTAS, C.; JABLONSKI, B.; FERES-CARNEIRO, T. Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 29, pp.347-357, Dec. 2004.
- FREUD, S. O inquietante. (1919). In: **Obras completas de S. Freud. vol 14- História de uma neurose infantil (“O Homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. [Trad. Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GOMEL, S. K. Narcisismo, ideal e identificação em Psicanálise de família. In: **Família e inconsciente**. Buenos Aires: Paidós, 1996.
- JANIN, B. **El sufrimiento psíquico en los niños: psicopatología infantil y construcción subjetiva**. 1a ed. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2011.
- JAROSLAVSKY, E. A. El modelo vincular franco – argentino contemporáneo. **Psicoanálisis & intersubjetividad**, Buenos Aires, v. 9, n1, ISSN: 1850-4116, 2019.

KLEIN, M. O desenvolvimento inicial da consciência na criança (1933). **Contribuições à psicanálise**. 2 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981. p.335-348.

MENENDEZ, J. et al. A função do pai na consulta terapêutica pais-bebê. In: SILVA, M. C.; SOLIS-PONTON, L. (Orgs.), **Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

NAÇÕES UNIDAS. Estudo da ONU aponta aumento da população de migrantes internacionais. 2019. Disponível em: <[PUGET, J. Disso não se fala... Transmissão e memória. In: **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. Olga Ruiz Correa \(org.\). São Paulo: Escuta, 2000.](https://nacoesunidas.org/estudo-da-onu-aponta-aumento-da-populacao-de-migrantes-internacionais/#:~:text=O%20n%C3%BAmero%20de%20migrantes%20internacionais,ter%C3%A7a%2Dfeira%20(17)>. Acesso em 05 Ago 2020.</p></div><div data-bbox=)

PUGET, J. Intersubjetividad. Crisis de la representacion. **Psicoanálisis ApdeBa**, vXXV, n1, pp. 175-190, 2003.

PUGET, J. Linearidad y discontinuidades: el poder y las relaciones de poder. **Psicoanálisis de las configuraciones vinculares**. V XXXIII, n2, pp. 98-104, 2010.

PUGET, J. Las violências em diferentes situaciones. **Psicoanálisis** v. XXXIII, n1, pp. 117-131, 2011.

PUGET, J. **Subjetivación descontinua y psicoanálisis: incertidumbre y certezas**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2015.

PUGET, J. Algo acerca del concepto de diferencia. **Psicanálise**, n19, v2, pp. 82-94, Porto Alegre, 2017.

ROJAS, M. C. Desamparo y desmentida en la familia actual: intervenciones del analista. **Vínculo.**, v.7, n.2, pp. 2-7, 2010. ISSN 1806-2490.

SEIDMANN, L. A. W. **Interculturalidade e vínculos familiares: uma intervenção psicossocial**. 2016. Tese

(Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SCHOLZ, A. L. T. *et al.* O exercício da parentalidade no contexto atual e o lugar da criança como protagonista.

Estud. psicanal., Belo Horizonte, n. 44, pp. 15-22, dez. 2015.

SVARTMAN, B. Transsubjetividade - sociedade atual: a importância das redes de apoio. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 4, pp. 29-36, dez. 2003.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702003000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 Jul 2020.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento do indivíduo**. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

WEISSMANN, L. **Interculturalidade e vínculos familiares**. São Paulo: Blucher, 2019.

ZORING, S. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanalítico**, v. 42, n.2, pp. 453-470, 2010.

SOBRE OS (AS) AUTORES (AS)

Aline de Jesus Maffi. Fotógrafa, graduada em Ciências Sociais, especialista em Antropologia com mestrado em Docência para a Educação Básica. Professora de Sociologia na Secretaria Estadual de Educação de São Paulo.

E-mail: alinemaffi@gmail.com

Alekssey Di Piero. Psicólogo e Pedagogo. Docente no Curso de Psicologia do Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO) em Bauru – SP. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da UNESP – Araraquara. Mestre em Psicologia Social pela PUC-SP. Especialista em Planejamento, Gestão e Implementação da EAD pela Universidade Federal Fluminense. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC). Áreas de atuação principais: Psicologia Fenomenológico-existencial. Psicologia e Política. Desenvolvimento Humano e Sexualidade.

E-mail: alekssey.dipiero@gmail.com

Ana Cláudia Bortolozzi. Psicóloga. Docente no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Livre docente em Educação Sexual, Inclusão e Desenvolvimento Humano. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC) e do Laboratório de Ensino e Sexualidade Humana (LASEX). Áreas de atuação principais: Psicologia do Desenvolvimento Humano. Educação Sexual. Sexualidade e Deficiências.

E-mail: claudia.bortolozzi@unesp.br

Ana Cláudia Figueiredo Rebolho. Graduada em Pedagogia e História, e Doutora em Educação Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, em Araraquara, onde também realizou estágio de Pós-Doutorado. É coordenadora e professora do curso de licenciatura em Pedagogia no UNICEP, em São Carlos.
E-mail: acrebolho@hotmail.com

Andreza Marques de Castro Leão. Mestre em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos- UFSCar. Doutorado em Educação Escolar com Pós-Doutorado em Sexologia e Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara- FCLAr- Unesp. Docente do Departamento de Psicologia da Educação e dos Programas de Pós-graduação em Educação Escolar e Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara- FCLAr- Unes
E-mail: andreza.leao@unesp.br

Aparecido Renan Vicente. Formado em psicologia. Conselheiro tutelar no Conselho Tutelar de Matão-SP. (Gestão 2016-2020) e (Gestão 2020-2024). Mestre em Educação Sexual pela Unesp-Araraquara. Foi estagiário em um Projeto Social que atende crianças e adolescentes e também no Centro de Referência de Assistência Social-CRAS. Tenho experiência com a Rede de Proteção dos Direitos da Criança e do Adolescente. Sou tutor na Universidade Virtual do Estado de São Paulo-Univesp.
E-mail: renanvct.psico@yahoo.com.

Brenda Sayuri Tanaka. Graduanda em Psicologia, Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Bauru. Áreas de atuação principais: Desenvolvimento infantil no primeiro ano de vida, desenvolvimento psicossocial na adolescência, sexualidade

feminina e violência sexual. Grupo de pesquisa: Sexualidade, Educação e Cultura – GEPESEC.
E-mail: brendastanaka@gmail.com

Bruna Bortolozzi Maia. Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP/FCL/Assis. É bolsista de Iniciação Científica da FAPESP, com projeto intitulado "Considerações psicanalíticas sobre narcisismo parental: uma revisão de literatura" desde 2018. Integrante do Laboratório de Estudo e Pesquisa em Psicanálise e Vincularidade - LaPsiVi. Áreas de atuação: Psicanálise, psicanálise vincular.
E-mail: bruna.b.maia@unesp.br

Débora de Aro Navega. Enfermeira. Mestra em Educação Sexual. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP. Bolsista CAPES. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GEPESEC). Áreas de atuação principais: Psicologia do Desenvolvimento Humano e Saúde. Sexualidade. Educação sexual.
E-mail: debora.navega@unesp.br

Elisabete Figueroa dos Santos. Possui graduação, mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Tem experiência de pesquisa com jovens negros e negras. Concentra suas reflexões e produções na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social e do Conhecimento e Psicologia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: identidades, representações, relações raciais, gênero, sexualidade, movimentos de resistência e epistemicídio.
E-mail: bete.figueroa@gmail.com

George Miguel Thisoteine. Bacharel em Psicologia (Faculdade de Ciências) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Bauru (2018). Hoje, pesquisa sobre Educação e Sexualidade junto ao programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Unesp-Araraquara e cursa graduação em Letras junto a Universidade de São Paulo. Áreas de atuação principais: Clínica psicanalítica e fundamentos teórico-técnicos da clínica psicanalítica. Acompanhamento Terapêutico da clínica das psicoses e uso de drogas.
E-mail: georgemtcmf@gmail.com

Laryssa de Cássia Ramos Gomes. Graduada em História, especialista em Antropologia, mestranda em Mídia e Tecnologia. Professora de História na Secretaria Estadual de Educação de São Paulo.
E-mail: larycrgomes@gmail.com

Leilane Raquel Spadotto de Carvalho. Psicóloga. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Membro e coordenadora de reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC). Áreas de atuação principais: Psicologia do Desenvolvimento Humano, Sexualidade, Educação Sexual e Inclusão.
E-mail: leilane.spadotto@hotmail.com

Luana Pagano Peres Molina. Doutora pela Universidade Federal de São Carlos no programa de Educação na linha de pesquisa em Educação, Cultura e Subjetividade. Bolsista Capes (PDSE) Doutorado Sanduíche para a Universidad de Buenos Aires/Argentina, no IIEGE (Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género). Mestre em

História Social. Pós-Graduada em Psicologia Aplicada à Educação e Graduada em História - Habilitação em Licenciatura - pela Universidade Estadual de Londrina (2008). Professora da Educação Básica e do Ensino Superior, atuando em disciplinas, como: Didática; Educação Inclusiva; Fundamentos e História da Educação; Ensino de História; Educação em Direitos Humanos; Práticas Pedagógicas; Educação e Interdisciplinaridade, entre outras.

E-mail: lpmmolina@hotmail.com

Luciana Maria Biem Neuber. Psicóloga Clínica. Mestre e Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/UNESP-Botucatu (2005/2010). Terapeuta de Casais e Famílias. Terapeuta em EMDR (Eye Movement Desensitization and Reprocessing). Psicodramatista. Coordenadora do Projeto Fortalecer, Grupo Amigas do Peito de Bauru. Docente do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru (FIB).

E-mail: psibiem@gmail.com

<http://www.espacovidabauru.com.br/>

Mary Neide Damico Figueiró. Psicóloga e pesquisadora/autora. Professora Aposentada da Universidade Estadual de Londrina - PR (UEL). Mestre em Psicologia Escolar pela USP de São Paulo. Doutora em Educação pela UNESP, campus de Marília (SP). Por sua atuação profissional, em 1999 recebeu o título Especialista em Educação Sexual pela SBRASH (Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana). Defensora da Abordagem Emancipatória de Educação Sexual, é autora de quatro livros sobre o tema.

E-mail: contato@maryneidefigueiro.com.br

María Flor Oliveira Di Piero. Psicóloga e Pedagoga. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da UNESP – Araraquara. Mestre em Psicologia Social pela PUC-SP. Especialista em Planejamento, Gestão e Implementação da EAD pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Políticas Públicas e Justiça de Gênero pelo Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC). Áreas de atuação: Psicologia e Comunicação, Sexualidade, Gênero e Educação Escolar.
E-mail: mariaflordipiero@gmail.com

Mary Yoko Okamoto. Psicóloga e docente do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras - FCL - Universidades Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicanálise e Vincularidade – LaPsiVi. Áreas de atuação: psicanálise, psicanálise de vínculos, imigração, famílias e casais.
E-mail: mary.okamoto@unesp.br

Paola Alves Martins dos Santos. Advogada. Doutoranda em Educação Escolar (UNESP – Araraquara). Mestre em Educação. Licenciatura em Pedagogia. Especialista em Direito Educacional. Professora e coordenadora dos cursos técnicos em Marketing e Serviços Jurídicos da Etec Dr. Adail Nunes da Silva na cidade de Taquaritinga/SP. Conciliadora e Mediadora na cidade de Monte Alto/SP.
E-mail: pao6.amsantos@hotmail.com

Patricia Akitomi da Rocha. Formada em Administração de Empresas e Direito. Advogada. MBA em gestão de direção e desenvolvimento de pessoas. Especialização em direito médico e da saúde. Membro voluntária do Grupo de

Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GEPESEC). Áreas de atuação principais: Direito de família, Direito empresarial, Direito médico e da saúde.
E-mail: patriciaakitomi.adv@hotmail.com

Paulo Rennes Marçal Ribeiro. Graduado em Psicologia e Pedagogia, e Doutor em Saúde Mental pela Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Realizou Pós-Doutorado no Instituto de Psiquiatria da UFRJ. É Professor Associado no Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, em Araraquara.
E-mail: paulo.rennes@unesp.br

Raissa Pinto Rodrigues. Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP/Assis. Pesquisadora integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicanálise e Vincularidade -LaPsiVi. Áreas de atuação: Psicanálise, psicanálise vincular, conjugalidade e parentalidade.
E-mail: raissa.p.rodrigues@unesp.br

Rinaldo Correr. Psicólogo. Mestre em Educação. Doutor em Psicologia Social e do Trabalho. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, SP. Coordenador e docente dos Cursos de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru (FIB) e Faculdades Eduvale de Avaré. Pesquisados do Grupo "Sexualidade, Educação e Cultura"-GEPESEC (CNPq)
E-mail: correr.rinaldo@gmail.com

SOBRE AS ORGANIZADORAS

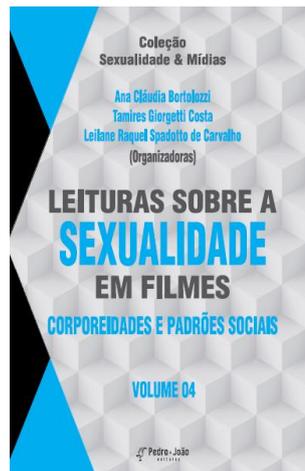
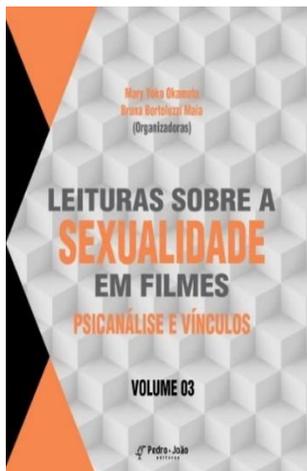
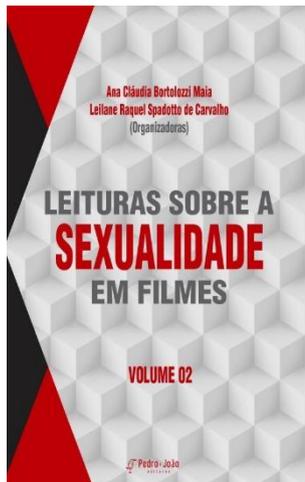
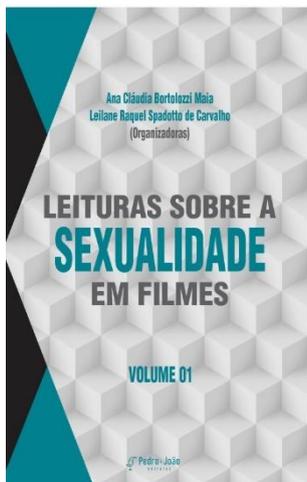
Ana Cláudia Bortolozzi. Psicóloga. Docente no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Livre docente em Educação Sexual, Inclusão e Desenvolvimento Humano. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC) e do Laboratório de Ensino e Sexualidade Humana (LASEX). Áreas de atuação principais: Psicologia do Desenvolvimento Humano. Educação Sexual. Sexualidade e Deficiências.

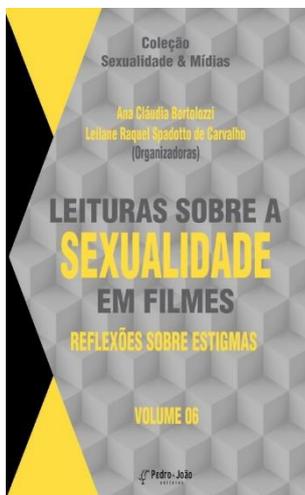
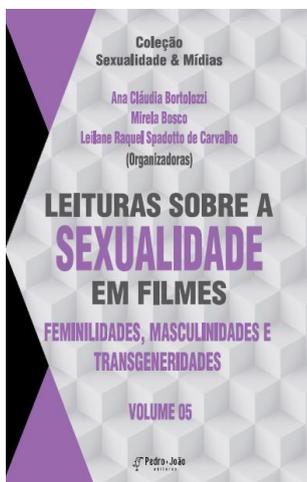
E-mail: claudia.bortolozzi@unesp.br

Leilane Raquel Spadotto de Carvalho. Psicóloga. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Membro e coordenadora de reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC). Áreas de atuação principais: Psicologia do Desenvolvimento Humano, Sexualidade, Educação Sexual e Inclusão.

E-mail: leilane.spadotto@hotmail.com

OUTROS VOLUMES DA COLEÇÃO SEXUALIDADE & MÍDIAS





Neste volume 8 da **Coleção Sexualidade & Mídias**, apresentamos dois grandes eixos: Vínculos (sejam esses parentais, amorosos e/ou sexuais) e Desejos eróticos (a partir da psicanálise e de outras discussões). Além disso, um primeiro capítulo abre a obra, refletindo sobre feminismo, colonialismo e exploração de classe. Assim, nos diferentes capítulos há entrelaçamentos de vários assuntos, sob vários pontos de vistas, como gênero, orientação sexual, raça, deficiência, violência, assédio, prostituição, migração, etc. evidenciando importantes intersecções sobre essas temáticas.

